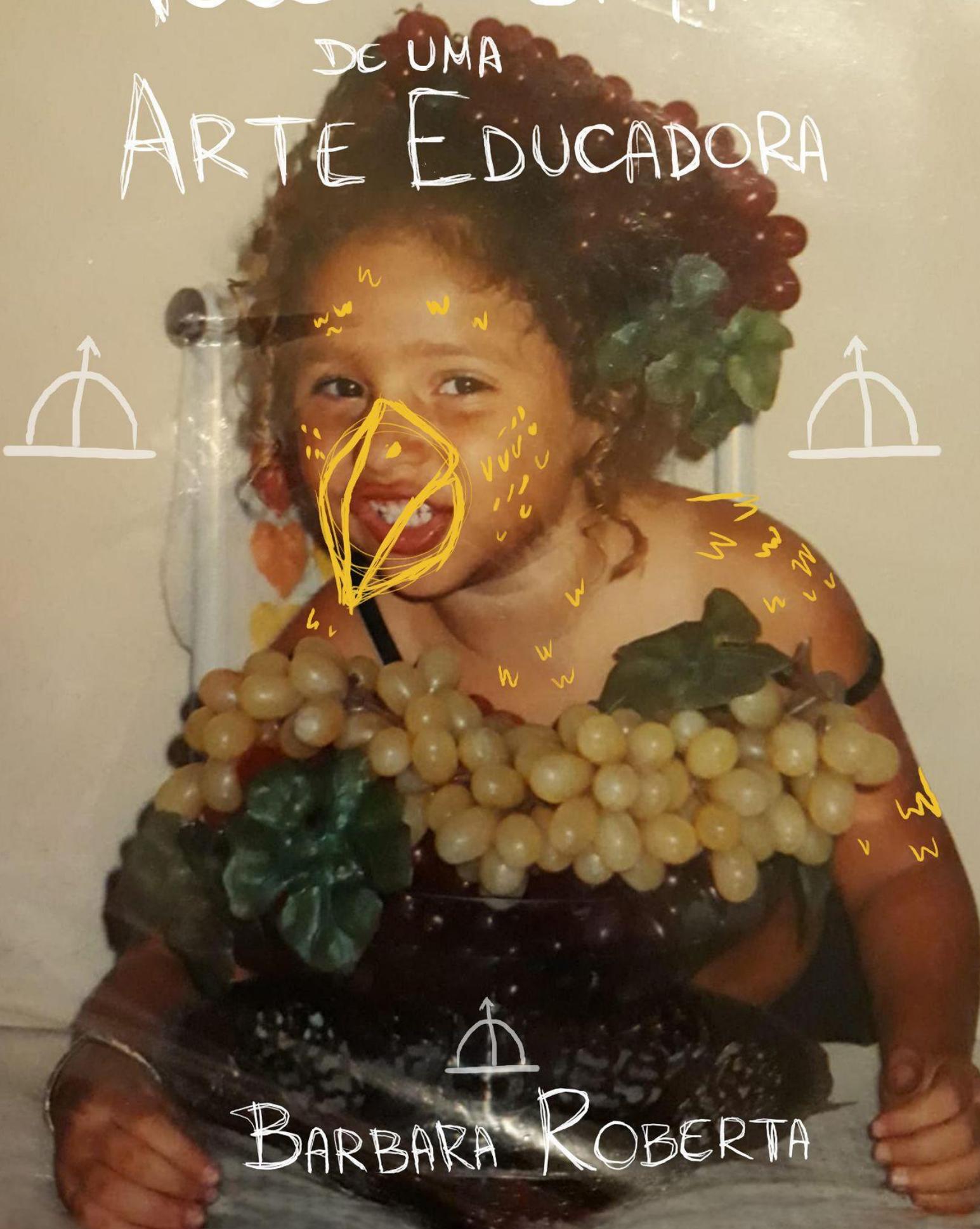
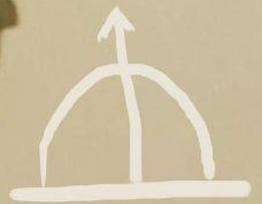


# VOOS e CAÇAS

DE UMA

# ARTE EDUCADORA



BARBARA ROBERTA

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Araújo , Barbara Roberta Pontes .

Voos e caças de uma arte educadora: narrativa autobiográfica a favor da  
liberdade / Barbara Roberta Pontes Araújo . - Recife, 2023.

113 : il.

Orientador(a): Maria Betânia e Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2023.

1. Arte educação. 2. Artes visuais. 3. Narrativa Autobiográfica. 4.  
Colonização e Cultura. I. Silva, Maria Betânia e. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

Design de página: Mateus Melo e Barbara Roberta, grafismo Xukuru do Ororubá, 2023.  
Imagem da capa: Mateus Melo, Sem título, 2023. Desenho digital.  
Intervenção sobre fotografia de acervo pessoal.



BRENO LOESER | ITANS

*Em tempos distantes, Odùdùwa, Obà de Ifé, diante do seu Palácio Real, chefiava o seu povo na festa da colheita dos inhames. Naquele ano a colheita havia sido farta, e todos em homenagem, deram uma grande festa comemorando o acontecido, comendo inhame e bebendo vinho de palma em grande fartura. De repente, um grande pássaro, (èlèye), pousou sobre o Palácio, lançando os seus gritos malignos, e lançando rajadas de fogo, com intenção de destruir tudo que por ali existia, pelo fato de não terem oferecido uma parte da colheita as Àjès (feiticeira, portadoras do pássaro), personificando seus poderes através de Ìyamì Òsóróngà.*

*Todos se encheram de pavor, prevenido desgraças e catástrofes. O Oba então mandou buscar Osotadotá, o caçador das 50 flechas, em Ilarê, que, arrogante e cheio de si, errou todas as suas investidas, desperdiçando suas 50 flechas. Chamou desta vez, das terras de Moré, Osotogi, com suas 40 flechas. Embriagado, o guerreiro também desperdiçou todas suas investidas contra o grande pássaro. Ainda foi convidado para grande façanha de matar o pássaro, das distantes terras de Idô, Osotogum, o guardião das 20 flechas. Fanfarrão, apesar da sua grande fama e destreza, atirou em vão 20 flechas, contra o pássaro encantado e nada aconteceu. Por fim, já com todos sem esperança, resolveram convocar da cidade de Ireman, Òsotokànsosó, caçador de apenas uma flecha.*

*Sua mãe Yemonjá, sabia que as èlèye viviam em cólera, e nada poderia ser feito para apaziguar sua fúria a não ser uma oferenda, vez que três dos melhores caçadores falharam em suas tentativas. Yemonjá foi consultar Ifá para Òsotokànsosó. Foi consultar os Bábáláwo e eles disseram para Yemonjá preparar ekùjébú (grão muito duro), um frango òpìpì (frango com as plumas crespas), èkó (massa de milho envolta em folhas de bananeira) e seis búzios. Assim Yemonjá fez.*

*Neste exato momento, o seu filho disparava sua única flecha em direção ao pássaro, esse abria sua guarda recebendo a oferenda ofertada por Yemonjá, recebendo também a flecha certa e mortal de Òsotokànsosó. Todos após tal ato, começaram a dançar e gritar de alegria: "òsòsì! òsòsì!" (caçador do povo). A partir desse dia todos conheceram o maior guerreiro de todas as terras, foi referenciado com honras e carrega seu título até hoje. Oxóssi!*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO - CAC  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

VOOS E CAÇAS DE UMA ARTE EDUCADORA: NARRATIVA  
AUTOBIOGRÁFICA A FAVOR DA LIBERDADE

*Barbara Roberta Pontes Araújo*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de  
Licenciatura em Artes Visuais como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Maria Betânia e Silva

Recife, 2023

VOOS E CAÇAS DE UMA ARTE EDUCADORA: NARRATIVA  
AUTOBIOGRÁFICA A FAVOR DA LIBERDADE

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Maria Betania e Silva  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

---

Profa. Dra. Fabiana Cristina da Silva  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)

---

Profa. Dra. Magda Vieira  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

Aprovado em 13 de setembro de 2023.

Aos meus pais, meus alunos e meus sonhos.



Minha mãe com seus 15 anos de idade, Brejo da Madre de Deus, PE. Fotografia, 1989. Acervo pessoal

Eu aos 3 anos de idade, Barra do Farias, distrito de Brejo da Madre de Deus - PE. Fotografia, 2003. Acervo pessoal

Meu pai com seus 18 anos de idade, Belo Jardim - PE. Fotografia, 1985. Acervo pessoal



## BEM-TE-VI.

**AGRADEÇO** a Deus e ao meu sagrado. Esses nunca falharam comigo, nem por um segundo. Devo minha vida, minhas conquistas, meu crescimento e o brilho dos meus olhos. Não tenho medo de nada porque tenho fé.

Meus pais, José Roberto Pontes Júnior, Rosa Maria Siqueira de Araújo, seus pais, os pais de seus pais e cada cabôco que veio antes de mim. Nenhum nunca me abandonou, nem os encantados, nem os vivos, que precisam gastar seu limitado tempo com suas próprias missões.

À minha irmã Odara Araújo, que sempre me amou incondicionalmente e, como uma boa capricorniana, me dá choques de realidade. Mesmo distantes seremos para sempre uma dupla.

Ao meu tio Bosco e sua família, donos dos melhores abraços do mundo e grandes exemplos de integridade.

Às amizades que pude contar quando o caldo engrossou: Michael Potyguara, Kennedy Lamartine, Marília Renata, Mateus Melo, Nathalia Oliveira, Ana Luiza Jofili, Vinícius José, Keroly Oliveira, Vinícius Ananias, Thifany Nascimento, Mauro Jorge Santana, Gielson Albuquerque, Ana Maria Rodrigues e Tarcísio Souza. Todos muito diferentes, mas igualmente fiéis e verdadeiros, como devem ser os parceiros.

Aos meus sobrinhos e afilhados Davi, Dante, Olga, Raoni, Luiz, Italo e Hélio.

Ao meu padrinho Dácio Fernandes, minha madrinha Maria José da Silva e meus irmãos de santo, em especial Beatriz Torres, Eliane Ribeiro, Rhaíssa Ramos, Bárbara Regina e sua família, que me deram um colo familiar quando precisei.

Ao meu zelador Hypólito Patzdorf, que muito me ensinou, acolheu e cuidou com responsabilidade e carinho.

À professora e amiga Magda Vieira, que me enxergou, confiou em mim e me deu oportunidades muito valiosas.

À minha orientadora e ser humano admirável Maria Betânia, por me trazer clareza e tranquilidade todas as vezes que a procurei perdida.

Às várias pessoas que cruzaram meu caminho com boas intenções e me ajudaram de alguma maneira a chegar aqui.

Aos meus alunos! Cada um deles. São quem fazem tudo valer a pena.



Fotografia de Paulo Hungria, Petrópolis- RJ.  
Disponível em [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)



Eu, minha irmã e sacos de mercadoria.  
Fotografia, 2001. Acervo pessoal

Eu, minha irmã  
e nossa avó  
materna, Maria  
José.  
Fotografia,  
2013. Acervo  
pessoal.



Eu, minha irmã, meus primos e meu tio  
Bosco. Fotografia, 2005. Acervo pessoal



Minha avó paterna, Maria do Amparo. Fotografia, 2009. Acervo pessoal.

Vejo a vida passar num instante  
Será tempo o bastante que tenho pra viver?  
Não sei, não posso saber  
Quem segura o dia de amanhã na mão?  
Não há quem possa acrescentar um milímetro a cada estação  
Então, será tudo em vão? Banal? Sem razão?  
Seria, sim seria, se não fosse o amor  
O amor cuida com carinho  
Respira o outro, cria o elo  
O vínculo de todas as cores  
Dizem que o amor é amarelo

É certo na incerteza  
Socorro no meio da correnteza  
Tão simples como um grão de areia  
Confunde os poderosos a cada momento  
Amor é decisão, atitude  
Muito mais que sentimento  
Alento, fogueira, amanhecer  
O amor perdoa o imperdoável  
Resgata a dignidade do ser  
É espiritual  
Tão carnal quanto angelical  
Não tá no dogma ou preso numa religião  
É tão antigo quanto a eternidade  
Amor é espiritualidade  
Latente, potente, preto, poesia  
Um ombro na noite quieta  
Um colo pra começar o dia

Filho, abrace sua mãe  
Pai, perdoe seu filho  
Paz, é reparação  
Fruto de paz  
Paz não se constrói com tiro  
Mas eu miro, de frente  
A minha fragilidade  
Eu não tenho a bolha da proteção  
Queria eu guardar tudo que amo  
No castelo da minha imaginação  
Mas eu vejo a vida passar num instante  
Será tempo o bastante que tenho pra viver?  
Eu não sei, eu não posso saber  
Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida  
Farei um altar pra comunhão  
Nele, eu serei um com o mundo até ver  
O ponto da emancipação  
Porque eu descobri o segredo que me faz humano  
Já não está mais perdido o elo  
O amor é o segredo de tudo  
E eu pinto tudo em amarelo

### **Principia - Emicida**

Se possível, pare essa leitura por alguns instantes e escute essa música com os ouvidos e coração.

## ROLINHA

Esse texto é uma narrativa autobiográfica sobre meu processo de formação como arte educadora em 5 anos de graduação na Universidade Federal de Pernambuco, campus Recife. Reflito sobre os pontos de encontro entre minhas personalidades e vida acadêmica/profissional, a fim de evidenciar que se correlacionam inevitavelmente. O professor não deixa de ser uma pessoa quando entra em sala de aula e um dos objetivos deste trabalho é dissertar sobre o educador antes que sobre a educação, utilizando como referência a minha própria história. Os relatos abordam temas como liberdade, desafios da arte educação, colonização e cultura popular, êxodo nordestino, o curso de Artes Visuais Licenciatura na UFPE e o amor. Opto por uma linguagem menos formal e mais simples, próxima a um diálogo, bem como faço uso de referências populares junto às acadêmicas para fundamentar minhas discussões. A intenção é que se pareça com uma conversa, entre mim e o leitor.

**Palavras-chave:** Arte educação; Artes visuais; Narrativa Autobiográfica; Colonização e Cultura.



Fotografia de Frederico Swarofsky, Curitiba-PR. Disponível em: [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)

## DOVE

This text is an autobiographical narrative about my training process as an art educator in 5 years of graduation at the Federal University of Pernambuco, Recife campus. It reflects the meeting points between my personalities and academic/professional life, in order to show that they are inevitably correlated. Teachers don't stop being human beings when they enter the classroom and one of the objectives of this work is to speak about the educator rather than about education, using my own story as a reference. The discussion themes are freedom, challenges of art education, colonization and popular culture, northeastern exodus, the Visual Arts course at UFPE and love. I opt for a less formal and simple language, close to a dialogue, as well as making use of popular references with the academics to support my discussions. The intention is make it seem like a conversation, between me and the reader.

**Keywords:** Art education; Visual arts; autobiographical narrative; colonization and culture.



Frederico Swarofsky's photograph, Curitiba-PR, Brazil. Available at: [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)



**BANDO | REVOADA**

<b>Zé Pretinho   Tiziu</b>	<b>19</b>
<b>Chico Preto   Assum Preto</b>	<b>22</b>
<b>Carcará</b>	<b>28</b>
<b>Casaca de Couro</b>	<b>33</b>
<b>Canário</b>	<b>42</b>
<b>João de Barro</b>	<b>69</b>
<b>Jaçanã</b>	<b>77</b>
<b>Acauã</b>	<b>82</b>
<b>Sabiá</b>	<b>89</b>
<b>Patativa</b>	<b>95</b>
<b>Salta Caminho   Tico-tico   Jesus-meu-deus</b>	<b>102</b>
<b>Rouxinol</b>	<b>106</b>
<b>Bacurau</b>	<b>109</b>
<b>Peteca   Baladeira   Badoque</b>	<b>111</b>



## ZÉ PRETINHO | TIZIU



Fotografia de Hilda Bezerra, Gravatá-PE. Disponível em: [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)

*Pássaro pequeno, que dá cambalhotas no ar e canta curto como quem chama alguém - Tsiu. Quando novinho tem uma cor marrom e, enquanto cresce, vai escurecendo até ficar bem pretinho.*

Recusamos as tentativas de controle da imaginação e do pensamento único, porque aprendemos com Alves (Rubem Alves, 2009) que a essência dos pássaros é o voo, é a liberdade. Saber disso nos faz gostar ainda mais de ver crianças e adolescentes em pleno voo pelos céus coloridos desses sertões. Encorajamos todas elas a encontrarem em seu íntimo as motivações para atingirem alturas nunca antes alcançadas no espaço celeste.

(Valentim, 2022, p. 14).

Qualquer um que entenda um pouco de astrologia sabe que pessoas do signo de câncer têm uma tendência a saudosismos. Sou canceriana com o ascendente, lua e vênus no signo

de gêmeos, o que significa que gosto de lembranças, mas não me apego ao passado, recordar me impulsiona. Sou expansiva, curiosa e livre, ao passo que cercada de fotos antigas, apegada às minhas raízes e de trato zeloso com coisas e pessoas. Como professora acabei me tornando uma espécie de *tia descolada*. Trabalhar com crianças e adolescentes me deu, desde o primeiro contato, a sensação de estar em casa. É confortável, divertido e engrandecedor para mim e para eles estarmos juntos, em todas as minhas experiências, formais, não formais e informais de educação, sempre me envolvi afetivamente nos processos de ensino e aprendizagem. Colocar-me de coração nessas missões tem me devolvido muito carinho. Para mim, ser útil para o futuro dos estudantes é razão suficiente para encarar os desafios que a profissão de arte educador apresenta .

Ao longo do texto acesso minhas memórias, a fim de apresentar minhas motivações pessoais para ser a professora que sou hoje. Além disso, relato desafios que enfrentei como pessoa, estudante e educadora ao longo desses 5 anos de graduação em Artes Visuais Licenciatura na Universidade Federal de Pernambuco. Abordo temas pessoais como minha trajetória de vida e traços de personalidade para me comunicar com as escolhas da minha escrita. A intenção é trazer o tema de arte educação de um ponto de vista mais humano e pessoal, algo como de dentro para fora, não de fora para dentro, como se vê com maior frequência nos textos acadêmicos. Desta maneira, a escolha de uma narrativa autobiográfica foi inevitável.

Ao investigar trajetórias biográficas de professoras, é importante observar o que nos diz Peña (2015) ao afirmar que as narrativas sobre a infância e a vida familiar permitem dar conta de acontecimentos formativos-intencionados ou não - que marcaram os trajetos biográficos dos indivíduos, suas aprendizagens pessoais e suas expectativas de realização e constituição de si. (PEÑA, 2015, p. 11, tradução nossa) Assim, entender o contexto em que os sujeitos foram e ou estão inseridos contribui para identificar o fio condutor das narrativas históricas, das experiências vivenciadas, dos usos e acessos aos bens culturais, das relações tecidas ao longo da vida, das escolhas e decisões profissionais etc. Pois, de acordo com Peña (2015, p. 12), "as histórias que contamos de nossas vidas se escrevem sob as condições sócio-históricas da época e cultura".

(Silva, 2020, p. 1412).

Dividi este trabalho em 13 partes, sendo 11 deles os capítulos e os outros dois introdução e conclusão. Todas elas levam nomes de pássaros, primeiramente por se comunicarem com a ideia de liberdade que permeia tanto a minha vida pessoal, quanto profissional e, por consequência, essa escrita. Em segundo lugar por serem, para mim, figuras sagradas. Cada pássaro escolhido representa, de alguma maneira, a essência do que vem a ser discutido em seguida. Todos eles me visitaram, pessoalmente ou por sonho, em algum momento durante o período de construção do presente trabalho. Foram encontros emocionantes que me levaram a essa escolha.

Pretendi fazer dos meus relatos algo útil para refletir cenários que envolvem a graduação em artes visuais; a arte educação no ensino formal; cultura; prática docente; causas e consequências subjetivas do êxodo nordestino e descolonização de currículo.

Esse movimento de, ao escrever suas memórias e provocar a partir delas, a reflexão, a criatividade e a criticidade diante do vivido é denominado, aqui, de dimensão autopoietica, ou seja, considera-se que, na evocação e reconstrução de fatos e situações vividas, inevitavelmente o sujeito se reinventa, se recria e determina individualmente o docente que quer ser. Nas palavras de Nascimento (2010, p. 103) a dimensão autopoietica diz respeito à capacidade de autocriar-se, ao narrar a própria existência. A autopoiese é colocada, dessa forma, como dimensão ao reportar ao processo constante de reorganização autônoma própria dos seres humanos, ou seja, significa dizer que as pessoas são capazes de produzir seus próprios componentes ao interagir com o meio. Para tanto, a escrita do memorial acontece num processo de descoberta de saberes biográficos e de saberes necessários à prática educativa (FREIRE, 1997), permitindo que o estudante estagiário e, formando, se descubra e reflita sobre si, na condução de sua formação. (Vieira, 2016, p.18).

*O bico dos pássaros é a ponta da minha flecha. A liberdade é o ofá que me guia.  
A educação liberta, mas só quando é libertadora, guiada por pessoas livres.  
Só um passarinho ensina outro a voar.*

Vai, vai, vai  
Mais forte vai, vai  
No seu caminho  
Pra cima deles passarinho  
Deles passarinho  
Vai, vai, vai  
Mais longe vai, vai, vai  
Mudar teu ninho  
Pra cima deles passarinho  
Deles passarinho

Sei que você (flor alada)  
De tanto existir (coisa amada)  
Deixasse de ser  
E agora passeia nos fios  
  
Pedra lançada  
Na terra das cercas de arame  
Sua dor é também dor do mundo  
Semente brilhante no ar

**Cordel de Fogo Encantado - Pra cima deles passarinho ou Semente brilhante**

Ao final desse curso, senti a necessidade de falar sobre as coisas que aprendi, é isso que levo comigo e compartilho em sala de aula. Nada me pareceu mais importante. Espero que seja útil.

## CHICO-PRETO | ASSUM-PRETO



Fotografia de Sérgio Murilo, Prados-MG. Disponível em: [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)  
Eu, curiando, desconfiada. Fotografia, 2007. Acervo Pessoal

Tudo em volta é só beleza  
Céu de abril e a mata em flor  
Mas assum preto, cego dos zóio'  
Não vendo a luz, ai, canta de dor

Talvez por ignorância  
Ou maldade das pior  
Furaro os zóio' do assum preto  
Pra ele assim, ah, cantá mió'

### Luiz Gonzaga - Assum Preto

Sabe criança curiosa? Aquela que tudo que vê pergunta “por que?!”. Este é meu estado de espírito permanente. Nunca fui de aceitar o “Porque sim”. Estou sempre buscando entender a razão das coisas para seguir adiante com meus passos. Guio-me por perguntas para não cair em caminhos que não me pertencem. Não sou de insistir nem querer o que não é meu, mas tudo que está no meu

Assum preto veve sorte  
Ma' não pode avuá'  
Mil vez a sina de uma gaiola  
Desde que o céu, ah, pudesse oiá'

Assum preto, o teu cantar  
É tão triste como o meu  
Também roubaro o meu amor, ai  
Que era a luz, ah, dos zóio' meu

destino caço com unhas e dentes, faço por onde merecer, com firmeza, força e responsabilidade, como uma boa filha de Odé<sup>1</sup> com Oyá<sup>2</sup>.

Assim cheguei aqui, no final de uma graduação, após 5 anos de intensas caminhadas. Cada ano que vivi pareceram ser dois, três em um só. A vida sempre correu comigo e com certeza por um propósito. Fui criada em meio a correria do mundo: comércio, feiras e estradas, regados de muita gente, muito saco de mercadoria e muito desenrolar/“dar-se jeito”. Essa vida me ensinou a ser rápida, esperta, eficiente, independente e dura na queda. O que sei fazer de melhor é trabalhar, “cuidar pra vida”, entrei na universidade nesse ritmo, já pensando em sair, mas estudar arte me forçou a parar e pensar em mim, o que sou no mundo.

*A vida é feita de poucas certezas e muitos dar-se um jeito*  
**Guimarães Rosa, 1956**

Desde fazer um cumê e arrumar uma casa a fazer dinheiro e andar o mundo, meus pais me ensinaram a não depender de ninguém para nada, nem mesmo deles - “*Aprendam a viver pra se acontecer de, deusulivre, eu e seu pai falecer, vocês não precisarem se humilhar a ninguém*”-. Talvez por isso nunca tive medo de ir em busca do que é meu e sempre soube ouvir meu coração, aprendi a ter coragem. Durante minha puberdade, aquele período da pré-adolescência e adolescência em que vivemos crises existenciais e começamos a sentir necessidade de entender quem somos e o que estamos fazendo aqui, vivos, fui percebendo com mais força que não me parecia com absolutamente ninguém ao meu redor. Sentir que estava longe dos meus caminhos me adoeceu e o respiro na vida quem me deu foi a arte. Desde mergulhar numa música a rabiscar sonhos num papel, a prática artística me ofereceu esperança.

Morava em Belo Horizonte, Minas Gerais, bem longe de casa. Cheguei por lá muito nova, passei a infância e adolescência bebendo de outra cultura sempre que saía de casa e quase nunca estava em casa. Aquilo me confundia muito intensamente. Diante das circunstâncias da vida, pouco via ou convivía com minha família e até mesmo os meus pais eram distantes. Socialmente todos eram muito diferentes de mim, não existiam muitas identificações. Por mais que eu tentasse, por vezes, me forçar a ser o que não era para me enturmar, continuava sendo uma cabocla do agreste pernambucano no meio de vários mineiros que riam do meu sotaque e aparentemente eram incapazes de diferenciar os estados do nordeste. Passava horas ouvindo músicas que me fizessem companhia, desenhando o que eu queria para o meu futuro, planejando como seriam meus próximos anos quando saísse dali.

<sup>1</sup> Odé: ou *Osóósi*, orixá ligado às matas, à comunidade, à caça, à fartura, à liberdade e à estratégia. Aquele que entra em silêncio na mata agitada e sai dela com alimento para todo um povo. Caça sozinho com seu ofá- arco e flecha. Leva apenas uma flecha por não precisar de outra. Rei de Ketu. Divindade que traz consigo a certeza do acerto; da conquista.

<sup>2</sup> Oyá: ou *Iansã*, orixá ligada aos ventos, ao combate, à liberdade, à rebeldia e à coragem. Forte como um búfalo, leve como uma borboleta. Mãe de 9 filhos. Aquele que conduz os espíritos com seus *afefê* - ventos. Da brisa à tempestade.

Por ser de lá  
 Do sertão, lá do cerrado  
 Lá do interior do mato  
 Da caatinga do roçado.  
 Eu quase não saio  
 Eu quase não tenho amigos  
 Eu quase que não consigo  
 Ficar na cidade sem viver contrariado

Por ser de lá  
 Na certa por isso mesmo  
 Não gosto de cama mole  
 Não sei comer sem torresmo  
 Eu quase não falo  
 Eu quase não sei de nada  
 Sou como rês desgarrada  
 Nessa multidão boiada caminhando a  
 esmo

### Lamento Sertanejo - Gilberto Gil / José Domingos

Não que eu desgostasse da cultura mineira, apenas não era a minha, e na fase de crescimento, ter esse acesso negado pelas circunstâncias da vida me entristeceu muito. Menos pior ter sido Minas Gerais, com o clima de matuto, comida raiz e várias serras preservadas. Se parece bem mais com meu agreste do que o Rio de Janeiro ou em São Paulo, que são destinos comuns do êxodo nordestino. Andei por muitos lugares, convivi com muita gente diferente, ouvi muitas histórias de vida e pude ver o mundo por muitos olhos. Hoje, como arte educadora, falo de cultura em sala de aula tendo como campo de pesquisa os lugares que andei. Ser curiosa, desenrolada e despreendida no meio do mundo, do tipo que faz amizades com gente nova e gente velha, acabou sendo muito útil na minha vida profissional também.

Como dizia Simone Weil, o ser humano tem uma raiz por sua participação real numa coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. O desenraizamento a que nos obriga a vida moderna é uma condição desagregadora da memória. Um dos mais cruéis exercícios da opressão na sociedade moderna (opressão de natureza econômica) é a espoliação das lembranças, diz Ecléa Bosi, professora de Psicologia Social da USP. (Bruck, 2012, p.199).

Quem diria que eu, maloqueira e ignorante, boa de comércio e péssima de estudo, iria acabar tão bem como professora. Mais uma porta que a arte me abriu: poder ser feliz vivendo uma vida de trabalho. Com a mudança de estado e início da graduação, logo após concluir o Ensino Médio, meu ritmo acelerado não mudou completamente, mas andar pelo mundo passou a ter outro valor. Tudo que eu sempre gostei e era taxado como distração, loucura de menina afoita, foi virando material de artigo universitário, pesquisa e trabalho. Minha vida pessoal e profissional continuam coladas uma na outra, mas dessa vez, me parece ser mais uma solução que um problema. Continuo cigana, mas ando por aí sabendo que no final da aventura vou voltar para casa e isso deu outro sabor à liberdade.

Já arrumei toda minha bagagem  
 Pra fazer a viagem eu vou caminhar  
 Cobra que não anda não engole sapo  
 E a sola de meu sapato deixa se acabar  
 Quem nesse mundo não percorre  
 estrada  
 É bagagem furada, nada tem pra  
 contar

### Minha vida é o mundo - Maciel Salú

Ir em busca de uma universidade era o primeiro passo para ter a vida que vivia sonhando sozinha com meus vários pedaços de papel. Eu poderia ter seguido qualquer outro caminho que me apareceu, no comércio, para ser independente e voltar para minha terra, que eram os meus únicos objetivos de vida, mas precisava fazer valer o futuro que fomos buscar tão longe. Não queria viver cansada e preocupada pelo resto da vida, como meus pais, queria poder ter paz e estabilidade, para quem sabe, inclusive, aposentá-los com um salário de gente estudada. Estudar sempre foi a promessa do bom futuro, a chave de ouro que não foi dada aos nossos antigos, a tão cobiçada magia: fazer faculdade = mudar de vida.

Eu fiz os gostos e a vontade da minha  
 mãe  
 Que me mandou pra faculdade estudar  
 Mas não deixei a minha origem de  
 matuto  
 E sonho de ser vaqueiro da minha vida  
 escapar  
 Tem coisas que se aprende, tem coisas  
 que se herda  
 Mas tudo isso nós herdamos de papai  
 Os meus estudos não me fez largar a  
 sela

No meu Brasil onde tenho passado  
 De cidade e estado muda temperatura  
 Vou para outros países de navio e  
 avião  
 Levo em meu coração a saudade de  
 casa  
 Sou uma cigarra canto pra bambu  
 gemer  
 Mas quero conhecer mestres e outras  
 culturas  
 A minha vida é andar pelo mundo(...)

É bom ser doutor, mas ser vaqueiro é muito  
 mais

Fim de semana, eu tô, eu tô no meio  
 da vaquejada  
 E disputando sempre o primeiro lugar  
 Mas se eu perder, todo jeito tem  
 gelada, tem uísque e carne assada  
 E o bom da vaquejada é o vaqueiro  
 disputar

### Origem de Matuto - Iguinho e Lulinha

Após muitas batalhas, para minha felicidade e desgosto da maioria, passei para Artes Visuais. Faculdade era a solução dos nossos problemas, mas faculdade de verdade era medicina, direito ou engenharia! Artes??? Piorou!- “Agora a besta deitou-se de vez, esse esforço todinho pra

estudar um negócio sem futuro”. Com certeza essa decepção familiar não é, nem de longe, exclusiva minha. Não nos foi mostrado na escola a importância de estudar artes, ninguém nos disse que tinha futuro sim, para ter calma que as portas iam se abrir como um mundo mágico na universidade. Importante que nós como arte educadores, formados em arte, mostremos aos nossos alunos que é uma opção possível, considerável e de muitíssimo valor, como as outras. Isso começa na escola, defendendo a importância da aula de artes e do educador formado na área.

Despedi-me da vida que estava condicionada a conhecer e, sem medo, me mudei para a capital do meu saudoso Pernambuco com 17 anos de idade. Carreguei minha mudança em uma mala e um cesto, troquei toda descrença que me ofereciam pela fé no meu sonho e fui começar o primeiro capítulo da minha vida. Lembro-me como hoje, dizer a minha mãe que eu era muito nova, tinha tempo de conhecer o mundo estudando artes e depois eu poderia tentar algo que me desse dinheiro. Engraçado parar para pensar que aqueles momentos de desenhos e devaneios, desesperos de tinta e papel e “invenções de moda” eram a minha verdade, a mesma que vivo hoje, e que não me é necessária outra graduação para garantir meu ganha pão.

Guerreiro é no lombo do  
meu cavalo  
Bala vem mas eu não caio,  
armadura é proteção  
Avanço sob a noite,  
iluminado, luto sem  
pestanejar  
Derrubo sem me esforçar a  
guarnição

A guimba e a fumaça do  
meu cigarro  
Cega o olho do soldado que  
pensou em me ferir  
Com um sorriso derrubo  
uma tropa inteira  
Mesmo que na dianteira  
sombra venha me seguir

O gole da cachaça esguicho  
no ar  
Chorando na labuta ouço a  
corrente se quebrar  
E o golpe do destino, esse  
eu sinto mas não caio  
Guerreiro é no lombo do  
meu cavalo

### São Jorge - Juçara Marçal

Neste texto as memórias são o ponto de partida para pensar questões de arte e educação como: valorização da profissão e do profissional nos espaços de trabalho, com enfoque no ensino formal; importância do afeto e do diálogo horizontal em sala de aula; problemas estruturais e desafios do professor na escola, com enfoque nas públicas; possíveis dificuldades de permanência que enfrentam alunos de graduação de baixa renda; impacto do diálogo sobre cultura popular e valorização do artista local para o repertório, os referenciais e as visões de mundo dos estudantes; o valor da troca educador-educando na vida pessoal dos envolvidos; o peso de uma educação descolonizada na vida de todos nós, condicionados a ver o mundo por olhos invasores; a necessidade social de darmos espaço para crianças e jovens pensarem e discutirem questões sociais de cor, etnia, classe, gênero, sexualidade, saúde mental e outros tópicos importantes na vida humana; e, por fim, a inevitável indissociabilidade do ser pessoa e ser profissional. Os rumos que damos à nossa vida influenciam nas perspectivas que mudamos ou afirmamos em aula. Não existe escola sem partido, plantamos nos outros as sementes que temos para trocar.

A memória é a consciência crítica. A ausência dessa memória deixa a gente refém de qualquer discurso manipulador. Ao invés de você ouvir uma mensagem e analisá-la criticamente, você adere a mensagem automaticamente, com sentido afetivo, emocional e tal. Cê põe uma música de fundo bem boba e umas imagens bem assim... carente, e aí você já leva uma enxurrada de otário atrás. É assim que fazem manipulação de memória também, né. É terrível. Enxergar isso dói, te faz ficar muito crítico e encurta muito a paciência.

(Ailton Krenak, em entrevista à série *Vozes da Floresta*, do jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, em 2020. Produção *Memória Viva*. A série faz parte do documentário "Não verás país nenhum".)

Reflico constantemente sobre meu passado, os sentimentos e pensamentos que me envolviam. Gosto muito de escrever porque sempre fui muito solitária, a prática da escrita me fazia companhia e hoje serve de documento. Diários antigos com sonhos, dores, estratégias de vida, dúvidas e rabiscos me lembram o quanto estar aqui hoje é importante. Os vazios que me consumiam hoje não mais me assombram. Não sofria de amor pelo boyzinho que não me queria, como minhas colegas, e mesmo tendo problemas sérios de convivências violentas, o que realmente me doía era não poder ir embora. Sentir-me presa tirou o brilho dos meus olhos. As dificuldades que vim a passar sozinha em uma capital que não conhecia não tiveram o mesmo potencial de estrago que os últimos 3 anos que vivi em Belo Horizonte. Olhar para trás e encarar tudo de frente me fortalece, me faz perceber que nada é capaz de me derrubar. Meu mestre um dia cantou para mim : “*Pedrinha miudinha, pedrinha de Aruanda Ê, a força é grande, faz a pequena correr*” dizendo que eu não tivesse medo. Se o sagrado me diz que sou forte, não sou eu quem vou duvidar. Todo mundo tem santo. Um *orí* - cabeça - saudável tornam os destinos favoráveis a nós. No fim das contas, tudo é mais de dentro para fora que de fora para dentro, por mais que ambos sejam relevantes.



Eu feliz em uma festa de terreiro.  
Fotografia, 2022. Acervo pessoal.

## CARCARÁ



Fotografia de Ricardo Rodrigues, Extrema - MG. Disponível em [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)



Registro de um dia difícil. Fotografia, 2019. Acervo pessoal

Carcará quando vê roça queimada  
 Sai voando e cantando  
 Carcará vai fazer sua caçada  
 Carcará come 'inté cobra queimada  
 Mas quando chega no tempo da  
 internada  
 No sertão não tem mais roça queimada  
 Carcará mesmo assim não passa fome  
 Os burrego que nasce na baixada  
 Carcará pega, mata e come  
 Carcará não vai morrer de fome  
 Carcará, mais coragem do que homem

**Carcará - Zé Ramalho**

Estar aqui, viva, bem, com uma casa tranquila sobre a minha cabeça, comida no meu prato, pessoas que posso confiar, lugares para ir, boas perspectivas de futuro, bem quista em todos os meus espaços de trabalho, de bem com toda a minha família e ciente de tudo que sou/que me compõe são riquezas que dinheiro nenhum nesse mundo pode comprar. Eu devo tudo ao meu sagrado, que me ensinou a caminhar, me deu caminho pra seguir, paciência para esperar a hora certa e força para aguentar os momentos difíceis. Levar memórias pessoais para sala de aula já me rendeu intensas conversas particulares pelos corredores. Nunca sabemos o que se passa na vida dos que passam por nós em silêncio todos os dias, nossas atitudes e palavras têm muito poder. Cuido para levar esperança e combustível para as guerras que os estudantes enfrentam e não contam a ninguém. A firmeza de dizer um “vai dar tudo certo”, porque sei que tudo passa e, no fim das contas, vale a pena viver, seguir para ver no que vai dar. Desistir não pode ser uma opção.

Soraia Almeida foi minha professora de português do Ensino Médio. Só eu e o vento sabemos o quanto essa mulher foi importante na minha vida. Durante o primeiro ano da graduação andava com um papel que ela havia me dado dentro da capinha do celular, para ler sempre que precisasse. Nele dizia: “muito bom ver o teu sorriso de novo”. Ter uma professora que, mesmo sendo rígida e séria, teve a sensibilidade de me enxergar e me dar afeto, em meio a outros 30 colegas, mudou a minha vida. Ela foi, naquele tempo, um raio de sol na escuridão do meu peito. Eu vivia num buraco, com os olhos fundos, marcas roxas pelo rosto e corpo, não falava, mal comia, o tempo passava que eu nem via, não me importava. Viver era muito difícil e alguém que não tinha obrigação nenhuma de me ajudar, me segurou depois de uma aula, fingindo ser para falar de notas, e me deu um abraço. Chorei nos braços daquela mulher como uma criança, que chorou comigo e nos fortalecemos.

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem. (Freire, 1996, p. 50 – 51).

Educação é uma troca e vai muito além de passar em provas, fazer contas ou ter uma profissão. Adolescentes sofrem, é um período muito delicado, a vida de muitos deles é a escola e um professor tem o poder de salvar ou afundar o estudante. Da mesma maneira que, para os que têm tudo para largar os estudos, que são tantos quanto os outros, seguem ou mudam suas decisões pela atitude de um professor. Não vamos mudar o mundo, mas vamos mudar o mundo de muita gente e isso já é responsabilidade suficiente para pisar com cuidado em sala de aula.

Eu existo porque tinha uma professora teimosa que correu atrás de mim dentro do bueiro, entendeu?! Essa mulher, essa senhora, se chama Rita de Cássia. Ela se ligou que eu não gostava de ir pra escola, mas que eu gostava de história em quadrinhos, e ela passou a me dar todas as matérias em forma de história em quadrinhos. Vocês sabem quanto o professor ganha, vocês sabem o tempo da preparação pra uma aula, essa mulher pegou um tempo da vida dela pra transformar o conteúdo que eu precisava ter acesso, ela dedicou muito tempo daquilo para UMA criança, que era eu. E a partir do meu encontro com ela o mundo ganhou muitas outras possibilidades, sabe?!

Dona Rita de Cássia me deu o mundo sem perceber que ela estava fazendo isso, ela só não queria que eu ficasse dentro do bueiro o resto da minha vida. (Relato do cantor Emicida no festival LED, Rio de Janeiro, 2022.)

Depois de longos anos na capital mineira, cheguei no Recife lisa, largada, cansada, mas cheia de esperança. Não tinha nenhuma pretensão específica com essa nova *empleitada*. Como se diz aqui, estava *pra jogo*, pronta pra ver no que ia dar. Comecei morando em um pensionato com mais outras 6 mulheres, em um quartinho de 1.70 m x 2.40 m, usando um banheiro de cabine e ouvindo muitas brigas por conta de comida e pratos pra lavar. Meu dinheiro era muito, muito pouco, mas não me impedia de ser feliz. De início vivia apenas na universidade e seus arredores, posteriormente arranjei uma bicicleta e aos poucos fui tomando as ruas da cidade. Em determinado momento, com o aumento das brigas no pensionato e o fechamento do RU - Restaurante Universitário-, enfrentei problemas sérios de sobrevivência.

Um trecho arrancado de um escrito meu dizia:

*Lembro-me de quando o Restaurante Universitário fechou e eu fiquei sem comida, me lotei de afazeres para enganar a fome. Estava presente em todas as palestras, monitorias, aulas... tudo que me aparecia. Completei minha carga horária complementar em pouco tempo, chegava à faculdade de 7 horas da manhã e ficava conversando com as plantas até as horas de aula, estudava de 8 às 22 horas, todos os dias e voltava sem vontade para a minha cela/forno/quartinho, para comer uma papa de milho e dormir de exaustão, eu e as muriçocas.*

*Não tinha muitas amizades na época. Passei meses sem dar um abraço em ninguém, sem poder confiar minha mochila a alguém para ir ao banheiro. Eu estava forasteira em uma cidade, sozinha e desconfiava até da minha sombra. Quando me permitia confiar em alguém me arrependia e assim levei o primeiro período de curso. Funciono bem sozinha e me saio bem em situações extremas, sobrevivi e aprendi muito, a fase ruim passou e com ela ganhei um irmão que segurou a minha mão quando eu mais precisei.*

Nesse momento comecei a perceber o quanto custava estar sozinha em uma cidade que ninguém te conhece. O sagrado foi colocando pessoas no meu caminho para me ajudar e com certeza eu não estaria viva se não fosse por isso. Precisar da boa vontade dos agentes de assistência estudantil faz muitos estudantes desistirem do sonho de mudar de vida. Parece até que estão contra a permanência de quem lutou tanto para estar ali. Foram 3 anos sem RU para toda uma comunidade acadêmica que dependia desse recurso tão básico. Vi muitos colegas trancarem seus cursos, tomarem outros rumos no mercado de trabalho, voltarem para a casa dos pais com uma mão na frente e outra atrás, entre outros rumos ainda menos favoráveis. Passei minhas próprias novelas pessoais para não me render a esse destino.

Foram momentos de duras penas até a terrível chegada da pandemia global da COVID - 19 . Dois anos em que vi de perto o meu fim, mais de uma vez. Nesse processo fui ferida de formas muito difíceis de curar sozinha. Não teria conseguido chegar aqui, viva, feliz, mais forte do que

nunca e a dois passos de me formar se não fosse pelo sagrado que me cria. Travamos guerras juntos, eu e o vento, e hoje colhemos os frutos de muitas vitórias, com mãos calejadas seguimos curando feridas e alisando cicatrizes. Orixá nunca me abandonou, a Jurema sagrada nunca me deixou cair, meus encantados sempre estiveram do meu lado, mesmo quando nem eu mesma estava, são todos vivos na minha vida e maior do que Deus ninguém.

Era uma noite sem Lua e eu estava sozinho  
Fazendo do meu caminhar o meu próprio  
caminho  
Sentindo o aroma das rosas e a dor dos  
espinhos

De repente apesar do escuro eu pude saber  
Que havia alguém me espreitando sem ter  
nem por quê  
Era hora de luta e de morte, é matar ou morrer

A navalha passou me cortando era quase um  
carinho  
O meu sangue misturou-se ao pó e as pedras  
do caminho  
Era hora de pedir axé para o meu orixá  
E partir para o jogo da morte, é perder ou  
ganhar

Eu dei o bote certo da cobra, alguém me  
guiou  
Meia-Lua bem dada é a morte  
E a luta acabou

Eu segui pela noite sem Lua  
Histórias na algibeira  
Não é fácil acabar com a sorte de um bom  
capoeira

Se você não acredita me espera num outro  
caminho  
E prepara bem sua navalha  
Eu não ando sozinho

Era uma noite sem Lua  
Era uma noite sem Lua

**Noite sem lua - Mestre Toni Vargas**

Sem dúvidas o meu orgulho me fez passar por atrocidades que eu talvez não precisasse ter passado, mas naquele tempo, agi conforme podia, tendo a bagagem que eu tinha. De qualquer maneira, esses tempos sombrios me ensinaram mais ainda sobre o mundo. Saber se cuidar nunca é 100%, a gente sempre precisa de ajuda. Fui criada para ser independente, aprendi a trabalhar e me cuidar em todas as esferas que uma pessoa precisa, mas eu não estava preparada para ver a faceta que o mundo mostra a uma menina com cara de brava que não tem quem a espere em casa. Confeitei em muita gente errada até lembrar que eu tinha pai e mãe, em algum lugar do país, e que mesmo tendo uma relação, na época, bagunçada e adoecida, eles estavam vivos e nunca me fechariam a porta na cara ou me passariam a perna.

Desse tempo guardo a boa relação que reconstruí com minha família, quando me dei por vencida. Busquei o colo da minha mãe e encontrei uma amiga, vi meu pai, um cabôco bruto e

ignorante, se ajoelhar e pedir desculpas a mim pela primeira vez. Os dois, que já não se davam muito bem, se juntaram para me devolver o brilho nos olhos e a saúde do corpo. Eu estava irreconhecível, mas nenhum dos dois me julgou. Eu não me lembrava de uma única vez que tivesse sentido um alívio tão grande antes. Penso nesse momento sempre que escuto desabafos familiares de alunos meus. Acontece com bastante frequência e, por mais que eu desconheça a realidade de cada um, costumo lembrá-los de que não é porque dentro de casa é ruim que fora dela será melhor. Família é, normalmente, um assunto delicado, se pararmos para refletir. No fim das contas somos apenas pessoas tentando lidar com a vida da maneira que podemos. Muitas vezes as ações são apenas reações, mesmo que injustas. Um olhar de carinho reverte muitas situações.

A amorosidade nas relações educativas não significa falta de rigor ou competência técnica científica. Para Paulo Freire as duas coisas devem caminhar juntas, a amorosidade cria o ambiente favorável para a construção do conhecimento. É preciso também respeitar e valorizar as experiências do outro. Respeito é afeto! As relações educativas são relações humanas e, como tal, a subjetividade dos sujeitos é o mais importante. (Aquino, 2015 , p.110).

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem. (Freire, 1996, p. 50 – 51).

Nesses dois anos de adaptação, senti como se estivesse de fato começando a minha vida. Naturalmente os aprendizados iniciais são bem intensos. Todo o trabalho pesado de criar um alicerce na vida estava acontecendo enquanto, para fugir dos problemas pessoais, eu chegava à porta da universidade às 7h da manhã, tinha aula de 8h às 17h todos os dias da semana, estudava até as 22h, cursava 10 disciplinas por período e concluía todos com médias acima de 80%. O que na época parecia mais uma loucura, me manteve motivada a seguir a minha caminhada e me anestesiou muitas e muitas dores. De bônus me adiantou a graduação, me rendeu um bom currículo e ótimas médias. Esse preço eu não desejo a ninguém. Em outro trecho arrancado, falo sobre esperança:

*Uma flecha só é lançada à frente se for puxada para trás. Quando a vida nos recua com as dificuldades, é apenas a pressão necessária para nos impulsionar adiante. “Nossos sonhos são a nossa caça, mantenha o foco no alvo.” “A oportunidade vem, precisa nos encontrar trabalhando.” “Ninguém aprende nada parado em zona de conforto” “ E eu desorganizando posso me organizar”, palavra de Esú, graças a Olodumaré.*

## CASACA DE COURO



Fotografia de Marcel Scalon, Vera Cruz - BA. Disponível em: [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)

Xô, xô, xô, xô  
Casaca de couro  
Cantando as duas na telha  
Cantando as duas na telha

Parece um arapuá  
Cheio de vara e algodão  
O ninho de uma casaca  
Não parece ninho não  
Parece mais um os parceiros  
Dos pajeú do sertão

#### Jackson do Pandeiro - Casaca de Couro

*Seu processo de reprodução é coletivo. Constrói ninho onde bem quiser e com o que tiver, incluindo rejeitos humanos não orgânicos - plástico, sucata, fio, etc.*

Xô, xô, xô, xô  
Casaca de couro  
Cantando as duas na telha  
Cantando as duas na telha

Em riba do pé de turco  
Tem um ninho de graveto  
Tem garrancho de jurema  
Tem pau branco, tem pau preto  
Tem lenha que dá pra facho  
Tem vara que dá espeto

Outro bom fruto que colhi dessas andanças foi o Hip-Hop. Mesmo tendo crescido em favela, minhas prioridades eram outras. O movimento me cercava naturalmente, mas não fazia parte da minha vida como veio fazer anos depois. Fui abraçada quando nada mais me cabia. Brinquei muito, fiz muita arte, conheci muita gente e rodei muitos lugares. Durei pela comunidade o tempo suficiente para viver o que eu precisava e olhar para mais um elemento fundamental da cultura brasileira de dentro pra fora. Tenho muito respeito aos artistas que compõem essa história, não é nada fácil. O movimento é um mundo, tê-lo visto e entendido de perto foi e é peça fundamental na minha profissão. Poder levar amigos como referências vivas dentro de sala de aula, mostrar que, na rua, vizinhos, primos e colegas são reis e rainhas, tem muito poder. Discutir arte marginal com olhos de verdade é peça chave na educação artística e interfere nas noções de mundo, justiça e valores sociais para além de cores e formas. Hip-hop se aprende na rua, é uma cultura de resistência, mudança e senso de comunidade.

A juventude - majoritariamente de origem afro-americana, cubana, haitiana, jamaicana, dominicana, mexicana e porto-riquenha -, formou uma base de quatro elementos, sendo eles: DJ (discotecagem) e MC (mestre de cerimônias) que conduzem a música, o breaking representando a dança e o graffiti representando a expressão visual. Todos conectados por um eixo fundamental, conhecido como “quinto elemento”: o conhecimento. Partindo do lema “Peace, Unity, Love & Having Fun” (Paz, União, Amor e Diversão), a cultura hip hop apaziguou a realidade conflituosa das gangues por meio da expressão artística, da consciência social e afirmação de um lugar de pertencimento.  
(Lima, 2023, p.36).

A aula de artes precisa falar de mundo, vida e cultura. Arte é uma forma de comunicação que permite ler a história por vários pontos de vista. Muitas verdades nós só temos acesso porque a arte, principalmente a popular e a periférica, contou e conta. O currículo escolar é, como a estrutura brasileira no geral, mais um retrato da colonização. Não se pode pensar o Brasil sem admitir que a manutenção do sistema colonial se dá, principalmente, através da educação. Trata-se de um espaço em que se aprende, como verdade, o que se é ensinado. A partir dos 4 anos de idade é dentro de sala de aula, muitas vezes mais até que dentro de casa, que se aprende sobre o mundo, a vida e valores.

Enquanto a educação se expressa como um radical da vida, a colonização se manifesta contrária a ela. Essa afirmativa ginga para catar o vazio em que o corpo se fará presente. Tome cabeçada, passa-pé e chapa de frente. A colonização é uma maldição, uma vez invocada não se desfaz. Vencê-la tem a ver com destroná-la, implica jogar com a astúcia das batalhas que domam os bichos brabos, aquelas que submetem o assombro à força do encanto. Por aqui a ordem do dia é do jogo. Ah, meu sinhô, não me venha com esse papo de trabalho em um mundo que transformou tudo em negócio. Bote para rolo, venha vadiar: “Oi sim, sim, sim... oi não, não, não! Hoje tem, amanhã não. Hoje tem, amanhã, não”.  
(Rufino, 2021, p.38).

Ter um currículo pedagógico que conta a história, a ciência e a sociedade a partir de olhos e referenciais coloniais é um projeto. Desconstruir visões de mundo é um desafio muito grande, por isso construíram-na com a finalidade de criar trabalhadores mansos, que não pensem criticamente, desconheçam suas verdadeiras origens e histórias, não se interessem por nada nacional e, naturalmente, se matem entre si, enquanto os que já estão no poder se mantenham intocáveis. Os avanços foram muitos com a democratização do acesso à informação pela internet, as redes sociais seguem dando voz a todo tipo de pessoa. Saber usá-la ao nosso favor e ensinar o mesmo aos estudantes é uma obrigação moral que todo professor deveria ter, em especial, os de artes.

A história do Brasil foi uma história escrita por mãos brancas. Tanto o negro quanto o índio, quer dizer, os povos que viveram aqui juntamente com o branco, não tem a sua história escrita ainda. Isso é um problema muito sério porque a gente frequenta universidades, frequenta escolas e não se tem uma visão correta do passado da gente. Então, ela não foi somente omissa, foi mais terrível ainda. Na parte em que ela é omissa ela negligencia fatos muito importantes e deforma muito a história do negro (e do indígena). Quer dizer, tratando basicamente da escravidão e deixando de lado outras formas do negro (e do indígena) viver no Brasil, como todo o processo de alforria que houve durante todos os 4 séculos de escravidão e principalmente com relação ao quilombo.

(Maria Beatriz Nascimento, historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelo movimento negro - entrevista para o documentário "O Negro da Senzala ao Soul" de 1977).

Daí, a importância da formação continuada dos professores, que em sua maioria não tiveram acesso a essas discussões durante sua formação escolar, uma vez que a expansão dessa descolonização do pensamento é um avanço recente e, no contexto brasileiro, muito concentrado nas capitais. Nós que estamos nos formando agora e tivemos essa oportunidade, somos frutos e agentes desse avanço, mas é preciso ter noção de que os mais velhos viveram outro contexto, bem como pessoas de áreas não urbanas. Temos em nossas mãos a chance de cobrar e realizar a formação desses professores, da mesma forma que espalhamos idéias conscientes informalmente no dia-a-dia. Estar aberto e desarmado para compartilhar conhecimento é a chave para mudar cenários.

Nessa conjuntura, a formação continuada pode contribuir para ressignificar não somente as práticas pedagógicas e curriculares dos professores, mas também as práticas cotidianas e interpessoais dos estudantes frente a uma educação das relações étnico-raciais (PAULA, 2013). Assim, acreditamos que os professores exercem papel relevante no processo de enfrentamento do preconceito racial e da permanência do modelo eurocêntrico de currículo, assumindo a formação continuada em favor da educação das relações étnico-raciais. Nossa sociedade é multicultural, com uma diversidade étnico-racial percebida em nossa composição social e cultural, mas marcada pela discriminação que tem suas raízes no processo de colonização, e que ainda se faz presente, por meio de concepções eurocêntricas de poder, cultura e saber, sendo a escola – dentre outros – um espaço desse tipo de

reprodução. Isso ocorre por meio de nossos currículos e de formações docentes pautadas em epistemologias que não questionam esse modelo de reprodução da discriminação, o que nos leva a pensar caminhos formativos para rompermos os modelos excludentes de pensamento, objetivando alcançar uma educação para as relações étnico-raciais que emancipem os sujeitos. (Caprini; Aroeira; Serafim, 2021, p. 95-96)

Sou fruto dessa movimentação descolonizadora dos saberes. Antes da universidade, minhas visões de mundo eram bastante limitadas. Vivi uma vida pautada pelo comércio até os meus 16, 17 anos. Meus pais se conheceram trabalhando, viveram trabalhando, me tiveram trabalhando e me criaram assim. Nossas interações familiares eram essas, se não estivéssemos trabalhando estávamos bebendo e dançando pra nos sentirmos vivos, às vezes (quase sempre) fazíamos ambas as coisas simultaneamente. O que aprendi foi a trabalhar e ser feliz ao mesmo tempo, cumprir com minhas obrigações e ter alegria, apenas. Pensar sobre os problemas do mundo, sobre passado, ancestralidade, capitalismo, colonização, identidade e outras nuances que fugiam do lai-lô obrigação-diversão não era uma opção, além da falta de acesso não parecia favorável. Ainda hoje, me aprofundar demais em problematizações me incomoda. Aos meus pais nem se fala, algumas reflexões são tidas como desgastes desnecessários.

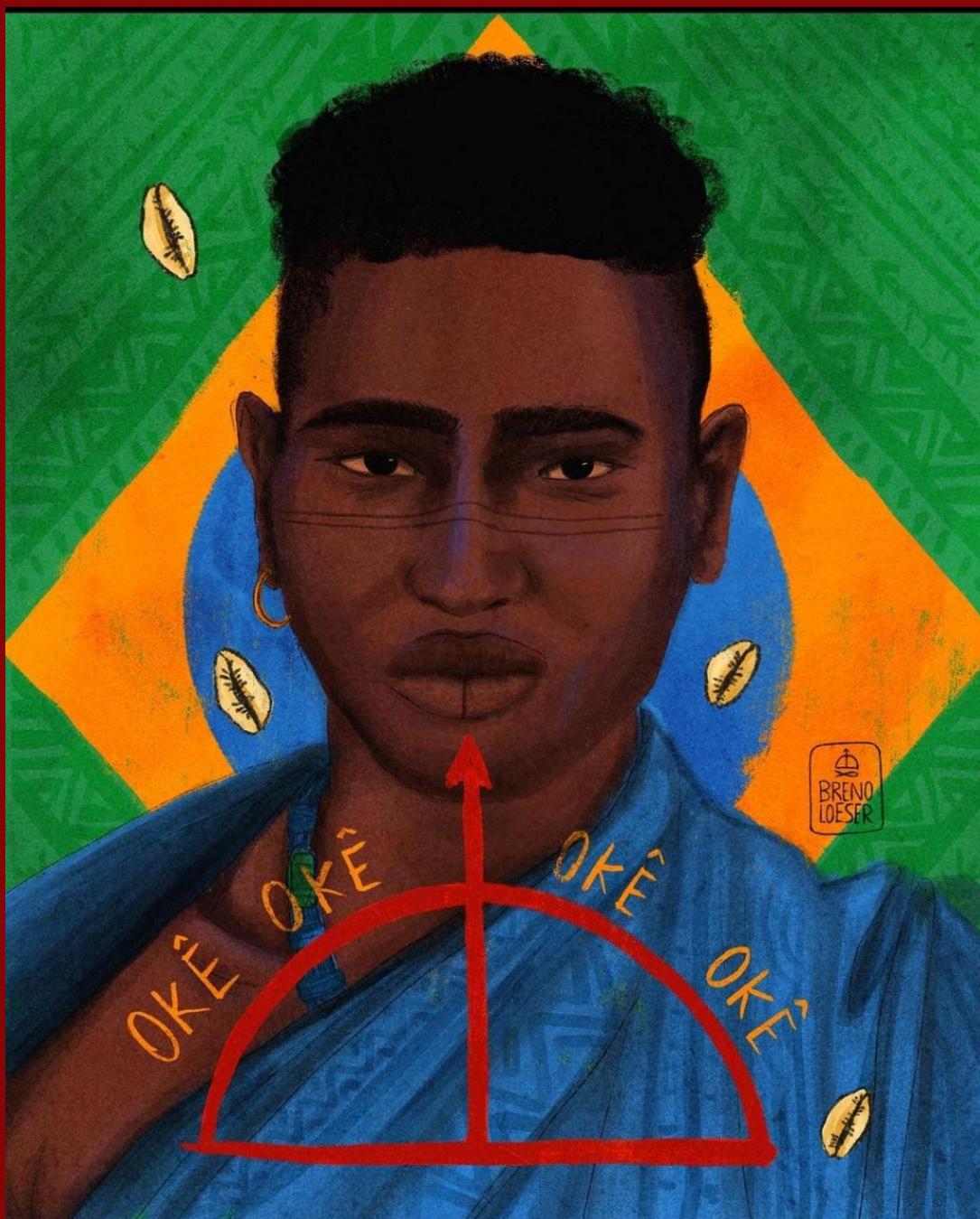
É multitudinária a invasão de braços provenientes das zonas mais pobres de cada país; as cidades excitam e defraudam as expectativas de trabalho de famílias inteiras, atraídas pela esperança de elevar o nível de vida e conseguir um lugar no grande circo mágico da civilização urbana. Uma escada rolante é a revelação do Paraíso, mas o deslumbramento não se come: a cidade torna os pobres ainda mais pobres, pois cruelmente lhes oferece miragens de riquezas às quais jamais terão acesso, automóveis, mansões, máquinas poderosas como Deus e como o Diabo, ao mesmo tempo em que lhes nega um emprego seguro, um teto decente para se recolher e pratos cheios na mesa de cada meio-dia. (Galeano, 2010, p. 231).

Minha criação foi muito boa, porque faço várias coisas ao mesmo tempo e com uma cervejinha faço melhor ainda, mas, em compensação, ainda sou uma cabocla muito ignorante e bruta. Penei e ainda tenho resistências para debates, desconstruir visões de mundo não é uma coisa fácil, ainda mais quando interferem no olhar que temos sobre nós mesmos. O que me ocorreu nestes 5 anos foi como uma cirurgia, que, para me tirar algo de ruim de dentro, me cortou e abriu, para então arrancar e costurar. Foi sucedido de longo período de recuperação dolorido e cheio de incertezas, mas que no fim das contas me cura de algo que ainda precisa ser assistido para não retornar. Falo sobre o etnocídio que nos enfraquece, herança cruel de uma colonização ainda viva. Entender que os destinos, sofrimentos e vazios que sentia tinham a ver com minha identidade e lugar no mundo, que eram sentimentos coletivos frutos de uma violência maior.

Arranquei outro trecho de escritos antigos meus para colar aqui, aproveitando o ensejo:

*A colonização enxertada em nossos corpos que limita a nossa mente e insiste em tentar controlar nossa educação é um ponto chave de estudo para quem tem por intenção conduzir suas*

*aulas de forma libertadora. Essa violência que rodeia nosso povo e nosso território se manifesta nos currículos, na desvalorização da arte e de práticas pedagógicas bancárias. É um problema social e estrutural que limita o autoconhecimento dos brasileiros. Trazer elementos das religiosidades afro e indígena e todas as discussões artísticas, ancestrais, de reconhecimento, empoderamento e sabedoria que elas carregam são essenciais para o trabalho do arte educador. Utilizar da cultura visual para promover liberdade foi mais uma das minhas prioridades, até porque, foi essa a educação e essas descobertas que mudaram a minha vida.*



Releitura de “okê Oxóssi” de Abdias do Nascimento (1970) - Breno Loeser, desenho digital, 2020, disponível em [www.instagram.com/brenoloeser](http://www.instagram.com/brenoloeser)

De fato minha paciência é curta para lidar com a hipocrisia, egocentrismo e vaidade gritantes e tristemente instalados no convívio interno dos movimentos sociais, mas o olhar coletivo não deixa de ser importante e ter acesso a certas discussões me causou uma mudança irreversível. O remédio para o meu vazio foi enxergá-lo como uma fachada. “Sou de canto nenhum e nada é meu porque a vida é assim” transformou-se em “sou daqui e não estava aqui antes porque me roubaram essa vida”. Novamente cito o meu sagrado porque foi ele quem me trouxe de volta o que é meu. Os êxodos que me precederam foram muitos, desde que o colonizador chegou nessa terra estamos fugindo. Os que vieram antes de mim e se encantaram fizeram questão de me mostrar que a vida que levamos eu e todo o meu sangue é consequência de uma invasão que se mantém ativa em roupagens menos explícitas. A crueldade de arrancar a identidade de alguém, seu povo, sua terra, sua cultura e deixá-la suscetível a engolir tudo que lhes for imposto não é nada mais que um projeto de roubo que segue socialmente alimentado. Um dos agentes dessa manutenção é a própria educação.

*O que me levou para o curso de artes visuais foi meu coração, outro motivo mais nenhum, mas o que me levou para a arte educação foram os meus passos pessoais durante esses 5 anos e todos os entendimentos da vida que tive, junto a perrengues e tragédias, mas também junto a renascimentos e alegrias. A arte educação me deu caminho, esperança e sentido. É com isso que quero retribuir, levando tudo que aprendi para sala de aula, para dar aos meus meninos o que não tive, para encurtar as dores das descobertas e levar a clareza da riqueza que têm nas mãos apenas por serem quem são.* - Mais um trecho arrancado de um antigo texto meu.

Toda violência gera resistência e as expressões culturais populares e marginais seguem sendo as vozes não silenciadas de quem tem sua própria versão da história para contar. É assim com o hip-hop, com os maracatus nação e rural, o samba de coco, cavalo marinho, frevo, ciranda, religiões de matriz africana e indígena, caboclinho, capoeira, xaxado, bacamarteiros, jongo, samba, brega, funk e tantos outros elementos que mantêm tradições vivas nos mais desfavoráveis cenários. Para quem não teve a sorte de se manter aldeado ou aquilombado, a sorte que temos é a arte. Pensar na defasagem e no boicote que a educação artística sofre no ensino formal brasileiro, sem nem levar em conta o currículo colonizado que é reproduzido nesta instância, é por si só inconstitucional. O norte na minha profissão é fazer da aula de artes um momento útil para a vida de todos ali presentes. Cultura e arte são pão de cada dia, imprescindíveis e inerentes à existência humana.

A gente precisa acabar com essa história de achar que cultura é uma coisa extraordinária, cultura é ordinária, cultura é igual feijão com arroz, é necessidade básica, tem que estar na mesa, tem que estar na cesta básica de todo mundo. E pra isso é preciso que haja sim ainda uma conscientização muito grande porque muita gente, inclusive muitos dos governantes, acham que cultura é uma coisa excepcional. A responsabilidade com a cultura é a responsabilidade com a sua própria vida, porque tudo é cultura, toda a acumulação de um povo, toda a acumulação de realizações múltiplas de um povo, tudo isso é cultura. Tanto é que a gente fala da cultura política, a gente fala da cultura científica, a gente fala da cultura religiosa ... tudo é cultura! (Gilberto Gil como ministro da cultura em entrevista para Reuters, 2003).

Negar letramento cultural enquanto se endeusa os saberes profissionais é, incontestavelmente, um projeto de manutenção das divisões de trabalho, que separam a sociedade entre operários, sem direito à vida, fadados a um destino quase robótico, e patrões, que gozam de lazer, pensamento crítico e intelectualidade. Ou seja, a tendência tecnicista da educação transforma a escola em uma fábrica de operários e o liberalismo cuida de tornar a busca pelo dinheiro e o sucesso, justificativa manipuladora para relativizar o acesso à arte, cultura, ciências humanas e sociais.

O espírito (a cabeça) não é como uma jarra que se enche. Semelhante às matérias combustíveis, ela tem, antes, necessidade de um alimento que o sacie, que aqueça suas faculdades e anime o espírito para a busca da verdade”. Nessa frase, Plutarco resumia para nós, educadores modernos, o que significa educar. Quando nos preocupamos em encher a cabeça dos educandos com conhecimentos, sem levar em conta que eles precisam é de um “alimento” que vivifique as suas faculdades e os encoraje a seguir na direção da pesquisa da “verdade”, estamos apenas enchendo a jarra. (Mesquita; Furlan, 2016, p.158).

De onde viemos não tivemos a oportunidade de enxergar o presente com olhos críticos sobre o passado. Talvez, isso tivesse nos empoderado e nos dado mais combustível para lutar pelo que é nosso, escolher outros destinos, resgatar e preservar tradições. Da mesma maneira que os jesuítas tentaram tirar nossa força atacando o nosso sagrado e a nossa maneira de viver, impondo a sua como certa; melhor; salvadora, através da catequização, a herança de uma educação etnocida hipervaloriza a cultura norte-americana e europeia em detrimento da nossa própria, originária, bem como latino-americana e afrodiáspórica. Optei por compartilhar memórias porque são elas que conservam cultura, valores, prioridades, vontades e pontos de vista. Não se pensa uma pessoa hoje sem olhar o que ela guarda no ontem. “Esù matou um pássaro hoje com a pedra que só vai jogar amanhã.”. Maria Beatriz Nascimento cita esse provérbio no documentário *Ôrí* (1989), um trabalho colaborativo entre ela e a socióloga e cineasta Raquel Gerber:

Tem um velho ditado iorubá que diz: ‘Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje’. Esse ditado é a melhor forma de resumir o que eu tento fazer. Eu não sinto que eu vim, eu sinto que eu voltei. E que, de alguma forma, meus sonhos e minhas lutas começaram muito tempo antes da minha chegada.

Mesmo sob ataques, certas coisas não saem de nós, tá no sangue, tá na alma, não se finge, não se ignora, só se sente, inevitavelmente. É nessas horas que o subjetivo pega até mesmo a mais cética das criaturas. Quando se escuta, vê ou presencia algo que te arrepiava a alma e os cabelos, te faz chorar sem querer ou te toma inconscientemente, até a mais antiga lembrança de atitudes espontâneas e inocentes da infância lhe retornam a mente. É como se tudo se encaixasse quando estamos diante do que é nosso. É nesses lugares de arte, cultura e culto ancestral que se encontra nossa força. Independente de gostos particulares, achar o que é nosso bonito é obrigação. Mostrar arte, cultura e ancestralidade nossa é dever do arte educador em qualquer instância de ensino.

Por ser muito bruta e desconfiada, o meu sagrado me mostrou e mostra; me levou e leva onde preciso ir de maneiras pouco sutil. Escrever com convicção essas palavras hoje é o maior fruto que esses anos de graduação me renderam, não pela universidade em si, mas por tê-la como espaço propício a descobertas, de intensa circulação de informações e variados pontos de vista possíveis de cruzar caminhos. É no vento e pelas encruzilhadas da vida que os encantados nos guiam por onde devemos ir, como devemos enxergar o mundo para espalhar nossas sementes em outros caminhos. Como professora minha missão é levar essa verdade para os estudantes. Do meu jeito bruto e irreverente, procurando aprender e pedindo orientação para seguir pelo certo, sigo o meu caminho. Nos momentos de dúvida e medo, tenho colo, conselho e ajuda viva em minha vida, querendo eu ou não.

Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso e me admirar. Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de “experiência feita” que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço. (Freire, 1996, p.53)

Vale salientar que desconstruções ideológicas não são a solução se ficarem apenas no discurso, da mesma maneira que educação artística precisa de teoria e prática, mudanças sociais se constroem com atitudes. Digo isso porque já estive nos dois lados dessa moeda, por um tempo conversa nenhuma me interessava e em outro tudo que eu ouvia era militância. Mesmo que, pela forma que vivi, não me tenha sido proposto espaços de discussões sociais e a diplomacia tenha passado muito longe, aprendi valores coletivos do meu contexto, como senso de comunidade, respeito e liberdade. Nunca vi negarem um prato de comida nem a um cachorro, menosprezarem ninguém por vaidade e, menos ainda, arrudearem demais para dizer a verdade. De onde eu e minha família viemos, não se medem esforços e não se olha cara para ajudar ninguém, a chamada consciência de classe não precisou ser ensinada em escola, a noção de união nos foi inata.

Como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando sobre a Teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos. Fora disso, me emaranho na rede das contradições em que meu testemunho, inautêntico, perde eficácia. Me torno tão falso quanto quem pretende estimular o clima democrático na escola por meios e caminhos autoritários. Tão fingido quanto quem diz combater o racismo mas, perguntado se conhece Madalena, diz: “Conheço-a. É negra mas é competente e decente.” Jamais ouvi ninguém dizer que conhece Célia, que ela é loura, de olhos azuis, mas é competente e decente. (Freire, 1996, p.25)

Por outro lado, ao contrário de muitos dos eloquentes discursos, a competição, a soberba e o oportunismo vaga como um urubu no ambiente dos movimentos sociais. Vejo um vazio em muitas das palavras bonitas e efervescentes das falas políticas, poucas vezes acompanham as atitudes diárias de seus locutores. O conhecimento ancestral é rico, sem precisar de academicismos. Não há hierarquia entre saberes, eles precisam andar juntos para que realmente se conquistem espaços de respeito, resgate e oportunidades. A diferença entre a humildade que envolve esses dois lados é o que me incomoda, a falta de equilíbrio entre elas gera retrocesso político, desunião e enfraquecimento popular. As consequências foram nítidas nos últimos 4 anos, com a acentuação da polarização política e o retrocesso que o Brasil sofreu por falta de diálogo. Como educadores, esse equilíbrio é determinante no ensino aprendizagem para que seja bem sucedido.

Pensar certo – e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos. É difícil, não porque pensar certo seja forma própria de pensar de santos e de anjos e a que nós arrogantemente aspirássemos. É difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios para evitar os simplismos, as facilidades, as incoerências grosseiras. É difícil porque nem sempre temos o valor indispensável para não permitir que a raiva que podemos ter de alguém vire raivosidade que gera um pensar errado e falso. Por mais que me desagrade uma pessoa, não posso menosprezá-la com um discurso em que, cheio de mim mesmo, decreto sua incompetência absoluta. Discurso em que, cheio de mim mesmo trato-a com desdém, do alto de minha falsa superioridade. A mim não me dá raiva mas pena quando pessoas assim raivosas, arvoradas em figuras de gênio, me minimizam e destratam. É cansativo, por exemplo, viver a humildade, condição “sine qua” do pensar certo, que nos faz proclamar o nosso próprio equívoco, que nos faz reconhecer e anunciar a superação que sofremos. O clima do pensar certo não tem nada que ver com o das fórmulas preestabelecidas, mas seria a negação do pensar certo se pretendêssemos forjá-lo na atmosfera da licenciosidade ou do espontaneísmo. (Freire, 1996, p.26)

## CANÁRIO



Fotografia de Thiago Soares, Brumadinho-MG. Disponível em: [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)

Eu avistei uma canarinha  
 (Meu canário cantadô)  
 Ai no pé do avoador  
 (Meu canário cantadô)  
 Botei ela na gaiola  
 (Meu canário cantadô)  
 O canário avoou  
 (Meu canário cantadô)

Ai quando o canarinho canta  
 (Meu canário cantadô)  
 A melodia me faz bem  
 (Meu canário cantadô)  
 A canária fica escutando  
 (Meu canário cantadô)  
 E começa a cantar também  
 (Meu canário cantadô)

### Meu canário cantadô - Irmãs Lopes

Encontrei-me na arte educação porque faço a diferença na vida de pessoas. Valorizo o que é nosso em sala de aula e levo como prioridade no meu trabalho esse repertório familiar. Isso empodera, dá esperança, expande horizontes, gera orgulho de ser pernambucano, de ser preto, de ser caboclo, de ser favelado, de vir da mata norte, sul, agreste ou sertão, de serem (sermos) quem são (somos). Falar de cultura popular, de passado a partir do ponto de vista de quem não está no

poder a mais de 500 anos, provocar o estalo na mente de que nada é por acaso, gera revolução em vários mundos. Encontrei um lugar onde posso espalhar sementes de liberdade, onde luto pelo que acredito e ajudo a plantar um lugar melhor para se viver.

*A colonização é cruel. O domínio que se iniciou com as invasões de território e genocídios, continua vivo dentro de toda uma população que já foi criada assim. O currículo conta a história e o mundo a partir de olhos que desfrutam da submissão escravagista até hoje, lucram com o vazio deixado pelo etnocídio, são venerados, consumidos e tidos como padrão ideal, fazendo com que nada sejamos além de servos e consumidores. Como idolatrar quem nos matou? Como achar uma cultura assassina melhor do que a nossa?! Pior, como não permitir que enxerguemos a verdade por trás do que nos acostumamos a estar condicionados?! - Mais um trecho arrancado de textos pessoais meus.*

Se a educação é um fenômeno próprio da vivacidade dos seres e faz com que esses sejam falantes e escritores em múltiplas linguagens circuladas na diferença, podemos considerar que é impossível a colonização produzir alguma experiência educativa. Ou seja, aquilo que é descomprometido com a dignidade existencial do outro como algo fundante para si não pode ser considerado como educação. Dessa maneira, a colonização consegue até os dias de hoje perpetuar seu modo de imprimir uma política contrária à vida por meio de um modelo de escolarização / catequese que reduz as experiências possíveis ao que está compreendido em sua agenda. (Rufino, 2021, p. 39).

Uma vez escutei a seguinte frase: “referências acessíveis são sonhos possíveis”. Somos referências vivas. Além de como educador ser importante levar a sala de aula referências acessíveis/próximas à realidade dos estudantes, somos também, exemplo. Podemos até tentar separar o pessoal do profissional, mas o professor é uma pessoa que mostra o mundo a partir de seus olhos e estuda para tornar estes os mais universais e justos possíveis. A educação não é partidária e impessoal, quem somos faz diferença no nosso trabalho e na vida de muitos, ser professor exige ter responsabilidade com suas próprias visões de mundo, buscar novas referências e principalmente, entender o próximo, para entender quem precisa da gente em sala de aula. Educação progressista; educação humana precisa de pesquisa, flexibilidade, empatia e constantes desconstruções.

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. E o pior talvez dos juízos é o que se expressa na “falta” de juízo. O pior juízo é o que considera o professor uma ausência na sala. O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das

peças, frias, burocráticas, racionalistas, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. Daí a importância do exemplo que o professor oferece de sua lucidez e de seu engajamento na peleja em defesa de seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício de seus deveres. (Freire, 1996 p.36)

*As experiências de estágio me mostraram que estou no lugar certo e me fizeram ter certeza de que a aula de artes precisa ser útil na vida das pessoas. Precisa revelar, precisa esperar e precisa libertar as amarras que a colonização nos impôs. Olhar o mundo a partir dos nossos olhos é dar auto estima, reconstruir valores, remodelar visões, fortalecer vontades...*

A aula de artes é momento para lançar um tema importante e deixar todo mundo falar, ensinar uma técnica nova, dar espaço para se fazerem ser ouvidos. Produzir e reclamar, chorar, sonhar, até ir acreditando que aos poucos dá pra mudar o mundo, que tem caminho para chegar onde quiser, que outros de nós estão fazendo acontecer.

É importante que os educandos experimentem as linguagens das artes visuais, conheçam a história da arte, mas também é de grande relevância que se problematize com eles quais os sentidos dados ao que produzem, conhecem e ao que visualizam no contexto de sala de aula e no dia a dia. De acordo com Hernández (2011), este posicionamento significa considerar as práticas artísticas como práticas discursivas que têm efeitos nas maneiras de ver e de ver-se. Eu tento fazer com que eles aprendam mais sobre si do que sobre a arte, por que não adianta eles estarem conhecendo os artistas, entender os trabalhos dos artistas, se eles não sabem que relação isso tem com a vida deles. É perceber que tu não estás conduzindo apenas para si, mas que isso vai ter uma implicação no espaço em que se está produzindo, com as pessoas que tu estás te relacionando. Esse posicionamento por parte dos professores, que compreende as relações e conexões estabelecidas entre o sujeito e os objetos, entre o sujeito e as visualidades, entre o sujeito e outro, contribui para que as artes visuais deixem de ser apenas mais uma disciplina no currículo escolar ao oferecer propostas a partir das quais os estudantes possam aprender sobre si mesmos, os outros e o mundo em que vivem. (Oliveira; Paz, 2014, p.123)

Gosto de contar a história do canarinho que fugiu da gaiola e voltou pro seu ninho. Lá contou como foi horrível estar preso. Alguns acharam que estavam piores livres, expostos ao perigo, outros resolveram se juntar ao canarinho fugido para libertar os outros que continuavam presos. Sou e espero sempre ser como esse canarinho. Ser professor é mudar e ser mudado. Tudo que passo a frente reflete o que acredito e o que aprendi a partir do que sou. Ser professor é ser humano, ter dúvidas, falhas e errar tanto quanto qualquer outro. Ter uma postura horizontal enquanto educador é reconhecer que ensinamos e aprendemos simultaneamente, isso é a base de qualquer boa troca pedagógica.

Além disso, não deixamos de ter problemas, questões pessoais e pontos sensíveis enquanto estamos trabalhando. Os estudantes sabem retribuir o que recebem, quando são acolhidos e

respeitados nos acolhem e nos respeitam, sem precisar pedir. Temos dias tristes, crises existenciais, desilusões amorosas, agonias, ansiedades e inseguranças, bem como eles. Quantos bons abraços não recebi em dias difíceis ... Quantas vezes não alegraram meu dia em sala de aula, no portão da escola ou pelos corredores... Quantos desenhos, cartas, e variadas demonstrações de afeto não me motivaram a seguir...

*“Liberdade: ponta da flecha que permeia a minha vida. Libertar os estudantes das amarras da educação bancária, dos olhares autodestrutivos que o processo de colonização lhes impôs, da falta de auto-estima artística e da impossibilidade de fazer arte por motivos financeiros. Quero abrir para eles caminhos de entender que podem ser o quiserem. O conhecimento liberta.”* Esses foram meus primeiros registros de estágio 1. Levar essas palavras como alimento todos os dias em diante que pisei em uma sala de aula como professora me ensinou e retribuiu para muito além de todo o esforço que empenhei. Tudo que eu faço por eles vale a pena, o crescimento e o carinho me pagam.

Ao final de cada estágio pedia aos alunos das turmas em que lecionei para que me avaliassem. Acho importante e nada mais do que justo que os alunos também nos atribuam nota, afinal se a avaliação tem como objetivo apontar onde precisa-se melhorar, os professores precisam dela tanto quanto. O resultado foi uma pasta cheia de papéis de caderno destacados e pedaços de folha rasgados com recados grandes e pequenos e notas. Eles adoraram poder fazer isso, é como se tivessem nas mãos o poder que tanto os intimida na dinâmica escolar. Pedi que não pegassem leve, que não precisava por o nome, podiam falar o que achassem importante e que levaria para a professora da faculdade. Ler tudo aquilo foi divertido, emocionante e mais mil adjetivos que não são capazes de descrever a dimensão da sensação. A gente precisa de dinheiro para viver nesse mundo capitalista, mas o que essas cartas me entregaram, é mais valioso.

Houve um momento na história da educação em que se acreditou que o distanciamento entre pesquisador e pesquisado era necessário para que as pesquisas acadêmicas tivessem credibilidade, acreditando que o contato pessoal atrapalharia a condução da pesquisa, pois os estudos teriam que se pautar no olhar exclusivo de quem conduz o estudo – o observador. Porém, hoje em dia, vários autores (BRAGANÇA, 2014; SENNA, 2010; SOUZA, 2019) demonstram que esse movimento de distanciamento se ancorava em uma proposta tecnicista falida, pois, cada vez mais, as ciências da educação se pautam em experiências oferecidas por educadores que se formam no chão da escola e se (trans)formam através dela. As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam, modificam-se e criam novas histórias”. (Clandinin; Connelly, 2015,p. 27)



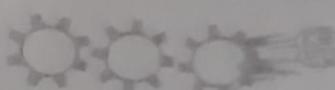
data 21/10/22  
S T Q Q X S D

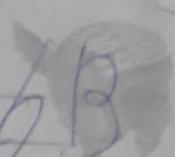
Amalíe Eduarda  
6-Ano B

Arte

Barbara: Gastei muito da semana sua e muito divertida, alegre e sorridente. Você vai fazer muita falta, amei demais suas aulas obrigada beijos da aluna: Amalíe Eduarda 6-Ano B

Nota: 10




  
MIGUEL B
  
NO
  
PK PD FOI A MELHOR
  
Pessoa que já ~~era~~ nasceu a ~~professora~~
  
professora nessa escola te amo xau tia

EREM Glinke Nietan  
Miguel Soares Lima 3ª ana "A"

10/10 → Aulas excepcionais, ricas em  
informações, sendo sempre  
atenciosa, inteligente, respeitosa e com  
muito amor a cultura nacional pernambucana,  
sempre sendo dinâmica e interati-  
va. Foi um enorme  
prazer tê-la como  
professora e  
amiga



data 21 / 10 / 2022  
BTQGS

# Análise a respeito da Barbara (PROF)

aluna:

Aluno = 9,0 = Maturo: Legal, simpático e também tenta ajudar todos e também tenta se entender.

RAFAEL = 10. Amei o jeito que você explica e incrível para quem tá aprendendo

Mat: 10/10 muito gente boa, sempre nos ajuda e nos respeita   
Ass: M.

Calo = 10/10 Amei o jeito de ensinar você será uma incrível professora para quem está aprendendo sobre

APROVADA!



21 ♡ 09 ♡ 22 ♡

Barbara é uma professora incrível, muito compreensiva, amigável, simpática, e cheia de luz, por onde ela vai ela deixa o brilho dela, ela é linda e educada, amei cada momento juntos dentro da sala, aprendi muitas coisas com ela, como "desistir não é uma opção, se você desistiu você não consegue, e sempre corra atrás dos seus objetivos, ela vai tá sempre no meu coração, vou sentir falta dela, e das aulas dela, e que ela sempre seja essa menina cheia de brilho e com esse sorriso encantador dela amo o jeitinho extrovertido dela, e por onde ela passa ela <sup>deixa</sup> "felicidades", vou sentir muita falta dela, ela vai tá sempre no meu coração, desejo tudo de bom pra ela, e vou tá sempre torcendo por ela Hermilly tia Anna Robertinha!!! você move o mundo!!!!

de: Hermilly  
Para: minha vobertinha. ♡



Ai dona, real eu não sei o que falar da senhora  
 mas vamos lá, você foi e é a melhor  
 professora de arte que eu já tive, me ensina  
 e que por cultura, tive várias conversas  
 e diálogos com a turma e você que me  
 fez aprender várias coisas, sempre que sair  
 da sua aula sou mais inteligente  
 e sabendo de tudo o que um pouco, obrigada  
 por tudo! Obrigada por estar momenta  
 sem excessão, obrigada que é nota 10,00  
 pela mulher empoderada que você é, não  
 só por ser minha professora, você vai  
 ficar gravada em minhas memórias!

10,00

ALUNA: VITÓRIA CARLA

perfeita, maravilhosa, gostosa!

a melhor professora que eu conheci!

no canto achei tu nota KKK, mais vi que na era  
 na primeira aula eu já vi que era a melhor prof  
 já estu momentos de Saudades de tu! EU TE AMO  
 Depois eu @Exlavo outra tau com piçuinça de  
 estude

NOTA 10

(10) paciente, carismática, alegre. Não tem ~~nenhum~~ nem palavras mais e um livro ~~de~~ transparente. Nesse curso e a mergulho

A Nota é 10

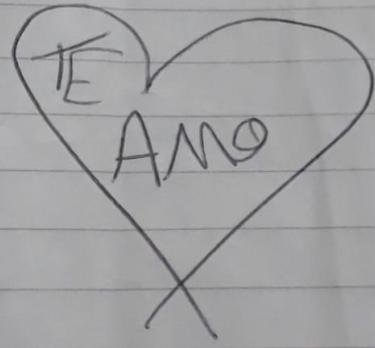
pq você é muito boa você sabe se comporta nas horas certas eu gostei muito de você ♡

Júlia Imoto

Pra Barbara eu do 10/10 aí você se pergunta porque?  
 Porque ela é uma mulher determinada, forte, inteligente, esperta, eu sei que ela tá pronta pra<sup>o</sup> que vier e não importa quem venha atrapalhar o caminho <sup>dela</sup> ela vai passar por cima sem nem perceber porque nada, nada vai atrapalhar ela se eu tivesse que dar um conselho a ela seria pra ela não deixar de ser essa mulher impedidora e foda que ela é, sei que ela vai chegar onde ela quiser porque ela tem especialidade pra isso eu espero que ela tenha gostado de aula pra gente porque eu amei cada segundo.

~~Eu~~, eu dei esse mata pq VC e muito gentil legal e VC sabe aplicar muito e eu te admiro muito por não ter vergonha da sua Religião VC e uma professora legal e eu vou falar um negocio mais eu acho VC uma pessal guerreira por Depois de Tudo que VC Passou ainda conseguiu realizar seu sonho VC e uma ótima Professora e principalmente Desista Dos seus sonhos BJS e ~~eu~~

10



Jenniffer

10 pois além de uma ótima professora explica bem o assunto sem atrapalhar e confundir o aluno, e realmente uma professora que ensina a verdadeira arte ~~de~~ sempre valorizando a cultura e origens brasileira (que faz algo que realmente mudou minha visão sobre o meu próprio país e sobre mim)

MIRELLA \21\10\22\

barbara ~~barbara~~

10000/10

Prof atima minha Prof preferida  
na sentir falta

09/10

Muito simpática

uma vibe muito boa

gosto muito

o ruim é que passa trabalho

Muito complicado

1000/10: ZINHO PERFEITO GENTE BOA DO VIZINHO  
BEMHE PESSOAS QUE JÁ VE ME ESPERO QUE VC ZENBRO  
DE MIN

TE BMO ♡

10 = MAWA

data ..... / ..... / .....  
S T Q Q S S D

dou um 10, porque ela interagem muito  
bem com a gente, com ela aprender varias  
culturas e a sua historia, queria muito que  
ela fosse nossa professora de novela.



Barbara

vem visitar  
nós !♥

Barbara, tu é uma pessoa incrível cheia de alegria, por onde tu passa tu deixa um pouco da tua alegria e tua calma. Tu és a professora mais atenciosa, compreensiva, alegre, simpática e a pessoa mais extrovertida que eu já vi. Que você sempre seja uma pessoa incrível, te desejo tudo de bom e do melhor sempre, você me ensinou muita coisa, muita mesma porque eu sou uma pessoa muito difícil de aprender e a gostar de alguém, mais logo que eu vi um brilho no teus olhinhos eu me surpreendi, tu és única !!

Vou sentir muita saudades de ti e da tuas aulas Tenho certeza que por onde tu passar tu vai deixar um pouco da tua energia / alegria. Obrigada por tudo até pelos 0,01 ponto.

Te desejo tudo de extraordinário na sua vida, te amo!

♥ obrigado por somar ♥

Para: A melhor do mundo!

de: \_YA.4LICE me chama lá no insta ♥

maria glice 7b

Barbara, eu dou 10, pois ela sabe de uma  
 boa aula, ela é comunicativa, responsável, compreensiva  
 e linda e além de tudo uma ótima ~~professora~~  
 professora e todo mundo gosta dela, no que ajuda  
 muito. Ela é uma pessoa expressiva, muito empode-  
 rada e ainda nos ajuda a se conhecer e ~~nos~~ enfre-  
 tar os lutas diárias por meio de Arte.

Barbara mostrou que viver não é fácil, mas  
 cada um fazendo a sua parte pode melhorar, e  
 que com muito esforço e força de vontade nós  
 podemos conquistar os seus sonhos. Ela nos ensinou  
 a lutar pelos seus direitos e sempre cumprir o  
 seu dever de cidadãos.

O senhor vai deixar muito saudade, melhor  
 professora! ❤️

- Maria Luiza

10, Aulas mais culturais e  
 didáticas

Ótima Professora, tem  
 um futuro brilhante ❤️

Nota: 10

Muito legal e divertida, explicações detalhadas e uma dedicação inspiradora.

Nota: É uma pessoa que nos trouxe uma nova visão sobre a nossa cultura, fazendo a gente ter uma melhor compreensão sobre o mundo e o que realmente não sabemos.

É uma professora nota 10 |

Paula Roberta 3ª A

Ótima professora de artes e tem as melhores ideias, admiro a força de vontade

10

As aulas de Bárbara são  
incríveis e fazem a diferença  
em nosso cotidiano, mostra a  
nova cultura, além de ser  
muito bom para o nosso re-  
pertório socio-cultural na  
redação do enem.

10, pois as aulas  
de Arte eram fantásticas.

AS AULAS DA PROFESSORA BARBARA  
SÃO ÓTIMAS, DÁ PARA EXTRAIR  
MUITO CONTEÚDO DAQUILO QUE  
ELA FAZ.

18/04/23

Guilherme  
Diasqueiro

10 - Ótimas aulas. Antes  
més só viamos história e con-  
texto de artes dos brancos e,  
finalmente, estamos conhecendo  
muito mais.

(10)

Gastei das aulas, descobri coisas  
que não sabia.

DO, A aula de tirar o loka  

---

e o tirar o loka também

Josias 34B

Nota: 30,00

Pontos positivos: apontou um fator extremamente importante: a ~~con~~ cultura.

Pontos negativos: não é professor do Olinto.

Nome: Luiz Felipe Barros 3-B

Erem Olinto Victor  
Julie Kunii 3°-B

A primeira vez que senti que a aula de artes foi importante de verdade! Adorei ter aula com você foi a melhor experiência. Obrigada e boa sorte na sua jornada ♡

63

NOTA: 10,00 ;

Suas aulas são temas  
agregam muito no nosso  
ensino. Não mudaria nada  
em suas aulas. ;)

Ótima didática, faz uma  
ênfase no conteúdo  
muito boa, que faz ges-  
tar do assunto.  
Ótima professora, a  
melhor de Artes.

63

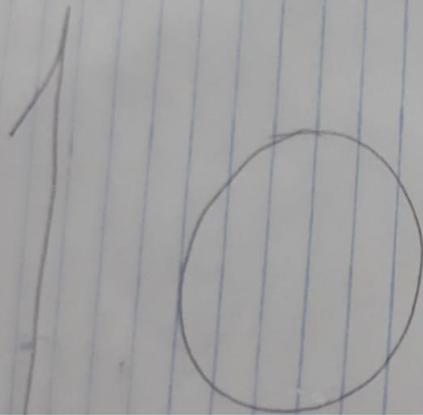
alisson

1 1

1000 Fg VC 1 CARA  
Dosa. On a Blm legal Fg  
VC da BOAS autors d Fg m  
amh a ~~colle~~ colle VC

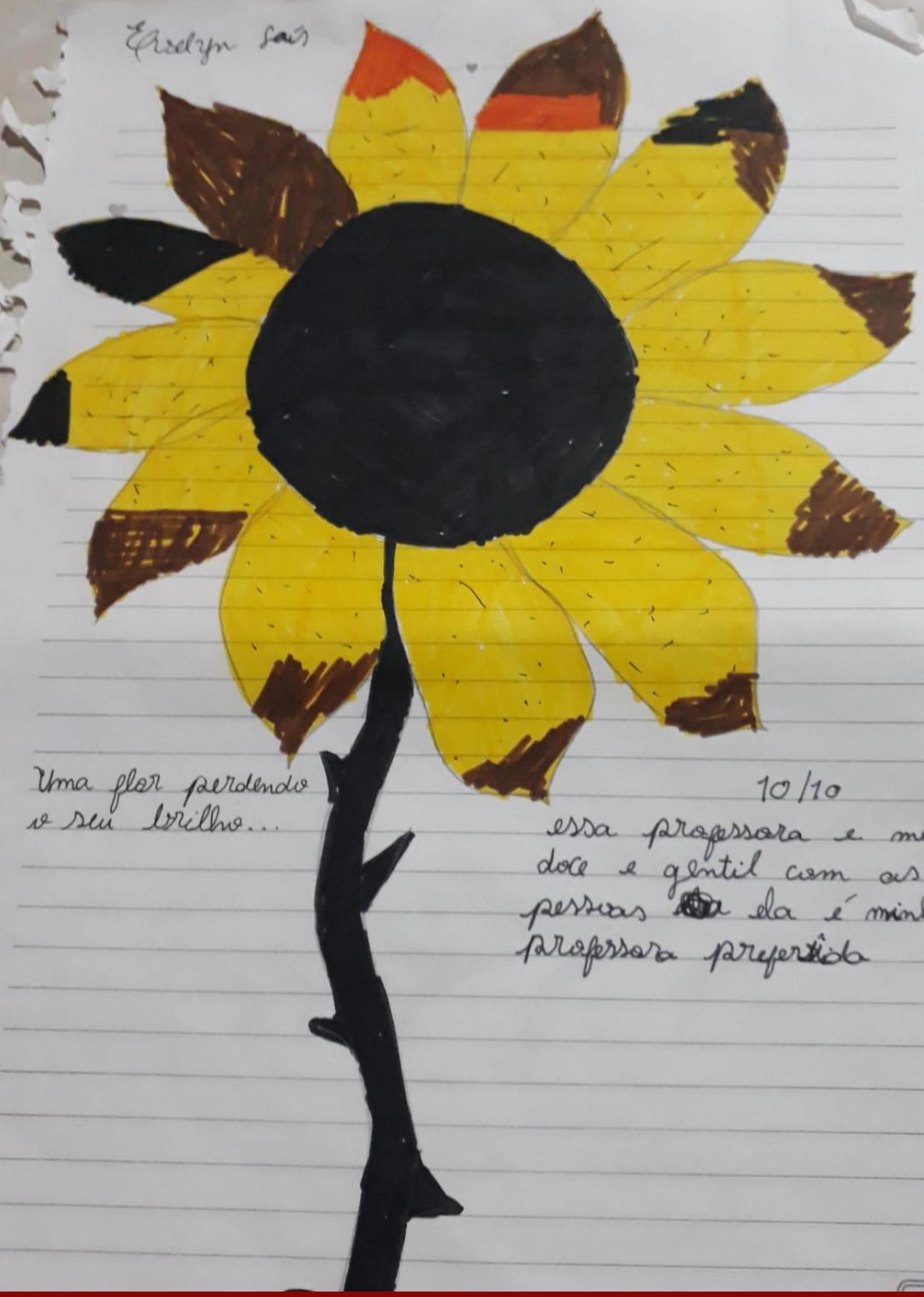
BARB  
ARA

YASMIM



DOUDES POR QUE  
A SENHORA  
FOI MUITO LEGAL COM  
NÓS

Adelyn Sars



Uma flor perdendo  
o seu brilho...

10/10

essa professora e muito  
doce e gentil com as  
pessoas ~~da~~ e e minha  
professora preferida

FELIPE

data ...../...../.....  
STQQRSD  
XANGO

100000/10

MUITO LEGAL GOSTEI MUITO DE VC  
QUERIA QUE FICASSE MAPS  
UM POUCO Tchau B

VOU SENTIR SAUDADES

Adami 10

via 99

U

Vitoria maria bono P3

Eu do do parque achei a  
idêntica muito legal mãe do  
o legal mais adimderia  
acho muito legal e muito bom  
é também gostei muito  
Se "beijas"

10.10

~~de~~ deis parque eh e maravilhoso e  
legal e linda

10 Porque a senhora e' bem ~~em~~ criada e  
bem legal. Bem que a senhora tadis ser nome  
professora de arte.

~~de~~ 08 de 10  
acho a senhora legal, mas a letra e' um  
pequero dificil de ler. :)

Estas foram as avaliações que recebi de crianças do sexto e sétimo ano do ensino fundamental e de adolescentes do terceiro ano do ensino médio nos anos de 2022 e 2023. Elas foram para mim tão relevantes quanto uma avaliação acadêmica. Sei bem que não mentiriam em seus papéis por não precisarem. Foram todos sinceros em suas muitas ou poucas palavras, articuladas a suas faixas etárias e personalidades. Revi algumas maneiras de trabalho, bem como me fortifiquei quanto a outras. Sentir que, realmente, estava fazendo a diferença todo aquele esforço e foi isso que me emocionou. É tudo por eles, sempre vai ser. E vale a pena. Mesmo que ninguém enxergue, mesmo que tentem nos anular dentro e fora das escolas, mesmo que muitos achem exagero todo esse discurso de descolonização e valorização da cultura local, nossos educandos estão ali, cientes e absorvendo tudo que estamos passando.

Quando ando hoje na rua e alunos da época me encontram é sempre um abraço, um “tavam falando coisa errada lá na sala, eu fui lá e corrigi”, “saudades das aulas da senhora, parou de fazer sentido a aula de artes de novo” ou um “vai visitar a gente professora, tem tanta coisa pra gente conversar”. Eles precisam de professores de artes, formados em arte, que tenham pluralidade de visão e repertório verdadeiros em suas aulas e que valorizem a cultura popular e marginal local. É por esse motivo que planto mais essa semente nesse texto, para que pequenas e grandes revoluções sigam acontecendo em cada vez mais escolas e salas de aula. Nada é individual, é tudo coletivo. Não se torna professor para suprir ego ou simplesmente pelo pão de cada dia, estamos lidando com um direito humano básico, que é acesso à educação, e este precisa ser ofertado da melhor maneira. Precisa ser horizontal, democrático, libertador, sincero, descolonizado, afetivo e acolhedor. Não é uma profissão fácil, mas é muito importante, não pode ser mal feita. Por isso nos juntamos enquanto classe, compartilhamos saberes, ideias e resultados, crescemos juntos, para o país crescer conosco.

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo. Esta avaliação crítica da prática vai revelando a necessidade de uma série de virtudes ou qualidades sem as quais não é possível nem ela, a avaliação, nem tampouco o respeito do educando. (Freire, 1996 , p. 33)

## JOÃO-DE-BARRO



Fotografia de Roberto da Silva, Tamarana-PR. Disponível em :[www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)

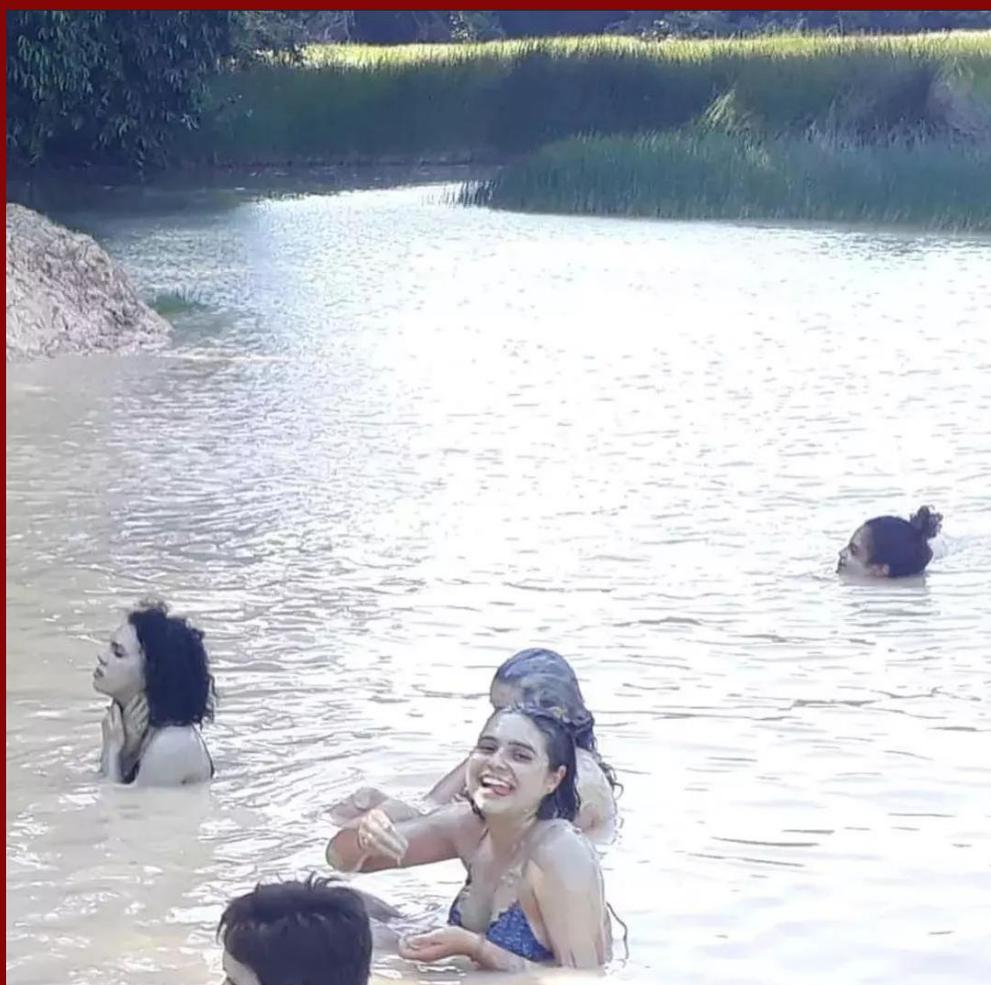
### *Pássaro que faz ninho de barro.*

Avoei por muitas áreas ao longo do curso de licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Pernambuco. Inicialmente, o meu interesse era na produção tridimensional. Não sou uma pessoa muito delicada, mexer com barro, gesso, cimento e outros materiais brutos conversava, e ainda conversa, muito com minha forma de expressão. A escultura segue sendo minha área de produção artística e a modelagem em barro, é a minha preferida.

Minha mãe e toda sua família são de Brejo da Madre de Deus, no agreste pernambucano, minha família paterna é de Taquaritinga do Norte, também da mesma região de Pernambuco. Nasci em Caruaru, terra de mestre Galdino, seu Luiz Antonio, Marliete e Vitalino. Não tive tempo nem oportunidade de trabalhar no barro antes da universidade, mas a vontade e a predisposição sempre viveram em mim. No momento de escolher o curso no sistema do ENEM, pesquisei as grades

curriculares de cursos relacionados à arte em universidades nordestinas e minha decisão foi imediata quando li entre os componentes curriculares “ Argila 1 e 2”.

Logo no primeiro semestre o ateliê 8, espaço de estudos de modelagem, fundição, cerâmica e escultura, tornou-se minha segunda casa. A disciplina, além das aulas práticas, que já me satisfaziam como nunca, proporcionava viagens de campo para ateliês de mestres reconhecidos em algumas cidades do interior de Pernambuco. Era um acalento gigante no meu coração, poder estar nos interiores, com gente simples, cheias de humildade e conhecimento valioso, aprender com grandes mestres ao invés de com acadêmicos, aquilo tudo sim tinha valor para mim. A cidade grande e a cultura acadêmica me cansam muito, agitações, complicações, ansiedades, competições, regras, aprender com um monte de livro, autor estrangeiro e gente rica... aaah não é meu lugar. Da mesma maneira que passar horas em estudos de cores, misturando tintas minuciosamente, gastando dinheiro que não tinha para comprar material e me estressando com acrílicas que secavam em minutos também não era, nem de longe, para mim.



Eu e colegas de curso em banho de argila, Cabo de Santo Agostinho-PE. Fotografia, 2019. Acervo pessoal

O barro para mim foi pertencimento, foi casa, foi oportunidade, aprendizado, subsídio de permanência na vida e nos estudos, me ensinou sobre mim, sobre minha cultura, me deu um grande amigo e um espaço seguro quando mais precisei e, por fim, ainda me levou ao meu Ilê Asé<sup>3</sup>, que é porto seguro de minha vida, família que Odé me deu, e, não por acaso, é espaço de arte e educação de cultura afro-brasileira. Muitos dos meus irmãos e irmãs de santo são professores, artistas e arte educadores. Além de ser um espaço sagrado e pessoalmente transformador, é também um lugar que contribui na minha jornada profissional.



Eu e meus irmãos na Caminhada para Ogum 2023, promovida anualmente pelo Ilê Asé Omo Ogundê no último domingo de Abril, em Paulista-PE. Fotografia de Paloma Lima, 2023. Acervo pessoal

<sup>3</sup> Ilê Asé Omo Ogundê: Terreiro de candomblé de tradição Nagô, localizado no centro de Paulista - PE, que tem como patriarca Hypolito Patzdorf de Ogundê.

*Conheci Michael trabalhando no barro. Ele foi meu mestre de barro e meu companheiro de andada. Sentíamos faltas parecidas, tínhamos valores semelhantes, éramos dois caboclos solitários, jogados no contexto urbano pelas voltas que o mundo dá e fomos família um para o outro. Pegávamos nossas bicicletas e rodávamos a cidade inteira, conversando, contemplando a natureza, tentando nos entender no mundo e nos apoiando pelas dificuldades. A cada novo passeio, boas novidades e muitas perguntas. Ter um ao outro nos levantou de onde estávamos, tudo foi melhorando e tomando rumo muito rápido. Nossos encantados nos juntaram e nos deram a vida que sonhávamos em ter, jogados na areia da praia, com o corpo pintado de jenipapo e os buchos cheios das mangas da praça da Torre.*



Eu em serviço no ateliê 8. Fotografia por Michael Potyguara, 2019. Acervo pessoal.



Michael e sua bike na praia de Olinda. Fotografia por Barbara Roberta, 2020. Acervo pessoal.

*Minha vida só teve gosto de vida depois dessa fase, foi o divisor de águas da minha caminhada. Foi quando tomei consciência do meu corpo no mundo e entendi de onde vinham minhas dores. Quase morri algumas vezes e o que me salvou foram os encantos e o irmão que me deram os encantados. No meio das artes muito se idealiza e romantiza um misticismo forçado. As pessoas perdem o filtro e os fios da meada entre as coisas do mundo e do espírito. Não me interessa julgar a forma de viver de ninguém, cada um com o seu e quem gostar que cheire, mas ancestralidade para mim não é uma máscara que visto como arte para suprir minha vaidade. Meus ancestrais são vivos na minha vida, me criam e guiam todos os dias e se não fosse por eles eu não estaria aqui para contar essa história.*



“Odé” - Michael Potyguara. Modelagem em barro, 2020. Disponível em: [instagram.com/laymstone23](https://www.instagram.com/laymstone23)



Eu e Michael catando jenipapo verde. Fotografia, 2021. Acervo pessoal

O trabalho no barro e os caminhos que fui levada com este irmão que a vida me deu, virou a chave para a importância vital que viver nossa cultura carrega. A modelagem desse material está intimamente ligada ao valor e coexistência com a terra. Trabalhar no barro era como estar em casa. Os retornos subjetivos e indescritíveis que aconteciam em mim ao longo de um dia de trabalho conversavam com as coincidências do dia a dia quase que como por osmose e estes, por sua vez, invadiam conversas informais com Michael quase que como por telepatia.

O barro carrega a simbologia de nascimento. Na mitologia cristã diz-se que Deus criou o ser humano a partir do barro, da mesma forma na mitologia yorubá, “do barro de Nanã, Oxalá criou o homem”. Renasci do barro, com ele nas mãos, no corpo e na mente meu sagrado me deu um companheiro que trilhou comigo os primeiros grandes passos de retorno. Foi o barro que me levou ao terreiro que me deu uma família e ensinamento, me deu dinheiro quando a necessidade estava para me afogar, me fez enxergar meu lugar enquanto indígena e me trouxe de volta à vida, a minha, não o que fizeram com ela.

Escolhi esse curso pensando em seguir meu coração e ver no que ia dar, entrei pensando em pegar num diploma logo, para arranjar um trabalho ligeiro e acabei encontrando todos os horizontes que me faltavam, razão, missão. O que era uma busca incessante por sentido misturada à correria diária que não me permitia parar para me ver no mundo, foi virando, pouco a pouco, essa vida

corrida e deliciosa que vivo hoje, cheia de frutos que planto dentro de mim, colho no mundo e levo para sala de aula.

Modelar o barro é uma magia. Começa pelo processo de tornar blocos duros e pesados das barreiras em massa maleável e limpa que, modeladas, tornam-se artefatos das mais diversas qualidades e valores. Sinto que o que fazemos com ele, ele faz conosco. A cada vez que sentava para trabalhar no barro, levantava outra pessoa. Os valores do colonizador, que foram forçados goela abaixo do Brasil, faz muitos de nós esquecermos o poder que a terra tem. A terra cura, dela viemos, pra ela voltamos e o mínimo que devemos a ela é respeito. Quanto mais nos permitimos estar com ela, mais ela muda nossa vida, em pequena e grande escala.

No Ateliê 8 fiquei como estudante durante o primeiro semestre de graduação e no segunda já estava como pesquisadora, no terceiro estava como oficinaira e, em seguida, passei dois anos como monitora e, durante o mesmo período, fui aprendendo e ajudando Michael em suas encomendas. Ganhei um dinheiro com algumas dessas movimentações e isso me ajudou a manter o meu sustento em época delicada de crise financeira pessoal. Foi também o início do meu trabalho como docente. No fim das contas tudo começou por aqui, caminhos que se abriam e venho andando desde então.



Primeira oficina de modelagem que dei no ateliê 8. Fotografia, 2019. Acervo pessoal.



Michael na confecção da obra “Guerreiros Massai” exposta no Museu da Abolição no ano de 2019. Fotografia, 2019. Disponível em: [instagram.com/laymystone23](https://www.instagram.com/laymystone23)

Não me encontrei profissionalmente como artista, não dei certo com a pressão de cumprir prazos e ser obrigada a trabalhar no barro, mesmo gostando, também não me sinto confortável me expondo ou expondo algo meu, prefiro ensinar, é o meu lugar. Mostrar-me tão intimamente no presente trabalho foi uma escolha pensada e repensada durante um ano, é uma ocasião especialíssima, não necessariamente confortável.

Toda expressão é plena de significado e, obviamente, diz muito sobre a autoria (ou sobre a autora). Evitei concretizar muitos projetos de trabalhos artísticos por minha poética ter um conteúdo muito íntimo, e eu não me sentia confortável para partilhar questões relativas às minhas experiências, angústias, dúvidas e certezas sobre a vida. Por bastante tempo senti muita insegurança em mostrar meus escritos, poemas, desenhos às pessoas, porque sentia que seria como entregar meu diário e isso me assustava. A arte, as pessoas e seu amor e, é claro, a psicanálise, me fizeram ver que o que é meu é de todo mundo, simplesmente porque é coisa de gente e as coisas de dentro da gente são o que de fato importam. Tudo que se vê vira palavra dentro da gente. Palavras que se derretem e saem e viram poemas. Palavras que ficam dentro endurecem e viram tumor. (Aquino, 2015, p. 106).



Imagens de momentos teóricos e práticos de oficina de barro na UFPE para estudantes e professores de escola municipal de Barreiros-PE, fotografias 2022. Acervo pessoal.



Registros de oficina de modelagem em barro no Literarte 2023, Olinto Victor. Fotografia, 2023.



## JAÇANÃ



Fotografia de Frodoaldo Budke, Lindoeste-PR. Disponível em: [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)

*Pássaro barulhento que anda sobre as folhas que repousam nas águas. O rio é fundo, mas quem nele sabe andar, não se afoga.*

Entreguei-me de corpo e alma aos meus primeiros estágios na educação formal. Com o decorrer dos anos e avanços na graduação fui percebendo o quanto o lugar de educadora me satisfazia e o quanto o estar na escola me enchia de energia; vontade de trabalhar. Nos cursos de licenciatura muito se discute sobre os desafios da vida real nas escolas brasileiras. Não é segredo que a infraestrutura deixa a desejar, bem como as remunerações, os recursos dentre outras faltas. Quando se fala sobre o componente curricular Artes, os desafios aumentam, por ser bastante desvalorizado. Boa parte dos professores de artes não possuem formação alguma na área e são obrigados a cumprir essa tarefa para completar carga horária. O mesmo acontece com sociologia, filosofia, educação física e, por vezes também, história e geografia.

O motivo desse cenário é histórico, como mostra a pesquisa de Maria Betânia e Silva do ano de 2020, “Memórias e histórias do ensino de arte em Pernambuco”:

Na sociedade brasileira, da época, não existia sequer cursos universitários que formassem professores de educação artística, nomenclatura que

perdurou, pelo menos, até a década de 2000, o que deixou a desejar qualitativamente o ensino da nova disciplina. Outras lacunas foram identificadas na investigação de Silva (2004) como a ausência nas escolas públicas, em geral, de ambientes adequados para se trabalhar com o novo conhecimento, salas inapropriadas, excesso de alunos por turma, ausência de material, ausência bibliográfica específica nas escolas que auxiliassem o trabalho do professor, além da carga horária que para o professor cumpri-la precisava assumir no mínimo mais de 15 turmas de estudantes. Em suas conclusões a autora afirma que o Ministério da Educação e Cultura (MEC), do período, tinha consciência de todas essas lacunas, mas o que parece é que a intencionalidade estava centrada na desarticulação, na ausência de professores capacitados e formados na área artística e otimização da força de trabalho presente na escola, independente da necessidade de formação especializada. A lei deixou lacunas no tratamento dado ao professor para a área, deixando aberto o ensino a qualquer profissional. O próprio MEC, quando elaborou os diversos pareceres durante a década de 1970 para esclarecimento do tratamento que deveria ser dado à disciplina de Educação Artística, deixou claro a não necessidade de um profissional específico para a área, fato que colaborou para a descaracterização da disciplina e acentuou o estigma de que a arte serve apenas para decoração do ambiente escolar e comemoração de datas festivas. Visava-se a despolitização ou repolitização no sentido de direcionar o ensino de arte ao patriotismo, ao nacionalismo com a comemoração das datas cívicas, dos personagens históricos, do folclore etc., desvirtuando completamente o que se desenvolvia em termos de arte na sociedade, sobretudo, nos movimentos e instâncias que trabalhavam mais diretamente com a arte. Foi aberto o espaço para qualquer profissional assumir a docência da disciplina. De um lado, não se corria o risco de contribuir na formação de indivíduos reflexivos, observadores, críticos por meio da arte, por outro lado o Estado brasileiro se ausentava da responsabilidade na formação de seu corpo docente especializado. Até então, se tinha visto em meio à sociedade o efeito que a arte causava na população como um todo através dos diversos movimentos e instâncias que desenvolveram o ensino, promoveram o acesso e divulgação da arte. Certamente, a presença de profissionais que desconheciam os fundamentos de um conhecimento específico favorecia a descaracterização da área, dificultava a articulação e organização dos profissionais e, conseqüentemente, favorecia o ensino de conteúdos diluídos e desarticulados. (Silva, 2020, p.184)

Dentre as conseqüências estão a má formação cultural e a manutenção de valores capitalistas em detrimento da consciência crítica, política e social. O objetivo é manter a população estagnada, sem mobilidade social, sem resgates culturais, sem autoestima, com consumo de valores pautados no capital e conformada. Sem as ciências humanas nada se aprende sobre ser, estar, sociedade, passado, futuro, dinâmicas políticas e valores sociais; a sociedade e a história são lidas pela metade sem a arte, não se expandem as visões de mundo, não se trabalha a criatividade, muito menos permite-se que aprenda a expressar-se; e com a relativização da educação física, a tendência é um

aumento do sedentarismo, doenças crônicas, déficit na imunidade e, por conseguinte, lucro da indústria farmacêutica, ramo de grande influência mercadológica no mundo atual.

Defasagens seríssimas nas noções de cultura, corpo, imagem, som e fantasia são nítidas na sociedade. A falta nesse letramento torna-se muito perigosa na era digital em que vivemos, onde o não verbal domina a comunicação. Se escuta muito o “não entendo de arte”, conceitos usurpados acerca da arte de rua, povos originários e cultura negra são constantemente afirmados no senso comum e validados pelo próprio despreparo profissional de muitos que ocupam inconstitucionalmente o cargo de professor de artes. Há um ciclo de causas e consequências envolvendo a falta de verdade e qualidade da arte educação brasileira e os avanços nas discussões e imposições da nossa classe estão, paulatinamente, mudando os rumos desse cenário.

A palavra docência tem suas raízes no latim, *docere*, que significa ensinar, instruir, mostrar, dar a entender. Arte também vem do latim, *ars*, e quer dizer articular, ação de construir, juntar as partes. Nesse sentido, docência em arte seria o ato de ensinar a articular, mostrar como construir, dar a entender como amarrar duas partes (OLIVEIRA, 2008).

Daí que um primeiro objetivo de uma educação para a compreensão da cultura visual, que, além disso, estaria presente em todas as áreas do currículo, seria explorar as representações que os indivíduos, segundo suas características sociais, culturais e históricas, constroem da realidade. Trata-se de compreender o que se representa para compreender as próprias representações. (Hernández, 2000, p. 136).

Estamos convencidos de que, para homens de tal forma “aderidos” à natureza e à figura do opressor, é indispensável que se percebam como homens proibidos de estar sendo. A “cultura do silêncio”, que se gera na estrutura opressora, dentro da qual e sob cuja força condicionante vêm realizando sua experiência de “quase-coisas”, necessariamente os constitui desta forma. Descobrirem-se, portanto, através de uma modalidade de ação cultural, adialógica, problematizadora de si mesmos em seu enfrentamento com o mundo, significa, num primeiro momento, que se descubram como Pedro, Antônio, com Josefa, com toda a significação profunda que tem esta descoberta. No fundo, ela implica numa percepção distinta da significação dos signos. Mundo, homens, cultura, árvore, trabalho, animal, vão assumindo a significação verdadeira que não tinham. Reconhecem-se, agora, como seres transformadores da realidade, para eles antes algo misterioso, e transformadores por meio de seu trabalho criador. Descubrem que, como homens, já, não podem continuar sendo “quase-coisas” possuídas e, da consciência de si como homens oprimidos, vão à consciência de classe oprimida (Freire, 1987, p.108-109)

Ainda sim, os avanços nas discussões sobre educação, arte e arte educação seguem muito presos pelos muros da universidade, bem como a tendência de tudo que é produzido nela. Projetos de extensão universitários servem justamente para esse compartilhamento de devolutivas do que é produzido internamente para a sociedade. Os estudos da educação superior tem propósitos de produção e trabalho, é incoerente que sejam todos concentrados num mesmo espaço acadêmico, pouco acessível e de baixo alcance, comparado ao potencial de transformação e ou contribuição popular. Escritas difíceis e excessivamente formais, oficinas para graduandos, resultados científicos compreendidos apenas por especialistas e outra série de casos exemplificam o meu ponto de vista. Essa distância, carregada de vaidade, burocráticas e preguiça me incomodou desde o início. Tê-la na arte, que deveria e propõe ser puro espaço de troca, é ainda mais hipócrita.

No ano de 2022 meus caminhos e os de Magda Vieira, professora no curso de Engenharia de materiais da UFPE e coordenadora setorial de extensão e cultura do CTG - Centro de Tecnologia e Geociências-, se encontraram. Na época eu me dedicava a estudos de materiais, trabalhava com produção artística tridimensional a base de materiais diversos e buscava conhecê-los mais a fundo para explorá-los com maior propriedade. Acabei encontrando uma das professoras mais apaixonadas pela educação que já vi. Na primeira reunião que tivemos, minhas expectativas eram superficiais e simplórias. Fui surpreendida com cerca de 3 horas de conversa e um turbilhão de ideias de ações para um projeto inovador que tive a sorte de adentrar naquele mesmo dia.



Eu em ação educativa, São Bento do Una-PE. Fotografia, 2023. Disponível em: [instagram.com/gira.081](https://www.instagram.com/gira.081)

O projeto M.Arte - Materiais, ciência e arte-tem como objetivo democratizar a ciência por meio da arte educação e de experimentos a baixo custo. Dentre os meios para isso estão visitas e parcerias com escolas públicas da capital ao sertão pernambucano. Meus interesses e prioridades casaram perfeitamente com os do projeto, hoje, em agosto de 2023, estou a um ano e meio me dedicando ativa e profundamente a ele. Desde o início me envolvi de coração e sigo presente, como coordenadora de artes e recursos humanos, cheia de orgulho em vê-lo crescer levar tanta esperança, conhecimento e oportunidade por todos os lugares onde passa.

Um dos medos que fui incorporando nessa trajetória de educação foi o de me cansar. No ensino formal, principalmente, vejo muitos professores exaustos, desmotivados, entregues à educação bancária e aulas expositivas o menos dinâmicas possível. Magda me inspira por ser um exemplo de educadora apaixonada. Passei a acreditar mais na minha capacidade de manter o ritmo apaixonado porque a vejo se emocionar, gastar tempo, dinheiro, dedicar-se com zelo e carinho, mover montanhas tudo em prol da educação. Mesmo sendo sua profissão, ao contrário da tendência

de doar-se cada vez menos, a vejo fazendo planos de doar-se mais. Não é minha intenção aqui romantizar os excessos de um professor, mas falar sobre amor. A educação transformou a vida dela, a minha e a de nossos colegas do M.Arte, trabalhamos voluntariamente na intenção de retribuir a oportunidade que nos foi dada multiplicando-a com estudantes que merecem e têm o direito a elas.

Minha intenção na época era aprender mais meios de tornar possível a prática artística nas aulas de artes. Sabemos que os subsídios do governo para a compra de material artístico é defasada, em alguns contextos nula. Na própria graduação eu e muitos colegas enfrentamos dificuldades para comprar os materiais requisitados nas aulas práticas. Isso me motivou a direcionar minhas pesquisas acadêmicas, desde o primeiro ano de graduação, ao domínio de técnicas artísticas que permitisse usar materiais naturais, recicláveis e baixo custo. Foi assim na pintura, com o projeto Cores do Recife, hoje Cores do Nordeste, que desenvolve e compartilha conhecimento de produção de tintas e pastéis secos com produtos minerais e ou orgânicos; com a produção de obras tridimensionais utilizando sucata, lixo não orgânico e objetos no geral; confecção de ferramentas para modelagem com descartes de escritório e preparo da matéria prima modelável, desde a coleta em barreiras naturais por bairros do Recife; e a produção de gravuras em objetos descartados de isopor, borracha, metal e madeira. O M.Arte foi mais um espaço de troca que contribuiu trazendo uma bagagem de interdisciplinaridade, conhecimento científico de materiais - me permitindo assim explorá-los com maior segurança e gama de possibilidades-, potenciais de reações químicas para produtos artísticos e experiências pedagógicas diversas e prazerosas.

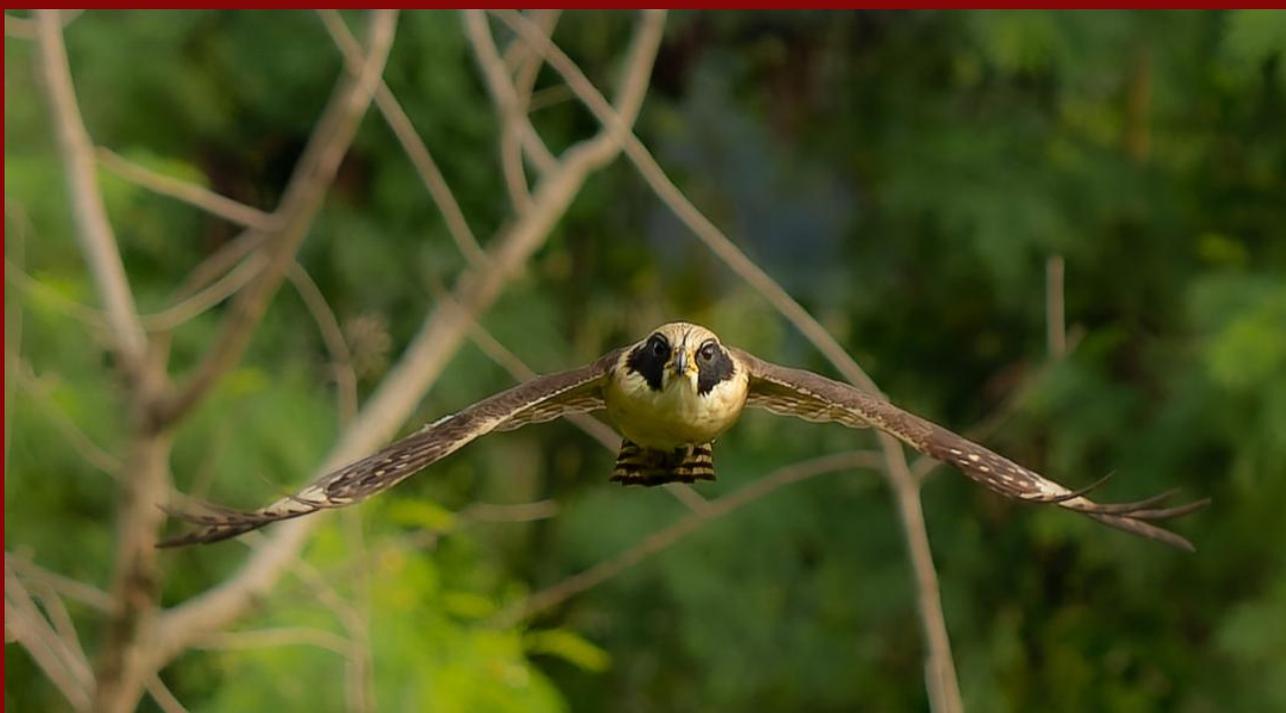


Equipe M.Arte e alunos do segundo ano do EREM José do patrocínio Mota, São Bento do Una. Fotografia, 2023. Disponível em: [instagram.com/gira.081](https://www.instagram.com/gira.081)

*Se a vida te der limões, faça uma pilha e acenda uma luz!*

**Magda Vieira**

## ACAUÃ



Fotografia de Ricardo Mitidieri, Niterói-RJ. Disponível em: [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)

Acauã fez seu ninho  
 gavião desmanchou  
 Ele fez outra maior e melhor  
 nas baixa da Jurema  
 Oh lelê cauã

### **Canto Xucuru do Ororubá**

*Dizem que seu canto é mau agouro, mas na verdade é um pássaro sagrado que traz recado. Quando pia no pau seco é aviso de dificuldade, mas quando pia no pau verde é sinal de coisa boa.*

Meu primeiro estágio no ensino formal foi no mesmo ano, em uma escola estadual localizada na praça principal do bairro da Várzea, próximo a minha casa e a universidade. Fui despida de expectativas, mas certa de que estava no caminho certo. Coincidências boas cercaram meu caminho no dia em que fui em busca dessa oportunidade, para bom entendedor, meio recado basta. Entrei pela primeira vez na Escola Estadual Professor Cândido Duarte em uma terça-feira de Ogum, dois dias antes do início das férias de julho. Fui muito bem recebida pelas merendeiras, porteiro e uma professora de matemática, que, mais tarde, vim descobrir ser a mais progressista dentre o corpo docente. Abriram-me as portas e caminhos imediatamente. Com o início das aulas soube que outros colegas haviam tentado vaga no mesmo lugar e não tinham conseguido.

A escola está localizada no tão conhecido e movimentado coração do bairro: a Praça da Várzea. Todos os moradores em, algum momento, se reúnem naquele local, na escola estudam

crianças de todas as comunidades varzeanas: Os Lotes, Campo do Banco, Caxito, Brasilit, Cassilândia, Malvinas, Vila Arraes, Ur7, Nova Morada, Beira Rio, Ninho das Cobras, Sete Mocambos, entre outros. Desde que cheguei no Recife moro nesse bairro, aproveitei a oportunidade para retribuir os afetos e ensinamentos que recebi. Dos primeiros registros de experiência, selecionei os seguintes:

*Afeto: foi a palavra que mais me acompanhou durante o período de estágio. Foram 3 meses de intensa troca, por alguns momentos, mais intensa do que eu desejava. No primeiro segundo que pisei naquele lugar fui recebida com sorrisos. Estavam o porteiro, as duas merendeiras e a professora mais bem quista da escola: “Qual o seu nome?” “Barbara Roberta” “Ai que nome lindo, eu gostei tanto de tu! Tenho certeza que vai se dar muito bem nessa escola.”. 15 dias depois, retornadas as aulas após o recesso de julho, cheguei com meus papéis e meu sorriso largo para ser admitida enquanto estagiária. Já na porta, uma alegria “que bom que viestes! seja bem vinda”, adentro a pequena sala dos professores e escuto logo um grito empolgado “Olha ela aí Anderson, tua estagiária!”. Os sorrisos dominavam o dia e eu sabia que estava no lugar certo, não seriam sempre sorrisos, mas eu estaria lá para dar o meu recado.*

*O contato com os alunos foi mais impactante ainda. Primeira aula, sétimo ano, entrei acompanhada pelo professor supervisor e todos inevitavelmente só olhavam para mim. Foi me dada a palavra diante da turma para me apresentar. A sensação de estar ali foi diferente, 30 olhos curiosos vidrados em mim e eu me sentia inusitadamente confortável. Soube mais que nunca, naquele momento, que aquela era mesmo a minha missão, independente dos desafios, aquela era minha guerra, a minha luta, o meu lugar; eu não poderia ser nada além de arte educadora.*

*Foi amor à primeira vista. O afeto pairava nos meus primeiros contatos em todas as quatro salas da escola, do sexto ao nono ano, em todos eu tinha a unânime atenção, um diálogo, mil perguntas e muita expectativa . “Nunca mais eu falto a aula de Anderson”, “Agora sim eu vou gostar da aula de artes”, “A senhora tem quantos anos?” , “Tia, a sra. mora aonde?” “Ô professora, porque a senhora tem um anel no dedo do pé?”, “Tem filhos?” “A sra. é solteira?” “Olha o meu desenho!” “Quando começam as aulas da sra?” “Qual a tua religião?” - Muitos abraços - “A senhora vem amanhã? Eu só venho pela sra”-Muitas cartinhas .*

Desde o início os discentes deixavam bem claro como viria a ser a base do nosso relacionamento, simultaneamente os docentes davam indícios do que viriam a ser os meus desafios durante esse processo. A um primeiro momento me foi dada a missão de conduzir as aulas mesmo em período de observação. O professor me dava temas e intermediava do fundo da sala discussões enquanto eu me virava para conduzi-las com a turma ao mesmo tempo que a conhecia. Estava ali o primeiro desafio: a sobrecarga.

Como comentei, me sinto muito confortável na posição de professora e, de início, não achei de todo ruim estar a frente das turmas. Foi tudo muito produtivo e útil para meu momento de regência, mas me gerou alguns prejuízos. Acabei me desgastando muito mais do que eu deveria fazendo pesquisas e planejamentos durante um período que eu poderia ter levado mais leve. Senti o

abandono das artes durante as primeiras semanas de estágio, carregando todo um peso inédito nas costas por ser a única capacitada a dar uma aula de artes.

Já na terceira semana, outro desconforto: a sabotagem. Para contextualizar o ocorrido, faz-se necessário antes apresentar os professores de artes da escola:

- O primeiro, e supervisor do meu estágio, é formado em geografia e dá aula de artes para o sexto e sétimo ano, além de história e geografia para todas as classes;
- A segunda é formada em educação física e dá aulas de artes para o oitavo ano, além das de educação física para todas as classes;
- O terceiro e último, mas não menos relevante na história, é formado em letras português, dá aulas de artes para o nono ano e inglês para todas as classes. O curioso é que, além de não saber inglês e não ter idéia de como levar uma aula de artes, este parecia, na verdade, não se importar com o aprendizado dos alunos de fato. Suas aulas não tinham lógica e pareciam não terem sido nem minimamente preparadas, passava atividades sem lógica de segmento para os alunos fazerem olhando no Google enquanto ficava no celular a aula inteira ou, em alguns dias, fazia questão de uma ordem e silêncio irreais.

Em especial no nono ano, classe mais próxima do Ensino Médio e , conseqüentemente, mais crítica da escola, ele era fortemente rejeitado e confrontado com unanimidade. Reuniam-se abaixo assinados quilométricos que clamavam por seu afastamento nas disciplinas da turma, os quais ele respondia com desdém, ironia e tentativas falhas de impor autoridade.

A educação bancária é insustentável em um mundo em que o acesso à informação não é mais o maior dos desafios. O professor não é o detentor único e coroado do saber que iluminará os “desalumiados”/alunos. É no mínimo ingênuo agarrar-se a essa ideia na tentativa de preservar um ego profissional. Nenhum estudante que frequente a escola básica a partir da década de 2020 enxergará a figura do professor enquanto necessária até que ela assuma seu papel de facilitador do conhecimento. O desafio é ensinar essa geração a filtrar informação, a buscar o conhecimento para além do banal e expandir o olhar para fora de suas bolhas sociais.

Esta concepção “bancária” implica, além dos interesses já referidos, em outros aspectos que envolvem sua falsa visão dos homens. Aspectos ora explicitado, ora não, em sua prática. Sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo especializado neles e não aos homens como “corpos conscientes”. A consciência como se fosse alguma seção “dentro” dos homens, mecanicistamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que a irá “enchendo” de realidade. Uma consciência continente a receber permanentemente os depósitos que o mundo lhe faz, e que se vão transformando em seus conteúdos.(Freire, 1987, p.40)

Nessa perspectiva, as visualidades são compreendidas como formas culturais de apresentar, narrar ou mencionar vivências, cotidianos e

posicionamentos, caracterizando grupos de sujeitos, conceitos, valores e subjetividades. Sendo vistas, dessa forma, não mais como um espelho da realidade, mas como maneiras de mediar a construção de ideias. Nesse sentido, passa a ser fundamental pensar a aprendizagem em artes visuais como uma relação entre a construção da subjetividade individual e o contexto social, em que não existem mais receptores nem leitores, mas construtores e intérpretes, situando a nós e nossos educandos nas relações com o que vemos, nos questionando como, por que e que tipo de conexões construímos com essas visualidades. Ou seja, pensar em “como podemos produzir nossas próprias narrativas, imprimindo-lhes nossas digitais identitárias, sempre em transformação”, (Martins, 2009, p. 116).

A falta de respeito oferecida pela ausência completa de planejamento, segmento lógico e dedicação ao ensino-aprendizagem que o professor em questão oferecia aos alunos era retribuída com mais falta de respeito. Durante todo o estágio fiquei encarregada dos sextos e sétimos anos, no entanto houve em determinado momento a tentativa de estagiar no nono ano. Durante esse período passei a frequentar a sala desse tal professor. A reação imediata e quase desesperada dos alunos foi a de se dirigirem a mim para tirar dúvidas sobre conteúdos, apresentar produções artísticas pessoais e até pedir conselhos. Meu instinto sempre foi o de responder da melhor maneira possível a todas as perguntas, e simples assim passei a ser respeitada e solicitada.

Em um determinado dia ouvi o mesmo professor se queixar à gestora da escola sobre minha conduta em sala, alegando eu estar atrapalhando sua “tão relevante aula” de copiar receita de feijoada no quadro. Pensei ter escutado errado, a um primeiro momento, mas minutos depois, com o toque do sinal para o intervalo, fui chamada de forma já não muito coerente a uma reunião na minúscula diretoria. - “Tu vai dar aula de que?!” - Foi o primeiro questionamento jogado a mim em tom hostil e arrogante pela diretora da escola, que não havia, até então, se importado com a minha presença.- “ Não estou ainda em período de regência, mas pretendo me basear no enfoque principal dos livros didáticos de cada turma. Já estou inclusive com todos em mãos. Quando o plano de aula estiver pronto posso lhe ceder, já que estais interessada.”- Respondi já bastante séria e com um olhar de imposição, como quem defende seu espaço e demanda respeito. Logo, o tom da conversa mudou e, de maneira passiva-agressiva, chegou no ponto de questionar minha postura em sala de aula.

Naquele momento entendi duas coisas: primeiro, eu não havia me enganado sobre o que havia escutado; segundo, minha presença estava mexendo com a zona de conforto e com o ego de alguns docentes. Estavam tentando não apenas sabotar o meu trabalho, mas a mim e ao que convergia para uma educação libertadora. Pouco depois uma segunda reunião, dessa vez com todos os docentes presentes na escola no momento. Nela decretava-se a estrita e inflexível ordem de seguir a BNCC pelas próximas aulas em todas as disciplinas, algo que já era feito em todas as matérias, menos em artes. Em teor provocativo me foi dirigido o olhar durante todo o comunicado, diante dos três professores, a fim de me colocar em uma posição de culpa. Ao final, com ironia, a gestora provocou - Algo a acrescentar?. Passei uma semana digerindo a situação. Ao levar o relato

para o encontro da disciplina de iniciação ao TCC, uma luz: “Se não formos nós a defender nossa profissão, quem será?”.

O que minha experiência pessoal diz sobre o cenário atual da educação artística no ensino formal brasileiro? Quantas vezes durante sua carreira um arte-educador terá de defender o seu lugar de importância e relevância em uma escola? Visto que em menos de um mês a sobrecarga e a sabotagem já haviam se apresentado a mim enquanto estagiária de uma escola de referência no estado de Pernambuco. Como eu iria conduzir uma trajetória profissional sem desistir ou adoecer? Quais as perspectivas de um estudante de Artes Visuais Licenciatura acerca da profissão de professor de ensino básico antes e depois de um estágio na área? Por que é tão ameaçador para o funcionamento pacífico de uma escola a presença de um educador progressista e transgressor? Como tornar possível e sustentável a docência das artes que aprendemos na universidade em ambientes tradicionais e intransigíveis?

O fato de que muito dificilmente encontramos lecionando as aulas de arte alguém formado em sequer uma dessas quatro áreas - música, dança, teatro ou artes visuais- é problemático, ofensivo e absurdo para nós, que enxergamos a arte como uma importante área de conhecimento. Imaginarmos como alguém sem nenhuma preparação teria condições de dar aulas que passamos cinco anos de nossas vidas aprendendo a dar. O ensino da cultura visual ensina a refletir criticamente sobre relações de poder, posições sociais, identidade, autoestima, sexualidade e outras várias questões que nos envolvem diariamente no nosso cotidiano. A maior carência dos alunos atualmente não é o acesso à informação, mas sim a interpretação e filtragem dessas informações. Enquanto o sistema brasileiro insiste em enfraquecer o ensino das artes, as redes sociais educam os jovens, que ficam reféns da mera reprodução de discursos e comportamentos.

É preciso porém que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nós afirmamos. Uma das questões centrais com que temos de lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa de se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. É a partir deste saber fundamental: mudar é difícil mas é possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógica. (Freire, 1996, p.41)

Pouco depois surgiu outro problema, para fechar os desafios da vez: descaso: sucateamento de recursos pedagógicos. O cabo do projetor da escola sumiu e só sobrou um que estava com a tela

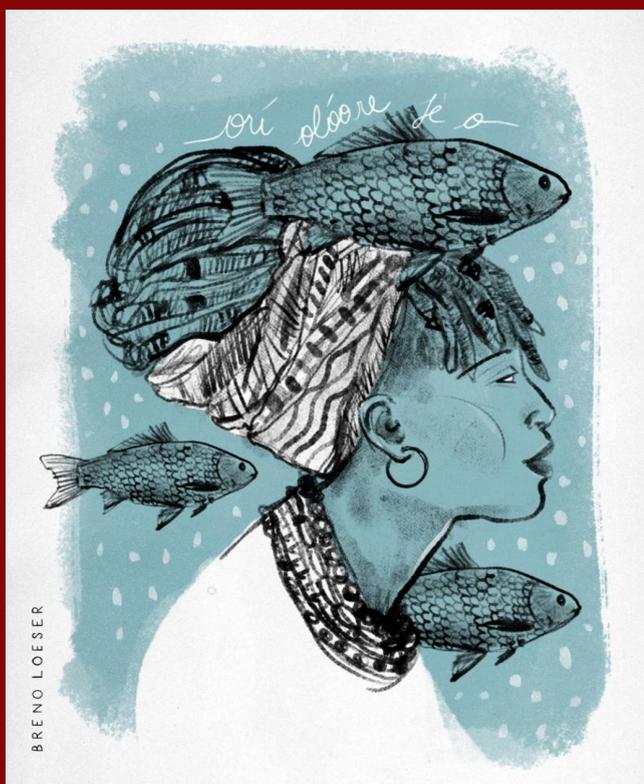
mofada. As aulas dependiam de projeção para analisarmos as imagens, passava horas criando slides para a aula, não era possível que eu não ia poder usá-los. Só se conseguia enxergar os últimos 30% de comprimento da tela. Na mesma hora pensei “ Caramba... passei 4 anos estudando formas de me emancipar da escassez de recursos materiais da escola e esqueci do projetor!”. Insisti, como sempre, e dei minha aula com o melhor que pude arrancar daquele borrão luminoso. Em casa meus pensamentos se resumiam em “ e agora?!”. Dentre as opções, a vontade era a de comprar um mini projetor e estar preparada, mas claramente não tinha esse dinheiro. Também não encontrei quem pudesse me emprestar e a única solução foi me adaptar. Baixei os slides em pdf e os projetei na brecha visível.

Os alunos toparam a empreitada comigo e as aulas funcionaram uma semana assim. Foi incrível como não desistir repercutiu, o comentário foi geral e na semana seguinte tinha um projetor impecável e novinho na minha mão. Imagino como não deve ser desgastante para um professor que atua há décadas no ambiente escolar ter que lidar com percalços, desaforos e cansaços. Aproveitei minha disposição de graduanda e jovem para insistir, mas não julgo os que se conformam. A vida não é só trabalho, saúde física e mental precisam ser uma prioridade. Quem cuida dos professores?

Ser professor não é tarefa fácil visto que nela não se implica apenas a transmissão de conhecimentos e não possui apenas a dimensão técnica como enfatiza Imbernón (2011).O trabalho do professor se concretiza na ação pedagógica, a qual, por sua vez, se faz pela relação pedagógica e interações que envolvem os três elementos básicos do processo de ensino e aprendizagem: aluno-professor-conteúdo.Isto posto, os aspectos relacionais não podem ser ignorados e, conforme destacou Carvalho (1999), as relações podem ocupar dois extremos: podem constituir fator de desgaste no trabalho por conta de uma falta de habilidades para manejar as relações e emoções, e ainda podem atuar como fator de satisfação no trabalho, além de outros fatores subjetivos da pessoa do professor. É frequente encontrarmos docentes queixando-se das suas condições de trabalho, dos alunos desinteressados, da falta de infraestrutura, do baixo salário, do excesso de atividades que não se encerram com seu expediente de aula, etc. As queixas são de inúmeras ordens e refletem também traços da identidade desse sujeito professor. (Pereira; Mendes, 2017, p. 391.)

Para Fagá (2008), é esse o discurso que permeia a profissão do professor, o qual se acomoda, se torna passivo e queixoso. Com isso, averiguou que as queixas são formas de justificativas da passividade dos professores diante das dificuldades que enfrentam, e é o que os mantêm inertes diante da situação de mal-estar na profissão.(...) O autor explicou que os professores se queixam e demonstram desejo de mudar, mas, em compensação, não se empenham em buscar saídas, resistindo a tudo que é novo, permanecendo em situação de inércia para não correr os riscos que as mudanças podem provocar. Podemos considerar que a inércia docente é capaz de estar

relacionada ao mal-estar na profissão, que é resultante de cansaço e esgotamento que possivelmente decorrem da ausência de habilidades para trabalhar com as emoções das relações humanas, sendo que o desgaste reflete diretamente no humor, na saúde, nas próprias relações e na personalidade do professor (CARVALHO, 1999). (Pereira; Mendes, 2017, p. 395.)



Orí Olóore Jê o<sup>4</sup>- Breno Loeser. Desenho digital.  
Disponível em: [instagram.com/brenoloeser](https://www.instagram.com/brenoloeser)

*Mergulhei no oceano, dando espaço agora à sabedoria e leveza da mãe de todas as cabeças, aquela que nos ensina a ser como peixes: guiarmos-nos pela cabeça em meio a uma imensidão de possibilidades, desafios, belezas e perigos. Tentaram me afogar, mas respirei embaixo d'água.*

*Ser arte educador no ensino formal é um desafio para qualquer um que preze por um verdadeiro ensino de arte. Refiro-me como verdadeiro aquele ensino de arte que trata a linguagem visual como de fato uma linguagem. Ensinar a ler e escrever o não verbal. Interpretar e refletir as imagens do dia a dia, ter contato com repertórios culturais diversos, expandindo assim o pensamento crítico que*

*muitas vezes se fecha a apenas um cenário político social, dado o contexto de cada estudante. Estimular a quebra de paradigmas e disponibilizar a chance de expressão, reflexão e debate é um dos papéis da arte-educação.*



Eu e a turma do sexto ano da Escola Estadual Candido Duarte. Fotografia, 2022. Acervo pessoal.

<sup>4</sup> A cabeça do vencedor vencerá.

## SABIÁ



Fotografia de Valdemiro Schauren. São João do Oeste- SC. Disponível em: [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)

Se quiser pimenta, minha sabiá  
 Vá na pimenteira, minha sabiá  
 E mulher bonita, minha sinhá, só em  
 cachoeira, minha sinhá.  
 É roxa.  
 Minha sabiá é roxa, minha sabiá é  
 roxa, minha sabiá é roxa...  
 Minha sabiá... minha, minha, minha  
 sabiá.

Foi gingando no balanço que eu vi  
 você feliz, no compasso do meu samba.  
 Balançando com os quadris, ô, sinhá...  
 é roxa.  
 Minha sabiá é roxa, minha sabiá é  
 roxa, minha sabiá é roxa...

**Tincoãs - Sabiá roxa**

Gosto de seguir uma abordagem de projeto de trabalho e cultura visual. No ensino fundamental anos finais foi muito bem sucedida, já que são mais novos e, por isso, as aulas acabam se encurtando em meio a agitação. Escolhi assuntos, separei repertório cultural brasileiro e diverso, estabeleci metas em um cronograma que ao final deveria resultar na confecção de obras alinhadas aos conhecimentos, debates e pesquisas tecidas ao longo das aulas.

O sétimo ano era uma turma muito participativa, comunicativa e curiosa. Já haviam mostrado interesse espontâneo por temas que envolviam identidades, estavam no auge da puberdade, entre os seus 13 e 14 anos, e o conteúdo programático tinha um enfoque em “cultura brasileira”. Aproveitei o ambiente eferescente favorável ao auto-descobrimento e dei um flecheiro na oportunidade de trabalhar descolonização. Alimentei-me de Luiz Rufino, almocei “Vence-demanda, educação e descolonização” e jantei “Pedagogia das Encruzilhadas”. “Exu e Paulo Freire, para as esquinas do mundo”, esse era o norte da minha bússola enquanto educadora - ou melhor - o meu nordeste. O assunto seria o imaginário de identidade brasileira, a tal formação do povo brasileiro e todas as discussões que eu pudesse trazer em volta do tema raça e etnia.

Quando falamos em educação das artes visuais a partir da perspectiva da cultura visual, não significamos apenas uma questão de ampliação dos artefatos visuais/ culturais levados ao contexto escolar, mas, principalmente, de reflexão sobre estratégias de como proporcionar experiências pedagógicas com diferentes visualidades e objetos. De acordo com Hernández (2011), falar a partir deste lugar é assumir um posicionamento epistemológico, metodológico e político, que compreende a história enquanto uma narrativa discursiva. (Oliveira; Paz, 2014, p.119-120.)

Tratamos do imaginário visual disseminado sobre o corpo indígena, sobre racismo estrutural, sobre classe social, gentrificação e cultura de resistência, eu e uma sala de 30 alunos entre seus 13 e 14 anos de idade. Desde o início o estágio era mais que um componente obrigatório para mim. Os planejamentos de aula eram mais que um mero cumprimento de um conteúdo programático ou uma etapa da disciplina de estágio. Preparei slides minuciosos, teçi linhas de pensamento que relacionavam a história da colonização, a dinâmica social atual e composições visuais de artistas da época, que funcionou para ilustrar tudo que estava sendo discutido. A emancipação daqueles alunos significava um rompimento de amarras não só no sistema educacional, mas no posicionamento social de toda uma geração.

Os estudos da cultura visual possibilitam que na educação das artes visuais sejam exploradas experiências com a arte na qual possamos problematizar como somos subjetivados por diferentes imagens e artefatos, assim como o que produzimos durante esses processos. Esta perspectiva teórica nos proporciona a construção de uma narrativa na qual somos convidados a produzir, inventar. Isso não significa que apenas a discussão em torno da cultura visual seja capaz de tais logros no processo educativo em artes visuais, nem que desconhecemos ou silenciemos o acúmulo teórico, metodológico e epistemológico que a comunidade de pesquisadores brasileiros têm produzido na área ou mesmo nas diversas experiências bem-sucedidas em ensino de artes visuais que não usam necessariamente tal abordagem. (Oliveira;Paz, 2014, p.120)

As aulas foram incríveis. Teve palma, teve choro, teve briga. Chegavam cedo à sala e não se importam com a hora de ela acabar. Ninguém saía da sala nem para o banheiro, os mais comunicativos falavam, os mais tímidos assistiam atentamente e ao final das aulas se acumulavam ao meu redor para estender o assunto. A sala mais temida e mal falada da escola estava simplesmente sedenta de conhecimento. Os alunos do fundão que não interagiam, dormiam e resenhavam nas aulas estavam empenhados no assunto, cantavam músicas, pediam silêncio e faziam trabalhos de pesquisa impecáveis sozinhos. No dia em que ouvi de um menino que vivia dormindo ou na diretoria um: “Ei professora, louca demais a aula de hoje”, não tinha sobrecarga nem sabotagem certa. Podiam vir mais 20 reuniões constrangedoras, eu só parava se fosse expulsa. Meu trabalho estava valendo a pena e não era ninguém que ia me parar.

Esse posicionamento por parte dos professores, que compreende as relações e conexões estabelecidas entre o sujeito e os objetos, entre o sujeito e as visualidades, entre o sujeito e outro, contribui para que as artes visuais deixem de ser apenas mais uma disciplina no currículo escolar ao oferecer propostas a partir das quais os estudantes possam aprender sobre si mesmos, os outros e o mundo em que vivem. Os professores preocupam-se em encontrar estratégias para relacionar estes conteúdos específicos das artes visuais ao contexto dos educandos, procurando, a partir da arte, tratar ainda de questões que incluem o cotidiano, abrindo espaço para que os conteúdos de conceitos e princípios e atitudinais se façam presentes nessas aulas. (Oliveira; Paz, 2014, p123)

O meu envolvimento com a prática educativa, sabidamente política, moral, gnosiológica, jamais deixou de ser feito com alegria, o que não significa dizer que tenha invariavelmente podido criá-la nos educandos. Mas, preocupado com ela, enquanto clima ou atmosfera do espaço pedagógico, nunca deixei de estar. Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. (Freire, 1996, p.37)

Para o sexto ano o tema era processos criativos. A demanda era libertar para expandir. A ideia era trazer práticas de desenhos transgressoras que trabalhassem o lado direito do cérebro e os obrigasse a fugir de arquétipos, medos e perfeccionismos. Para isso, me baseei no livro *Desenhando com o Lado Direito do Cérebro: Um curso para estimular a criatividade e a confiança*, de Betty Edwards e nas propostas de práticas transgressoras para acabar com os mitos do desenho infantil da artista visual e arte educadora Susana Rangel. Simultaneamente fui cuidando de apresentar repertório visual de artistas locais, próximos à realidade dos estudantes, a fim de aproximá-los do consumo de arte e provocar o imaginário de artista europeu, gênio e inacessível que vai se construindo na escola. Dediquei-me à confecção de slides que reunissem de 6 a 8 obras de artistas pernambucanos dos mais variados contextos - majoritariamente racializados e favelados, para gerar identificação -, estilos estéticos e abordagens poéticas. Ao todo foram 13 artistas, muitos deles colegas de faculdade, amigos e conhecidos.

Compreendemos que a presença da arte contemporânea na escola aproxima o educando, que deixa de ver a arte como uma produção impossível de ser realizada por alguém que não possua “o dom” ou como uma produção hierarquizada. A arte contemporânea nos convida a experimentar recombinações, imprevistos, assim como nos ajuda a compreender que o valor artístico não está no objeto, mas nas relações de poder que conformam esse objeto enquanto arte. A cultura visual compreende as visualidades como um vir a ser nunca realizado, mas que deseja cumprir-se no encontro. É nas conexões estabelecidas que os sentidos vão sendo dados, produzidos. De acordo com os educandos, conhecer “artistas vivos”, dialogar sobre as relações entre a arte e o contexto, trabalhar em grupo, discutir em coletivo sobre a proposta que irão realizar, assim como explorar outros materiais, suportes e espaços proporciona outras experiências com a arte e o lugar no qual se relacionam. Estes poderiam ser alguns dos outros rumos na formação docente em artes visuais por onde podemos caminhar.(Oliveira; Paz, 2014, p.125)

Com eles a dinâmica era intercalar prática e repertório visual, para ir derrubando muros aos poucos. A priori a de se considerar que os alunos retornavam de dois anos de aula remota, dado o período de isolamento social causado pela pandemia da Covid-19, o que influenciava fortemente na visão que eles tinham sobre a escola, no domínio de leitura e escrita e na habilidade de realizar tarefas em grupo ou interagir entre si. Um dos maiores desafios que identifiquei na turma foi a de despertar neles interesse, pareciam viver em um mundo paralelo, onde a internet era a verdadeira realidade e o mundo físico era um universo distópico. Muitas faltas, uma ausência de dedicação e curiosidade assustadora e muitas vezes uma apatia. Haviam se acostumado ao ritmo de vídeos curtos, de informação banal e hiperconcentrada que oferecem as redes sociais. Por isso, foi muito difícil acostamá-los a focar na aula e a interagir uns com os outros. Minha solução foi provocar a convivência, com dinâmicas em dupla; a concentração, com perguntas sobre o artista que mais gostou; e a responsabilidade, com pastas que deveriam estar em dia em todas as aulas.

Primordialmente, minha posição tem de ser a de respeito à pessoa que queira mudar ou que recuse mudar. Não posso negar-lhe ou esconder-lhe minha postura mas não posso desconhecer o seu direito de rejeitá-la. Em nome do respeito que devo aos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. Esta, a omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos.(Freire, 1996, p.36)

A educação das artes visuais a partir da cultura visual possibilita que partindo dos conteúdos de arte se discuta sobre o que nos preocupa cotidianamente. É construir opinião sobre assuntos de interesse, inventar nossas próprias narrativas sobre determinada situação, imagem ou objeto,

discutir em grupo e construir trabalhos colaborativos que também vão estar em relação com as pessoas que estão nesses espaços, tornando-se “não só uma coisinha, assim, que ninguém vai dar bola, que tu vai só ganhar ponto com o professor [sic]. É uma coisa até mais prazerosa de tu fazer”. Os estudantes percebem que não estão fazendo trabalhos que são somente para o professor avaliar, mas para um grupo maior que pode ser a comunidade da escola, estudantes de outras turmas e turnos que também vão visualizar e interagir com suas produções artísticas. Discussões e propostas que acontecem a partir do aprofundamento de conteúdos específicos das artes visuais também foram muito mencionadas e valorizadas pelos educandos: “Primeiro a gente tenta aprender mais sobre aquilo, como que a gente pode trabalhar, o que significa aquilo que a gente quer fazer, e qual é a ideia que a gente quer desenvolver. A gente para, pensa, organiza, e depois faz o projeto”. (Oliveira; Paz, 2014, p.124)

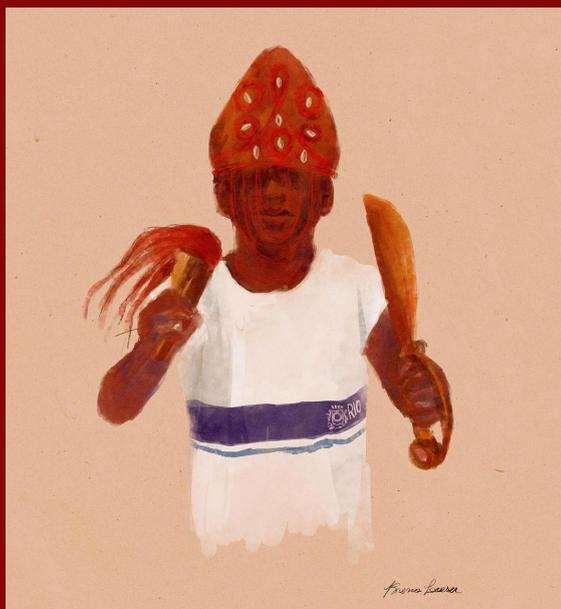
As primeiras aulas foram barulhentas e exigiu de mim estratégia. A partir da terceira aula tudo fluiu bem. Os venci nos desafios, era uma santa concentração: desenhar com o lápis amarrado no graveto, desenhar com a mão esquerda, desenhar o colega sem olhar pro papel... Só não podia desistir, porque a nota era tentar durante 5 minutos sem parar. Nas aulas expositivas, a novidade cativava, gerava interesse. Os alunos vibravam com trabalhos de pessoas que poderiam facilmente ser seus vizinhos, primos, colegas ou amigos. Se encantaram, se identificaram, se inspiraram e o resultado foi a evolução de uma entrega apática e contida para uma participação ativa e sincera. O comportamento mudou para além das aulas de artes e no final os produtos foram experiências marcantes e desenhos feios.



Aula de prática de desenho com alongamento de riscante com alunos do sexto ano da escola estadual Cândido Duarte. Fotografia, 2022. Acervo pessoal.

Mesmo os que se incomodaram aprenderam alguma coisa com aquele furacão que passou por ali. Por falar em Oyá, me colocar sem medo como candomblecista e juremeira mexeu com

muitos estudantes daquela escola. Procuravam-me cheios de segredo para me falarem que eram do axé, mas que não expunham por receio das críticas. Em ambas as turmas tirei momentos para representar orixá e abri espaço para falar de macumba. O sorriso deles com a reação positiva dos colegas foi impagável. Tudo que levei comigo dali foram sorrisos. Com o fim do estágio, as pedras do meu sapato eram irrelevantes porque estávamos todos descalços, ocupados e envolvidos demais para dar poder a atrapalhos insignificantes. A mudança positiva que uma arte educação libertadora causou na comunidade escolar foi reconhecida no dia em que me despedi. Tudo valeu a pena.



Oyá nas escolas - Breno Loeser. Pintura digital inspirada em fotografia do projeto Akoko Nan Educação. Disponível em: [instagram.com/brenoloeser](https://www.instagram.com/brenoloeser)



O tempo que tange o movimento, Oyá.-Breno Loeser. Pintura digital. Disponível em: [instagram.com/brenoloeser](https://www.instagram.com/brenoloeser)



Eu e a turma do sétimo ano da escola estadual Cândido Duarte. Fotografia, 2022. Acervo pessoal.

## PATATIVA



Fotografia de Adilson Marques - Bonito-MS. Disponível em [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)

*Patativa do Assaré foi um poeta popular, do sul do Ceará, autor da música “A Triste Partida” que cantou Luiz Gonzaga:*

O carro já corre  
 No topo da serra  
 Olhando pra terra  
 Seu berço, seu lar  
 (Meu Deus, meu Deus)  
 Aquele nortista  
 Partido da pena  
 De longe da cena  
 Adeus meu lugar  
 (Ai, ai, ai, ai)(...)

(Meu Deus, meu Deus)  
 Só vê cara estranha  
 De estranha gente  
 Tudo é diferente  
 Do caro torrão  
 (Ai, ai, ai, ai)  
 Trabaia dois ano  
 Três ano e mais ano  
 E sempre nos prano  
 De um dia vorta (...)

O tempo rolando  
 Vai dia e vem dia  
 E aquela família  
 Não volta mais não  
 (...)  
 Faz pena o nortista  
 Tão forte, tão bravo  
 Viver como escravo  
 No norte e no sul  
 (Ai, ai, ai, ai)

*Sporophila plumbea - (Ave) cor de chumbo que gosta de sementes.*

*Espalhar sementes mundo afora, é a certeza de missão que tenho nesse mundo. Minhas asas são a arte educação e minhas sementes são as verdades que vejo com meus olhos e busco por instinto.*

Enquanto realizava o estágio 1 ia programando o 2. Meu alvo era o EREM Olinto Victor, a Escola de Referência em Ensino Médio do bairro da Várzea, bem como muitos dos alunos do 9 ano da primeira escola. Naquele mesmo tempo realizei uma ação com os alunos do, então, segundo ano dessa escola, junto ao projeto M.Arte. Como amostrada que sou, chamei um bocado de atenção e acabei criando laços em poucos dias. Comentei com eles que tentaria estágio por lá, para a disciplina de artes, seis meses depois lá estava eu, dando aula para os exatos mesmos meninos, agora formandos, e vendo outros da antiga escola, agora calouros, pelos corredores. Essa aproximação facilitou muito o meu trabalho, o afeto move trocas verdadeiras, permitem que enxerguemos uns aos outros de maneira mais transparente e deixa tudo mais fluido; leve. Consegui entender como funcionavam e o que precisavam em poucos dias de convivência, da mesma forma que compreenderam minhas intenções, objetivos e maneira de trabalho na mesma velocidade. Os primeiros registros do meu diário de estágio no EREM Olinto Victor foram assim:

*Dia 1 de fevereiro de 2023, já sabendo que as coisas só se resolvem de verdade pessoalmente, fui à tarde com a sorte do meu lado em busca do meu "sim". Como num filme, os passarinhos cantavam, os velhos me sorriam na rua e meus olhos, mesmo realistas, eram otimistas como os de quem ama.*

*O primeiro sinal me esperava na parada de ônibus. Uma aluna minha, que havia sido muito importante durante meu período no Cândido, me avistou e logo sorriu. Me deu um abraço e me perguntou se eu voltava, que sentia minha falta e tudo andava muito sem graça, sem mim. Eu fico fraca quando o assunto é aluno meu, aquilo já encheu meu coração que nada mais me abalava.*

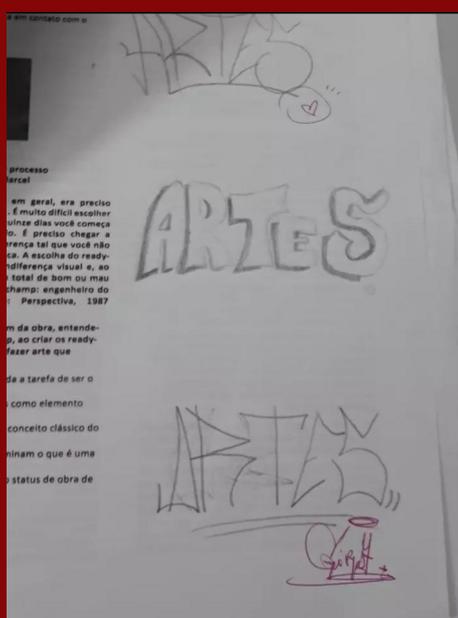
*O segundo sinal me gritava na rua assim que desci do ônibus: "Soooooooooolllllllll". Era Joyce, agora aluna do terceiro ano, vindo me abraçar na rua. "A Sra veio atrás do estágio, finalmente?! A gente tá ansioso te esperando!!", disse que sim. Ela me respondeu que daria tudo certo e que era uma boa hora. Quase não me restavam dúvidas.*

*Como gosto muito do número 3 e sempre digo que todo recado tem de ser dado 3 vezes "pra alafiar"/confirmar, meu sagrado cuidou de me enviar o terceiro: Danilo, outros dos alunos que marcaram meu coração desde 2022. Pisei na escola e ele já me viu de longe: "Sol! Finalmenteee! Viessa atrás do estágio, né?! O diretor e os professores estão lá dentro, é por aquela porta ali!". Não sabia nem onde era o banheiro naquele momento, tudo ainda era muito labiríntico, eu ter um mini guia foi tudo pra mim naquela hora. (Mini não né, Danilo tem quase 2 metros).*

Em cima daquela serra  
cantam duas patativa  
Uma canta outra responde  
O dono da casa viva  
**Encima daquela serra - Maciel Salú**

Durante o tempo que estive lá tudo foi muito fluido. Minha supervisora de estágio me deixou extremamente à vontade, me tratou como uma colega de profissão e me respeitou em todas as instâncias. Isso proporcionou momentos bem alinhados, propostas coerentes e úteis, um período de observação e de regência extremamente proveitosos e produtivos e ao final nosso trabalho passou a ser alimentar não de dependência mas de companheirismo. O fim do período de estágio obrigatório não culminou no fim do meu trabalho ali. Topei várias propostas, como dar uma formação para os professores no Museu do Homem do Nordeste, onde estagiava na época; fazer parte das decisões e organização do Literarte, evento obrigatório nas escolas estaduais, fiscalizado pela Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco; e ministrar eletiva no horário vago das turmas de terceiro ano. Não era minha obrigação e também não recebi nada para isso, mas fiz com muito bom gosto e com certeza foi engrandecedor na minha formação.

Nathane foi minha supervisora, parceira e maior incentivadora nesse processo. Realizei esse estágio já no final da graduação e minhas intenções eram, também, abrir portas de trabalho. Desde a pandemia do Coronavírus e os isolamentos sociais os períodos da universidade estão mais curtos, a fim de recuperar o tempo perdido e realinhar a cronologia do calendário acadêmico. Por conta disso, os estágios, tanto 1, no Ensino Fundamental anos finais, quanto o 2, no Ensino Médio, foram muito apressados. Minha vontade era viver intensamente aquela oportunidade para dela colher e plantar muitos frutos, por isso comecei a frequentar a escola logo que as aulas retornaram e fiquei por lá durante todo o tempo livre que dispunha na semana, sem me importar com exigências de carga horária oficial para componente curricular.



Naturalmente fui pegando intimidade com ela e alunos de todas as turmas. Dentro de um mês todos me conheciam, tiravam brincadeiras, cobravam aulas e conversavam comigo por horas. Interagi pouco com o restante do corpo docente por terem uma postura mais individualista, além de eu evitar ao máximo a sala de professores, já que não o vejo como ambiente confortável. Meus objetivos giravam em torno de dar boas aulas e conquistar oportunidades e foi isso que fiz, mas também gozei do privilégio de ter uma boa parceira de profissão. Trocamos ideias sobre caminhos de trabalho, nos ajudamos, apoiamos, desabafamos, bolamos aulas juntas, compartilhamos material de estudo, encorajamos uma a outra a crescer e isso transformou nossa relação em uma amizade construtiva.

Prova de um dos alunos do terceiro ano. Fotografia, 2023. Acervo pessoal.

Com os alunos que dei aula, os dos terceiros anos, e alguns outros de outros anos, não foi diferente. Criamos amizades e demos uns aos outros suporte extra escolar. Muita fofoca, muita risada, chororô e conselho sério. Papo de futuro, de família, de amor, de vida... Muita troca que faz tanto parte de um currículo quanto os componentes escolares. Foi uma fase muito gostosa da minha vida. Sonhávamos eu, Nathane e os alunos com um contrato que me fizesse professora dali. A gente falou de Maracatu, rural e nação; fizemos pesquisa, discutimos cultura, identidade, história e vida;

cantamos, dançamos e bebemos de coisa nossa, sem medo, sem confusão, sem papo mentiroso modernista de *folclore*, *lenda* e *mito*. Foi massa, encontros que mudaram vidas, incluindo a minha.

Trabalhar cultura popular foi falar de raça e etnia. Falamos sobre Brasil e como nossa cultura é preta e indígena. Todos ali, salvo uma menina japonesa, eram pernambucanos. Nem que apenas no carnaval, todos ali tinham alguma memória afetiva que envolvesse Maracatu, tema das aulas. Não me surpreendeu nenhum saber nem que se dividiram entre nação e rural. Alguns poucos tinham lembranças de verem um caboclo de lança ou ouvirem um baque virado, mas não tinham a menor noção da profundidade dessas expressões culturais carregam e, menos ainda, que se comunicavam com eles, suas histórias e identidade.



Eu e o Agbê na aula. Fotografia, 2023. Acervo pessoal.

Foi estalo sobre estalo, cada aula uma sessão de quiropraxia mental. A mesma sensação que senti no início da minha jornada, de quebra e reconstrução de visões de mundo se instalou nos terceiros anos apenas trabalhando maracatu. Palavra tão simples né? Parece inofensiva, engraçada, tem som de gonguê, ganzá, timbal e alfaia - MA- RA - CA -TU -, tem cheiro de carnaval e gosto de cerveja; alegria. Mostrar o canavial, a escravidão, o luto por trás da noite dos tambores silenciosos, a magia por trás de uma

calunga e o sangue que mancha a gola do caboclo de lança mudou muito as perspectivas deles sobre o valor que tem arte na nossa existência.

Ver arte e cultura por olhos superficiais e inocentes é um projeto. Arte, em quaisquer de seus campos, é ferramenta política, tanto de controle quanto de revolução. Uma época de votação não é nada sem os *jingles* que colam na mente e nada falamos sobre o que interessa, o genocídio nazista não tomaria a proporção que tomou sem as propagandas e imagens higienistas disfarçadas de pôsteres adolescentes, a folclorização de culturas não seria tão pouco questionado pelo senso comum sem o Sítio do pica-pau amarelo e seus incontáveis disserviços para o povo preto e indígena, são inúmeros os exemplos que evidenciam o poder de manipulação da arte, e estes tanto servem para fortalecer problemas quanto para enfrentá-los. O hip-hop, o maracatu, a capoeira, a ascensão de escritores e compositores negros e indígenas, o aumento do alcance e democratização da fala que as redes oferecem, tudo é arma de combate que vem alçando voos cada vez maiores.

A cultura por sua vez é identidade, as expressões artísticas tanto podem nos aproximar quanto afastar da nossa própria identidade e é esse o poder da arte educação. Educação é ferramenta de transformação, arte educação é tão poderosa quanto perigosa. Boicotá-la é um projeto e realizá-la é libertar. Não basta apenas ser formado em arte para ser um bom arte educador, isso deveria ser um pré requisito óbvio até para a constitucionalidade desse magistério, é preciso ser descolonizador de currículo e mentes. Não basta conhecer sobre história da arte estrangeira e cultura erudita/branca, é

imprescindível a ruptura com essa direcionalidade e entender a pluralidade do mundo, das culturas, das gentes e, sobretudo, valorizar, empoderar e louvar a cultura popular, regional e brasileira.

Nessa perspectiva, as visualidades são compreendidas como formas culturais de apresentar, narrar ou mencionar vivências, cotidianos e posicionamentos, caracterizando grupos de sujeitos, conceitos, valores e subjetividades. Sendo vistas, dessa forma, não mais como um espelho da realidade, mas como maneiras de mediar a construção de ideias. Nesse sentido, passa a ser fundamental pensar a aprendizagem em artes visuais como uma relação entre a construção da subjetividade individual e o contexto social, em que não existem mais receptores nem leitores, mas construtores e intérpretes, situando a nós e nossos educandos nas relações com o que vemos, nos questionando como, por que e que tipo de conexões construímos com essas visualidades. Ou seja, pensar em “como podemos produzir nossas próprias narrativas, imprimindo-lhes nossas digitais identitárias, sempre em transformação”, (Martins, 2009, p. 116).

A escola é o espaço de formação humana por excelência; ela é um complexo social fundamental na nossa constituição, tanto no âmbito social, pensando na coletividade, quanto no aspecto individual, a partir da nossa construção subjetiva. É um complexo social fundamental no processo de transformação da realidade social; ela é influenciada pelo sistema, ao passo que, em contrapartida, também o influencia, uma vez que forma as pessoas que vão ocupar e ajudar a construir todas as demais instâncias sociais. (Pinheiros, 2023, p. 147)

#### Arte popular do nosso chão

É o povo que produz o show e assina a direção

Podemos sorrir, nada mais nos impede

Não dá pra fugir dessa coisa de pele

Sentida por nós, desatando os nós

Sabemos agora, nem tudo que é bom vem de fora

É a nossa canção pelas ruas e bares que

Nos traz a razão, lembrando Palmares

Foi bom insistir, compor e ouvir

Resiste quem pode à força dos nossos pagodes

**Coisa de pele - Jorge Aragão**

Levar isso para sala causou um impacto maior e me rendeu uma formação de professores usando o acervo do Museu do Homem do Nordeste como espaço de panorama visual para construir a narrativa de Brasil que eu tanto defendo e espalho. A coordenadora da escola ouviu sugestões de professores que haviam visto pedaços de aulas minhas e me convidou para uma reunião para tratar do Literarte. São dois dias de apresentações das mais diversas naturezas literárias e artísticas acerca de um tema específico. Foi decidido que seria sobre cultura nordestina (“*Nordestelices*, 2023”) e me pediram ajuda, porque não sabiam o que e nem como trabalhar.

Os saberes profissionais dos professores parecem ser portanto, plurais, compósitos, heterogêneo, pois trazem à tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser bastante diversificados e provenientes de fontes variadas, as quais podemos supor que sejam de natureza diferente. (Tardif, 2002, p.61)

Somos seres humanos em processo e, portanto, professores também em processo. Dessa forma, não podemos pensar a educação e a formação docente enquanto algo que é, mas que está sendo, e por isso aberta a modificações, rearticulações e adaptações.(Oliveira; Paz, 2014, p.122)



Formação dos professores do EREM Olinto Victor no Museu do Homem do Nordeste. Fotografia, 2023. Acervo pessoal.

Essa reunião acabou se estendendo depois que, após soltar inúmeras sugestões, dizer que disso nada adiantaria sem verdade. Não participaria de nada que exotizasse ou diminuísse, mesmo que não intencionalmente, algo meu ou que eu defendesse, seria incoerente com meu modo de vida e trabalho e não concordava em um projeto desse potencial ser mau trabalhado. As conversas da sala de aula tomaram também a mesa da sala dos professores, o que de início tinha 4 pessoas terminou com 10 e a tal formação. Um evento desse não é para ser tratado como besteira, ponto extra, facultativo ou hora vaga, se é feito na escola é para ser educativo e precisa fazer diferença no modo de ver e viver de todos os envolvidos, ou seja, toda a comunidade escolar: professores, alunos, gestores, assistentes, estagiários, servidores, familiares e entorno. De que adiantaria mais uma oportunidade de aprendizagem desperdiçada pela preguiça, já que a oportunidade de formação estava ali. Por que não rever, inclusive, a maneira de lecionar todos os componentes curriculares, incluindo matemática, geografia, física...? Todas as matérias podem e devem ser descolonizadas.

Pode-se constatar que os diversos saberes dos professores estão longe de serem todos produzidos diretamente por eles, que vários deles são de certo modo “exteriores” ao ofício de ensinar, pois provêm de lugares sociais anteriores à carreira propriamente dita ou situados fora do trabalho cotidiano. Por exemplo, alguns provêm da família do professor, da escola que o formou e de sua cultura pessoal; outros procedem das universidades; outros são oriundos da instituição ou do estabelecimento de ensino (programas, regras princípios pedagógicos, objetivos, finalidades, etc.); outros, ainda, provêm dos pares, dos cursos de reciclagem, etc. Nesse sentido, o saber profissional está, de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação, etc. Ora, quando estes saberes são mobilizados nas interações diárias em sala de aula, é impossível identificar imediatamente suas origens: os gestos são fluidos e os pensamentos, pouco importam as fontes, convergem para a realização da intenção educativa do momento. (Tardif, 2002, p.64)

Essa inscrição no tempo é particularmente importante para compreender a genealogia dos saberes docentes. De fato, as experiências formadoras vividas na família e na escola se dão antes mesmo que a pessoa tenha desenvolvido um aparelho cognitivo aprimorado para nomear e indicar o que ela retém dessas experiências. Além de marcadores afetivos globais conservados sob a forma de preferências ou de repulsões, o indivíduo dispõe, antes de mais nada, de referências de tempo e de lugar para indexar e fixar essas experiências na memória. Os vestígios da socialização primária e da socialização escolar do professor são, portanto, fortemente marcados por referências de ordem temporal. Ao evocar ou evitar como professor, ele se lembrará das pessoais equações que o professor de química obrigava a fazer no fim do segundo grau, a temporalidade estruturou, portanto, a memorização de experiências educativas marcantes para a construção do eu profissional, e constitui o meio privilegiado de chegar a isso. (Tardif, 2002, p.67)

Foi plantada mais essa semente e não fiz mais que minha obrigação de passarinho.



Eu e turma do terceiro ano do EREM Olinto Victor. Fotografia, 2023. Acervo pessoal.

## SALTA CAMINHO | TICO-TICO | JESUS-MEU-DEUS



Fotografia de Jarbas Matos, Jacareí-SP. Disponível em: [www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)

*Esse aqui dispensa apresentações. É pequeno e ligeiro, salta caminho e canta “Jesus meu Deus”.*

Em uma conversa informal, um grande artista e parceiro meu, Mateus Melo, escutei a seguinte fala: “Eu queria poder viver de trabalho, almoço, casa e cama. Trabalhar pra me sustentar e ficar feliz em poder tomar uma no fim de semana. Acontece que não consigo viver assim. Seria mais fácil ser funcionário em qualquer lugar, eu trabalho bem! É mais fácil, natural. Problema é que das vezes que vivi assim, adoeci. Eu sou artista, eu preciso fazer arte, preciso ir contra essa maré que me leva a esse futuro roteirizado, esse sou eu e não tem como explicar. A minha vida, o meu destino, é fazer diferente, e esse é o caminho mais difícil, infelizmente.”

Nessa conversa eu enxerguei toda a dificuldade de fazer esse texto, de seguir minha vida, de concluir mais esse ciclo e seguir essa trajetória. Na minha vida pessoal e profissional, ir em busca de viver a minha verdade é vital, mas muito difícil. Quantas vezes pensei em apagar tudo que escrevi, largar a universidade, viver de comércio, não frequentar os espaços que me apareciam para

não precisar lidar com olhos me julgando. Nada que trilho na minha vida é com a intenção de me aparecer, mas na cidade tudo tem gosto de competição. A verdade é envenenada pela vaidade e pelo vazio que essa vida moderna, de redes e aparência, traz. É doloroso pensar o porquê é tão difícil simplificar as coisas, o ser humano complicou tudo, vivemos em sociedade e nada mais é leve, tudo tem peso, tudo é complexo e subjetivo, tudo dói e a ignorância às vezes parece uma benção.

Só quem toma um sonho  
Como sua forma de viver  
Pode desvendar o segredo  
De ser feliz

Foi nos bailes da vida ou num bar em troca de  
pão  
Que muita gente boa pôs o pé na profissão  
De tocar um instrumento e de cantar  
Não importando se quem pagou quis ouvir  
Foi assim

#### **Nos bailes da vida - Milton nascimento**

Cantar era buscar o caminho que vai dar no  
Sol  
Tenho comigo as lembranças do que eu era  
Para cantar nada era longe, tudo tão bom  
Até a estrada de terra na boleia de caminhão  
Era assim

Com a roupa encharcada e a alma repleta de  
chão  
Todo artista tem de ir aonde o povo está  
Se foi assim, assim será  
Cantando me desfaço e não me canso  
De viver nem de cantar

Complicado ser educador e perceber que o conhecimento não só liberta como revela muita injustiça. Enxergar novas possibilidades preenche o nosso vazio, mas com elas vêm as barreiras que nos impedem de segui-los. Esse vazio torna-se indignação, as amarras invisíveis tornam-se mãos atadas. O que te enchia os olhos, mas parecia não ser pra você, de repente é seu, mas lhe foi arrancado. Questões de identidade, gênero, sexualidade, classe social, oportunidades, relações históricas e sociais, padrões de beleza, religião, opiniões, gostos, nada é seu por acaso. Muitos fatores invisíveis e intrínsecos socialmente nos amarram, e quando enxergamos o mundo dessa maneira, a dor é lutar contra isso e perceber que não vamos mudar o mundo. A esperança vive na certeza de que podemos mudar o mundo de muitas pessoas, e isso é grande o bastante.

Daí que uma das nossas brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza. Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa. (Freire, 1996, p. 38)

O prazer de ser educador é mudar pequenos mundos, que são nossos alunos. Plantar sementes e torcer para que deem bons frutos. Fazer o nosso, sem acreditar no poder das dificuldades. Trabalhar e viver como se não houvesse empecilhos e ter um colo para chorar nos momentos de frustração. Seguir e lutar a favor da liberdade mesmo que assim, doídos e, por vezes, desiludidos. Ousar, sonhar e ser feliz enquanto vida temos. Ser educador é como ser um pequeno herói, que vive dilemas, dificuldades, sangra mas no final ajuda em alguma coisa.

Os saberes dos professores, não são oriundos sobretudo da pesquisa, nem de saberes totalmente prontos para os problemas concretos da ação cotidiana, problemas esses que se apresentam, aliás, com frequência, como casos únicos e instáveis, tornando assim impossível a aplicação de eventuais técnicas demasiadamente padronizadas (Pernoud, 1996). (Tardif, 2002, p.65)

Insistir em ser artista demanda uma alimentação de esperança e fé diária. Esperança e fé de que vai contribuir na vida de alguém, que vai emocionar, que vai render algum retorno positivo, que vai ter reconhecimento ou que pelo menos vai ser valorizado minimamente. Ser artista é se expor, é ter baldes cheios de críticas e algumas caçarolas de aplausos sinceros. Ser professor de artes é andar outro degrau. Exige superar os desafios internos para alimentar e encorajar outros a fazerem arte e/ou consumi-la, demanda paciência para lidar com as diferentes opiniões e para quebrar barreiras sociais que fazem muitos não quererem saber de arte. É lidar com a dor de ver a ignorância em olhos que não sabem o impacto que ela têm, é engolir suas feridas pessoais para ser didático, para continuar, e nos emociona sim quando ao final, tudo vale a pena, algo ali cresce, um preconceito ali se quebra, uma barreira ali não existe mais e a liberdade alça voos maiores nos diferentes mundos que seguem nos assistindo das 7:30 às 17:00.

Nos anos 1960, já dizia o crítico brasileiro Mario Pedrosa que a “arte é o exercício experimental da liberdade”. Acredito que é uma definição poderosa, sobretudo se considerarmos que o conceito de liberdade depende de um contexto para se definir. O que é considerado um ato ou pensamento de liberdade em determinado momento histórico pode não ser em outro. Por isso, em se tratando de arte, é necessário prestar atenção nos sinais dos tempos e em seus significados. E pra que serve a arte? Para começar, podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem pré estabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo. (...) A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades.. A arte pede um olhar curioso, livre de “pré-conceitos”, mas repleto de atenção. (Canton, 2009, p.12)

Não é à toa que geralmente as pessoas são fundamentalistas em seus conhecimentos só querem saber o que já sabem. Aprender “dói”, tanto do ponto de vista psíquico, no sentido de se apropriar do novo e de restaurar seu pensamento a partir deste, quanto do ponto de vista social. (Pinheiros, 2023, p.80)

A educação liberta porque nos abre os olhos, independentemente do que vemos, a liberdade e a verdade é sempre a melhor opção. Não acredito que educação deve ser opcional, não acredito que arte educação deve ser opcional, não acredito que o afeto e a descolonização do currículo

devessem ser opcionais. Digo isso porque um educador, um arte educador, ou quaisquer ser que se envolva em um ambiente escolar e tenha acesso a um processo de ensino e aprendizagem que sigam esse caminho é capaz de perceber a diferença que faz o simples respeito e cumprimento do direito básico previsto pela constituição: educação de qualidade para todos. Isso é uma educação de qualidade e deveria ser para todos. Por vezes, penso em como seria o mundo; a nossa sociedade se todos pudessem ter esse acesso. Não digo sobre minha aula, falo sobre aula, que tenha dedicação, que tenha troca de afetos, que tenha relações saudáveis, que seja livre de amarras mentirosas e etnocidas e que preze pela educação libertadora em sua completude e diversidade. A realidade é que muita gente nem aula tem, muitos componentes curriculares básicos, incluindo as artes, estão sendo expulsas aos chutes das grades curriculares e parece até uma utopia sonhar assim, com o justo. Sigo defendendo que não se perca a esperança, que não se oculte, não desista e que não se canse, mesmo defendendo também que se preserve, se priorize e respeite os próprios limites enquanto ser humano.

Faço desse o meu último recado para a classe docente: o canto de um passarinho que clama “jesus-meu-deus” mas que salta caminho. Apesar dos pesares, todo dia raia um novo sol e os pássaros cantam.

Deixa

Desaguar tempestade

Inundar a cidade

Porque arde um Sol dentro  
de nós

Queixas

Sabes bem que não temos  
E seremos serenos

Sentiremos prazer no tom  
da nossa voz

Veja o olhar de quem ama

Não reflete um drama, não

É a expressão mais sincera,  
sim

Vim pra provar que o amor  
quando é puro

Desperta e alerta o mortal

Aí é que o bem vence o mal

Deixa a chuva cair, que o  
bom tempo há de vir

Quando o amor decidir  
mudar o visual

Trazendo a paz no Sol

Que importa se o tempo lá  
fora vai mal?

Que importa

Se há tanta lama nas ruas

E o céu é deserto e sem  
brilho de luar?

Se o clarão da luz

Do teu olhar vem me guiar  
Conduz meus passos

Por onde quer que eu vá

**Zeca Pagodinho - Lama  
nas Ruas**



Eu em ação do projeto M.Arte no agreste pernambucano. Fotografia, 2023. Disponível em: [instagram.com/projetomarte](https://www.instagram.com/projetomarte)

## ROUXINOL



Rouxinol do Rio Negro-Fotografia de Monica de Brito, Manaus- AM. Disponível em:[www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)

Ah, se não fosse só  
 Coisas do meu imaginar  
 Esperando o nascer do sol  
 Admirar o canto de um rouxinol  
 Ô, paz que dá  
 Se fosse verdade  
 Ah, se eu tivesse essa visão  
 Ah, se eu pudesse, mas só que não  
 Cidade cresce, sobe, desce  
 Esquece até o gps, fica todo perdido  
 Eu vi no muro grafitado algo forte  
 Bem chapado sobre as cores do  
 mundão  
 Tinha de fundo estampado céu azul  
 ensolarado

Igual desenho de televisão  
 Mas a realidade é diferente  
 O sol quando aparece é de torrar a  
 mente  
 E vários passarinhos partiram pra  
 outros ninhos  
 Pra viver longe da gente  
 É o ser humano construindo,  
 destruindo  
 Tudo o que se vê pela frente  
 Seu egoísmo é algo tão doente  
 Pode ser falta de um amor presente

**Rael - Rouxinol**

Ter esperança não gera arrependimento, apenas força e otimismo para seguir. Há quem chame de fé, essa certeza de que vale a pena, de que vai dar certo, essa tendência de ver o “copo meio cheio”, eu sou uma delas, mas não precisa ser para fazer dela a última a morrer. Em um mundo incerto e injusto, precisamos de combustível para as batalhas diárias, sejam elas quais forem. Rego a semente que aplica essa visão ao dia a dia docente. Os pequenos e grandes leões dos nossos dias parecem maiores quando estamos cansados, práticas de autocuidado ajudam a mantermos certa disposição e revelam soluções; saídas bem mais fáceis escondidas no meio da exaustão.

O desenvolvimento do saber profissional é associado tanto às suas fontes e lugares de aquisição quanto aos seus momentos e fases de construção. (Tardif, 2002, p.68)

Não posso falar por todos, mas digo por mim, nessa narrativa autobiográfica, que prezar pela minha vida e trazer leveza para a minha cabeça foi o que me proporcionou tanta mudança e, conseqüentemente, a visão que trago neste texto. Acessar minhas memórias me trouxe a certeza de novos e ainda melhores tempos, repletos de conquistas e desafios, firme de minha capacidade e condicionamento físico de enfrentá-los, bem como todos os desafios da minha vida. Pretendi mostrar o quanto minha vida profissional e pessoal são indissociáveis, para fundamentar minha escolha de usar de relatos pessoais para defender pontos de vista acerca de educação, arte educação e tudo mais que foi abordado. Todos os caminhos que dei até aqui se completaram, não houve real separação entre essas esferas. Se hoje tenho firmeza na esperança de bons caminhos com o final dessa graduação, é porque tudo escrito aqui aconteceu para me provar que seguir é a melhor opção.

De acordo com nossas análises é impossível compreender a questão da identidade dos professores sem inseri-la imediatamente na história dos próprios atores, de suas ações, projetos e desenvolvimento profissional. Nossas análises indicam que a socialização e carreira dos professores não são somente o desenrolar de uma série de acontecimentos objetivos. Ao contrário, sua trajetória social e profissional ocasiona-lhes custos existenciais (formação profissional, inserção na profissão, choque com a realidade, aprendizagem na prática, descoberta de seus limites, negociação com outros, etc.) e é graças a seus recursos pessoais que podem encarar esses custos e assumi-los. Ora, é claro que esse processo modela a identidade pessoal e profissional deles, e é vivendo-o por dentro, por assim dizer, que podem tornar-se professores e considerar-se como tais aos seus próprios olhos. (Tardif, 2002, p.107)

Muita coisa mudou em cinco anos e assim seguirão os tempos, para mim e para todos. Sou muito feliz pela trajetória que construí junto a tanta gente. Não se vive sozinho, minhas pequenas e grandes vitórias são todas coletivas. O otimismo não me ilude, só me ajuda a construir novos horizontes. Comecei esse texto falando de passado e fecho falando de futuro. Despeço-me de mais um ciclo de altos e baixos e de dias com muito mais de 24 horas. Não me arrependo de nada, nem guardo traumas de nada. Fecho-o bem resolvida, com minhas feridas cicatrizadas e o cabelo bem maior. É só o começo, sinto-me preparada. A faculdade tá aí pra isso, né?! Preparar os sujeitos para

atuar no mercado de trabalho. Depois eu estou preparada pra essa e outras guerras e com certeza não me muni só de livros e textos para isso. Narrativas autobiográficas docentes têm o potencial de gerar identificação e instigar novas idéias, documentando trajetórias. É mais um diálogo pra nos mostrar que não estamos lutando sozinhos, não somos malucos e vale a pena. Se não formos nós a nos ajudar, quem será?

A construção da identidade docente vai sendo gerada em cada evocação de tempos e situações escolares vividas e, desveladas no momento da escrita narrativa. A escrita dos memoriais de formação, ao pressupor tempos e situações, prevê a estratégia de acompanhamento destes tempos e situações. (Silva, 2016, p.20)

Presentemente eu posso me  
Considerar um sujeito de sorte  
Porque apesar de muito moço  
Me sinto são e salvo e forte

E tenho comigo pensado  
Deus é brasileiro e anda do meu lado  
E assim já não posso sofrer no ano passado

Tenho sangrado demais  
Tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro

Na trama, tudo os drama turvo, eu sou um  
dramaturgo

Conclama a se afastar da lama, enquanto  
inflama o mundo

Sem melodrama, eu busco grana, isso é  
hosana em curso

Capulanas, catanas, buscar nirvana é o  
recurso

(...)

É um mundo cão pra nós, perder não é  
opção, certo?

De onde o vento faz a curva, brota o papo reto  
Num deixo quieto, num tem como deixar  
quieto

A meta é deixar sem chão quem  
riu de nós sem teto, vai

(...)

Permita que eu fale

Não as minhas cicatrizes

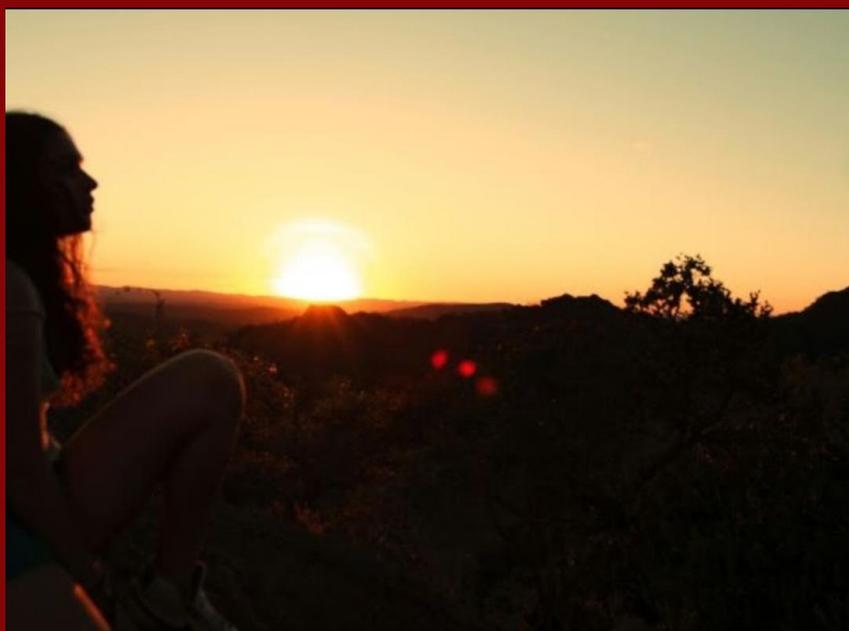
Se isso é sobre vivência

Me resumir a sobrevivência

É roubar o pouco de bom que vivi

(...)

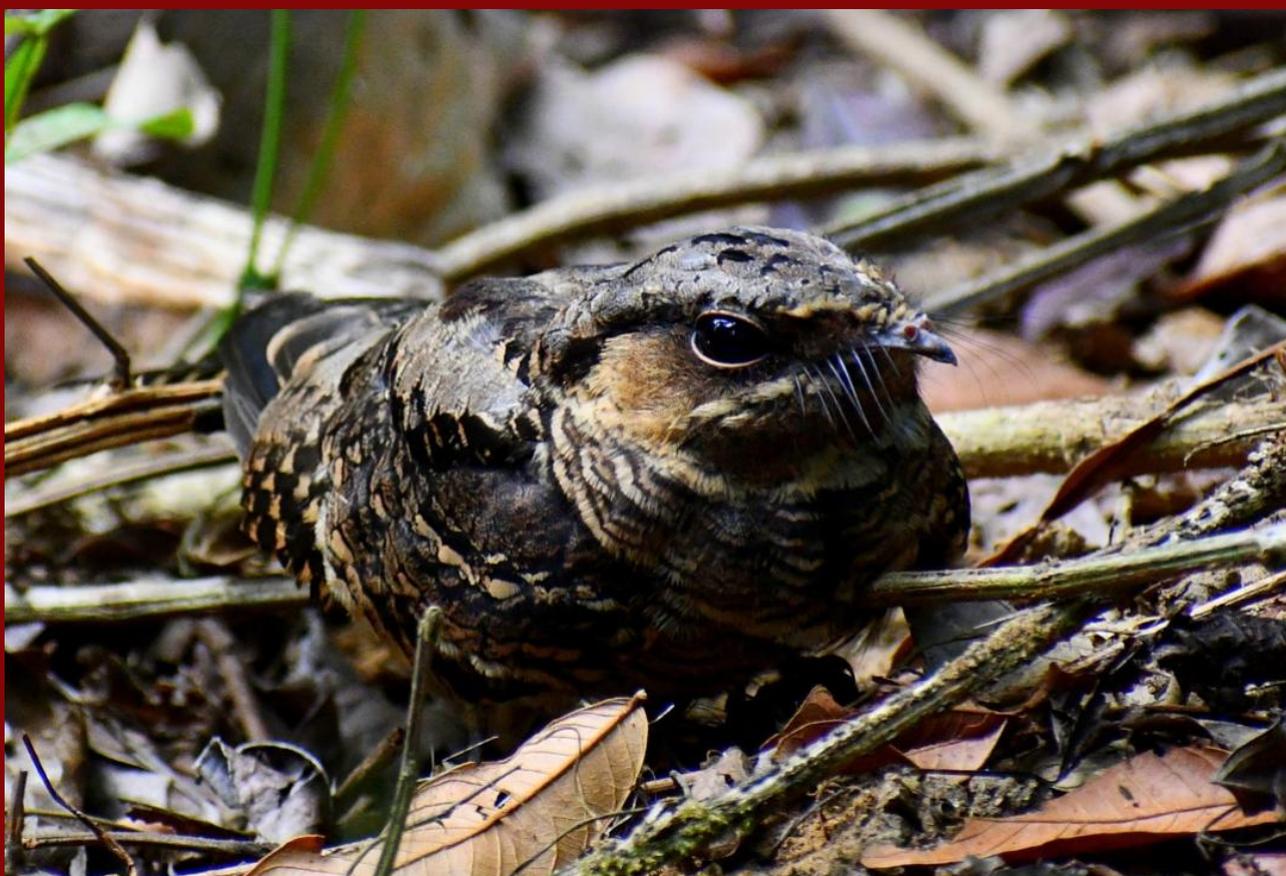
**Emicida - AmarElo**



Serra do Cipó. Fotografia, 2015. Acervo pessoal.

(...)

## BACURAU



Fotografia de Ivo Marcos, Itanhém-BA. Disponível em [ww.wikiaves.com.br](http://ww.wikiaves.com.br)

*Proibidos de exercer sua cultura, os antigos faziam seus rituais na calada da noite, como um Bacurau, que canta sem ninguém ver. É pássaro noturno, dono e guardião da ciência do canto.*

Esse trabalho permitiu uma viagem por memórias que contam sobre minha formação enquanto arte educadora a favor da liberdade. A liberdade que deve estar presente na educação formal brasileira, que precisa ter o ensino de arte e que precisa ser descolonizada; a liberdade que o afeto nas práticas e posturas docentes proporciona ao ambiente escolar e ao processo de ensino e aprendizagem; a liberdade que encontrei caminhando 5 anos numa graduação em Artes Visuais Licenciatura; a liberdade de almas passarinho que insistem em cantar e bater asas mesmo presos até alçar voo.

Relatei passagens pessoais que colocam minha história e minhas escolhas em análises que permitem relacioná-las a discussões teórico-políticas e realidades afins. Junto a elas, reuni autores que dissertam/dissertaram sobre assuntos de educação, arte educação, memórias, realidade docente, arte, cultura e descolonização, para enriquecer as argumentações tecidas. Selecionei fotografias e músicas que conversassem com os assuntos e organizei todas as partes em passarinhos, também relacionados aos temas.

A construção dessa narrativa me confirmou a visão de que a luta por uma educação realmente libertadora envolve aspectos pessoais e sociais, todos desafiadores à sua maneira e interligados, inevitavelmente. Essa luta por sua vez é urgente, imprescindível e determinante para toda uma sociedade que já teve esse acesso negado por muito tempo. Espero que, assim como foi para mim escrevê-lo, seja útil e relevante lê-lo. Construir (ou reconstruir) realidades é um ato coletivo de plantio e colheita. Sejamos passarinhos, livres, corajosos e em revoadas.

Possamos assumir com afeto o compromisso de sermos “doadores de memórias” que socializam os conhecimentos sistemáticos historicamente desenvolvidos pelo coletivo para as novas gerações, visando a formação humana desses sujeitos, mas o que compreendem de maneira fundamental o papel crucial da nossa profissão na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O papel social de professores e professoras é lindo e imenso; desejo também que um dia sejamos vistos/as e valorizados/as do modo que merecemos, e que essa valorização seja mensurada a partir da relevância e da grandiosidade da “missão” que executamos diariamente. Para qual sonho você educa? (Pinheiros, 2023, p. 149)

Oxóssi - Breno Loeser. Pintura digital Disponível em: [instagram.com/brenoloeser](https://www.instagram.com/brenoloeser)



Eu estou vestido com as roupas  
 E as armas de Jorge  
 Para que meus inimigos tenham pés  
 E não me alcancem  
 Para que meus inimigos tenham mãos  
 E não me toquem  
 Para que meus inimigos tenham olhos  
 E não me vejam  
 E nem mesmo um pensamento eles  
 possam ter para me fazerem mal  
 Armas de fogo  
 Meu corpo não alcançarão  
 Facas e espadas se quebrem  
 Sem o meu corpo tocar  
 Cordas e correntes arrebentem  
 Sem o meu corpo amarrar  
 Pois eu estou vestido com as roupas  
 E as armas de Jorge  
**Jorge da Capadócia - Racionais**  
**MC's**

## PETECA | BALADEIRA | BADOQUE

AmarElo: o amanhã é ancestral. [https://valkirias.com.br/amarelo-o-amanha-e-ancestral/](https://valkirias.com.br/amarelo-o-amanha-e-ancestral/&sa=D&source=docs&ust=1692390238877152&usg=AOvVaw1allxNscQ7Ui76n3syYm0-) &sa=D&source=docs&ust=1692390238877152&usg=AOvVaw1allxNscQ7Ui76n3syYm0- Acesso em: 03 ago. 2023.

AQUINO, Suelen. Receita para arrancar poemas presos. - BORRE, Luciana; TEZZA, Marianne, Conversas de estágio : artes visuais, dança, teatro. Recife: Editora UFPE, 2015. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/atolog/view/489/479/1442>

BRUCK, Mozahir Salomão. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. Belo Horizonte: Dispositiva v.1 n.2 p. 196-199 nov.2012 / abr. 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/4301>

CANTON, Katia. Tempo e Memória. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CAPRINI, A. B. A; AROEIRA, K. P; SERAFIM, N. J. R. Formação docente e descolonização do currículo: Congo e Folia de Reis na Serra/ES. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar. Mossoró, v. 7, n. 22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/3321>

CULTNE - Beatriz Nascimento - Entrevista exclusiva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6VmPjhOTozI>. Acesso em: 5 de agosto 2023.

DANIEL, V.JACKSON, T. Imagens visuais e visão do mundo em um espaço millennial autorreflexivo: Arte Educação como Catalisador. Revista GEARTE, [S. l.], v. 5, n. 3, 2018. DOI: 10.22456/2357-9854.89342. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/89342>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Documentário: Ôrí. Disponível em: <https://www.facebook.com/100068003666998/videos/document%C3%A1rio-or%C3%AD/677188599155700/>. Acesso em 6 de agosto 2023.

Festival LED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wJQC9x3VEbU>. Acesso em: 4 de agosto 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURLAN, Miriam; MESQUIDA, Peri. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-7307201607909>

GALEANO, Eduardo. 2010. As veias abertas da América latina. São Paulo: L&PM, 1971.

Gil Ministro da Cultura em Paraty / 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qeb2L3oZpzc> Acesso em 18 de agosto 2023

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico- Raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: [http://www.apoesp.org.br/sistema/ck/files/5\\_Gomes\\_N%20L\\_Rel\\_etnico\\_raciais\\_educ%20e%20descolonizac%20do%20currículo.pdf](http://www.apoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizac%20do%20currículo.pdf)

GONÇALVES, Luciene Ribeiro Dias. POLÍTICAS CURRICULARES E DESCOLONIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS: A LEI 10.639/03 E OS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES. Revista Educação e Políticas em Debate – v. 2, n. 1 – jan./jul. 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/24059/13257>

LIMA, Stefany Lopes de. Cores e Valores : graffiti e arte/educação periférica. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Artes Visuais) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50030>

MATHEUS, Letícia. Memória e identidade segundo Candau. Revista Galáxia, São Paulo, n. 22, p. 302-306, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/6737/6073>

MENDES, T. C.; BACCON, A. L. P. SER PROFESSOR E MANTER-SE NA PROFISSÃO: UM ESTUDO COM DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Educação: Teoria e Prática, v. 27, n. 55, p. 389-407, 19 nov. 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/11056>

OLIVEIRA, M.O.; PAZ, T.R.S. OUTROS RUMOS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS - PARA ONDE CAMINHAMOS?. Educação (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 1, p. 118-126, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/reveduc/v37n01/v37n01a14.pdf>

O NEGRO DA SENZALA AO SOUL DOC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=517SFMevztA>. Acesso em: 11 de agosto 2023.

PINHEIROS, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SANTOS, Jailson Valentim dos. Voos poéticos no ensino de arte: uma experiência em uma escola pública de Caicó-RN. 1. ed. Natal: Offset, 2022.

SILVA, Arlete Vieira da. A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA EM ESCRITAS NARRATIVAS: A DIMENSÃO AUTOPOIÉTICA. PERSPECTIVA, Erechim. v. 40, n.152, p. 17-25, dezembro/2016. Disponível em: [https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/152\\_590.pdf](https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/152_590.pdf)

SILVA, M. B. e. Memórias de vida-formação de mulheres professoras. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.], v. 5, n. 15, p. 1407–1420, 2020. DOI: 10.31892/rbpab2525

-426X.2020.v5.n15.p1407 -1420. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8295>. Acesso em: 21 ago. 2023.

SILVA, M. B. e. REFLEXOS HISTÓRICOS: POR QUE UMA AULA DE ARTE?. Educação: Teoria e Prática, v. 29, n. 61, p. 269-286, 27 ago. 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/10860>

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Câmara Brasileira do Livro, Sp, Brasil. Editora Vozes, Petrópolis-RJ, v.5, p. 56-111. 2005. [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2724102/mod\\_resource/content/1/Saberes%20docentes%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o%20profissional.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2724102/mod_resource/content/1/Saberes%20docentes%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o%20profissional.pdf)

Vozes da Floresta | Ailton Krenak. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJIh1os4w&t=5s>. Acesso em 13 de agosto 2023